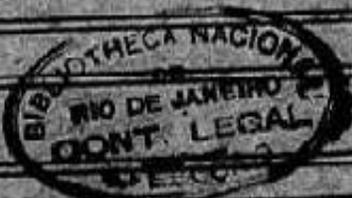


Anno IV

JANEIRO-FEVEREIRO DE 1930

Num. 19



Revista

— DE —

Ensino

Orgão Oficial

DO DEPARTAMENTO GERAL DA INSTRUÇÃO PÚBLICA DE ALAGOAS



MACEIÓ

Estado de Alagoas

BRASIL

Na Terra Natal

DE

Costa Rego

DA ACADEMIA ALAGOANA DE LETRAS

Collectanea dos melhores discursos políticos e literarios do incisivo homem de letras e das suas mais altas inspirações como homem de governo no quatriennio estadual de 1924 | 28

INDICE:

Aos alagoanos do Recife—A revolta de São Paulo—Repressão ao bandidos—As administrações municipaes—A função do governo—A Paulo Affonso—Em Fernão Velho—No Lyceu Alagoano—Saudação ao Presidente Washington Luis—Após o attentado—No tumulo do Dr. Eugenio Soares—Resumo dos quatro annos—Palavras ao Congresso Legislativo—Na Academia Alagoana de Letras—No Tribunal Superior—Falando ao “Diario da Manhã”—Na Associação Commercial—O papel dos Partidos—Na terra natal—Revendo antigas afeições—Democrito Gracindo, orador—De volta á Camara.

Á venda em todas as livrarias de Maceió--4\$000

REVISTA DE ENSINO

Orgão Official

DO

DEPARTAMENTO GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA DE ALAGOAS

PUBLICAÇÃO BIMENSAL

N.º 19 -- JANEIRO -- FEVEREIRO -- 1930

Assignatura annual.	24\$
semestral.	12\$
Numero avulso.	4\$

Imprensa Official

REDACÇÃO :

RUA DA BOA VISTA N. 184, 1.º

ACADEMIA DE SCIENCIAS COMMERCIAES DE ALAGOAS

FUNDADA E MANTIDA PELA

Sociedade Perseverança e Auxilio dos Empreendedores

Equiparada á sua congénere da Capital Federal pelo Decreto 4724 A, de 23 de Agosto de 1923

Prepara convenientemente os seus alumnos
para Contadores, Agentes consulares,
Peritos judicarios, Empregados de Fazenda,
de Bancos etc.

Mantém 3 cursos: Anexo ou de Preparatorios;
Geral ou de Contadores, e Superior
ou de Bachareis em Sciencias Commerciaes

Admitte alumnos LIVRES, independentes dos Cursos
Seridados, sem exame.

SUBMINISTRA CONVENIENTE INSTRUÇÃO TECHNICA E LITTERARIA.

DISPÕE DE UMA BIBLIOTHECA DE 7000 VOLUMES

Director — DR. AUGUSTO GALVÃO
Secretario — AURYNO MACIEL

Séde: Rna 15 de Novembro, 418 — MACEIO

Formação da linguagem

Dr. Antonio de Sampaio Dória

da Faculdade de Direito de S. Paulo

Independente porém, destes exercícios directos, todos os professores podem contribuir para desenvolver a espontaneidade oral, exigindo exposições nas aulas em linguagem improvisada. Condemnará, de alto a baixo, as lições de cór em que os discípulos pensam e vilmente, e não se accorram em linguagem propria. Uma vez que o assumpto seja bem sabido, tenha comprehendido bem, as lições oraes devem ser na linguagem que accudir no momento. As lições não terão talvez o brilho e a precisão da linguagem decorada. Mas não se lhe comparam no valor educativo. As lições de cór, na hypothese rara de assumpto bem sabido, podem, quando muito, desenvolver a memoria verbal. Mas nunca a faculdade de improvisação oral.

Tambem não premiando com boas notas a quem só se exprima com as palavras textuaes do livro ou da explicação ouvida. Uma lição tal qual está no livro não merece louvor. Dada, porém, com espontaneidade, ainda que menos bem do que se fosse decorada, merece nota boa, como estímulo para que continuem a expôr em linguagem propria.

A principio, por deficiencia de linguagem, se valerão a miudo de expressões alheias. Mas alguma coisa o põem de seu, e, pouco a pouco, o que é proprio excederá ao que é alheio. Por esta fórma, todos os professores, ao par da sua missão especifica, são professores de linguagem.

Os discipulos, a quem a boa fortuna só depararem professores de tão

subido merito, saberão sem grande espera falar com espontaneidade, fluencia e correcção sobre seja qual for o assumpto que estudem.

Basta que fixem bem as idéas; a linguagem, que as revestirá, improvisarão sem difficuldade.

Se trouxerem do berço a intuição do genio, serão oradores eloquentes, exuberantes e pomposos, ou comedidos e sobrios, mas sempre eloquentes. Cada qual á feição do seu temperamento, mas impeccavel sempre.

Passemos, afinal, aos exercicios com que se adextra a faculdade de improvisar linguagem escripta perfeita.

Os de linguagem escripta

Ainda aqui, á parte o pensamento de que noutro lugar se trata, a linguagem escripta comprehende a palavra e a calligraphia.

Da calligraphia já nos referimos o quanto baste.

Não tem ella o mesmo prestimo que a calliphasia.

Já se conseguirá o bastante, obtendo-se legibilidade dos caracteres e agilidade no traçá-los.

A palavra em si é quasi tudo. No aperfeição-la até o pensamento se aperfeioa. Não é exequível a forma, a idéa mesma se modifica para melhor.

Dividamos a expressão verbal escripta em tres partes: a orthographia, o vocabulario e o estylo.

a) A orthographia é indispensavel á fixação uniforme e bom entendimento dos idiomas. A leitura attenta

já vai memorizando imagens visuaes dos vocabulos.

Mas não basta. E' preciso accrescentar-lhes exercicios de copia e ditados.

As copias de trechos apropriados á comprehensão infantil são os melhores exercicios orthographicos. Podem começar desde o apprendizado da leitura. O professor, depois de haver seleccionado o vocabulario mais conveniente aos alumnos, graduá-lo-á em pequenas doses, e, de preferencia, com assumptos interessantes.

Mas, ainda que bem escolhidos, os ditados só valem, como exercicios orthographicos, quando corrigidos pelos proprios alumnos.

No fim de algum tempo, a orthographia é subconsciente. A theoria, que depois se aprenda, virá illustrar ou completar a educação orthographica já consummada.

b) O vocabulario que se adquire para a linguagem oral, é o mesmo para a escripta, posto nem sempre se escreva como se fala. E' lendo os bons escriptores que conseguimos enriquecer a nossa linguagem

Os exercicios de synonymos decaem logo na decoração que tudo estraga, e nunca dão o sentido exacto e rigoroso como no contexto da phrase em que figurem. E' lendo toda a phrase, toda a sentença, todo o periodo que se ha de apreciar o valor exacto de cada palavra. Claro está: lendo escriptores que amem e saibam a sua lingua.

c) O estylo por fim.

Será o estylo susceptivel de apprendizado? Não será antes dom nativo que escapa de todo á acção educativa?

Costuma-se dizer que o estylo não se aprende. Em termos. Se aprender fosse tudo receber de fóra, o estylo não se aprenderia. Mas se fôr tambem, como é, imprimir germes nativos, clareza e harmonia, o estylo se aprende, e se aperfeiçoa.

Embora manciaras pessoas de exprimir, ha, nos estylos, por mais numerosos e variados, elementos communs a todos. E esta parte commum

briedade, a concisão, a brevidade sem seccura ou estreiteza, que se contrapõe á superfluidade, á diffusão, á prolixidade em que a idéa se dilue ou anoitece. E', ali, a harmonia, a musica, a sonoridade contra a dureza dos sons, a grosseria dos choques e o enfado das repetições. O equilibrio, a proporção e o movimento são qualidades assimilaveis, como até a clareza, a transferencia, a ordem.

Por outro lado, os vicios de estylo, como palavras arcaicas, phrases rebuscadas, e torneios do arrebique, podem e devem ser evitados. O que personaliza o processo de escrever, o que originaliza o estylo, é a maneira propria de usar as qualidades literarias. Com dois olhos, uma testa, um nariz, uma bocca, um queixo e duas faces, podem-se compôr todas as physionomias humanas. A originalidade não está em carregar-se a mão aos defeitos que extremam; não é o exotismo, a caricatura e a excentricidade, mas a espontaneidade correntia da expressão, sem sair do vocabulario commum, na simplicidade das phrases e na exactidão dos termos.

Um estylo original esplende e encanta não pelo esforço que revele, mas pela naturalidade com que se succedem, sem artificios, nem chapas, as palavras exactas, simples, de uso commum.

A espontaneidade é que não se aprende. Mas as regras geraes de estylo, estas se aprendem a adquirir em exercicios numerosos.

Antes de indicar os principaes, advirta-se na condição preliminar para escrever bem. E' só se escrever o que se sinta. Antes de bem pensado, nada escrever. A sinceridade é a vara magica da clareza. Escreve-se necessariamente mal o que não se sabe bem.

E é facil escrever com clareza o fluencia o que se tenha comprehendido claramente.

Dahi, a preparação previa para os exercicios de redacção. Mandar a um camponês que descreva uma tempestade em alto mar, a elle que nunca

vira o mar, nem no cinematographo, seria força-lo á insinceridade, e condemna-lo ao fracasso desastroso. Só se redige direito o que está evidente no espirito, e, quanto mais evidente l' estiver, como as scenas vividas, melhor se redige. Depois o escrevê-las.

Feita esta advertencia, examine-mos alguns exercicios com que se adextra a arte de escrever.

Primeiro, as leituras

Como para desenvolver a linguagem oral, a leitura é da linguagem escripta a constante inspiradora.

Ninguem adquire facilidade em escrever bem, sem a cuidada e diuturna leitura dos mestres.

Mas leitura vagarosa, attenta e annotada. Ler a todo vapor pode re-crear, mas não edifica. Desattenta, pouco se percebe. Sem notas, pouco se conserva.

Mercê dos exercicios de analyse, já o educando assimila, com rapidez e inteireza o que lê. Agora, ao ler, não tem pressas, nada lhe escapa, e vae annotando o que mais lhe interesse ora, termos insubstituiveis para certas idéas, ora, phrases que rutilam e palpitam. Aqui, é um dialogo fiel, tal como ouviu.

Ali, uma subtileza de espirito. Além, um pensamento feliz. Neste passo, descobre um processo de composição.

Naquelle, se detem em reparar a pintura e o colorido. Adiante, é a fluencia e o realismo que o attrahiam.

Além, é a justeza e a graça do dizer. Nada de mais relevo, em summa, lhe passa despercebido, e sem uma nota com que melhor retenha. Se grande for o interesse despertado pela leitura, é possível que tenha até prazer em lhe summariar cada capitulo, cada parte, ou toda ella.

Nem todo livro, porém, serve para taes exercicios. Dos que nos costumam cair em mãos, raros resistem a duas leituras. Logo na primeira, antes, ás vezes, do fim, já se lhe foi todo o attractivo. Lêde, porém, a "Odysséa", ou "D. Quixote", o "Mer-

cador de Veneza", ou "Salambô", a "Divina Comedia", ou "Os Lusíadas". Ninguem esgota, nem uma vez, o manancial de ensinamentos e de bellezas que elles encerram. São livros que sobreexistem a quantas leituras se façam. Não perdem nunca o interesse, a originalidade e a frescura, uma como eterna novidade, cheia de graça e belleza.

Exercicios de concisão

Os mãos escriptores escrevem com prolixidade, amontôam palavras com que estiram a mesma idéa, e, afinal, não dizem quasi nada. Estylo de jornal, ideas frouxas e poucas, expressões derramadas.

Supponha-se este periodo:

"Cada um de nós só pode attingir a felicidade, quando tem por si a protecção de Deus".

O Padre Antonio Vieira escreveu:

"Só se é feliz com a protecção de Deus".

E' commum ouvir-se:

"O professor alphabetizára em meses crianças que não sabiam ler nem escrever".

A clausula "que não sabiam ler nem escrever" é redundante. Não se alphabetiza quem já sabe ler e escrever.

Num livro de real merito, certo escriptor cochilou:

"Ema enrolou a sua minguada mudança num laço de cabeça!"

Evidentemente o adjectivo *minguada* é superfluo. Não pôde deixar de ser pequena a mudança que caiba num laço.

Ainda este:

"Numa revista daqui, que se publica todos os meses, Paulo confessou que tomou parte na resolução do crime que tanto horror causou a todos".

A lima teria reduzido:

"Nma revista mensal daqui, Paulo confessou-se coautor no horroroso crime!"

Metade de palavras, adensando a phrase, para illuminar a idéa.

Exercicios desta natureza criam qualidades de escriptor.

O material não falta. E' só abrir

livros, ou jornaes e revistas. Por toda parte, as phrases diffusas sobrelevam ás concisas.

Já nos exercicios de analyse logica, o professor de tino ensinou a brevidade sem secura. Ao analysar, por exemplo phrases como esta:

"Depois que varias vezes foi acareado com o preso, Fulano, que era accusado de chefe, provou, de maneira que não ficasse nenhuma duvida, que não tinha culpa alguma na conspiração que abortara".

A clausula adverbial: "Depois que varias vezes foi acareado com o preso", pode ser substituida pelo adjuncto adverbial: "depois de varias acareações com o preso". A subordinada adjectiva: "que era accusado de chefe", pode ser reduzida a este adjuncto restrictivo: "accusado de cabeça". A clausula adverbial: "de maneira que não ficasse nenhuma duvida" é equivalente á locução adverbial "á saciedade". A oração substantiva: "que não tinha nenhuma culpa na conspiração" melhor se exprimiria: "a sua innocencia na conspiração". E finalmente, a oração adjectiva "que abortara" nada perde em ser trocada pelo adjectivo "abortada". O periodo se concisaria então:

"Depois de varias acareações com o preso, Fulano, accusado de chefe, provou á saciedade a sua innocencia na conspiração abortada".

A grande regra de estylo é só usar clausula na falta da phrase mais simples, ou mera palavra equivalente.

Passemos á terceira ordem de exercicios.

Os exercicios de bom gosto

Muitas vezes a clareza é meridiana, o trivial da grammatica está salvo, e a vernaculidade é impecavel. Mas a linguagem é monotona, dura e chocante. Outras vezes é clara, mas pentuada de hiatos, sibilante de dissonancias, grosseira em cacophatos, emperrada de repelições. No entanto, o idioma é plastico, é opulento, e carcece apenas de labor e arte.

Quem subscreveria, por exemplo, este periodo?

"O meu medico que me assiste, me declarou á fé de seu gráo que o que eu tenho, é doença dos já caducos que nada têm, e que se queixam de tudo".

Esta repetição de *ques* e de *me*, este *fé do seu gráo*, este *já cá*, o periodo é todo duruso, aspero e sem gosto. Não se esmerando no buril, poder-se-ia simplificar:

"O meu medico assistente jurou-me ser o que eu tenho doença igual á dos já caducos que nada têm e que de tudo se queixam".

Com um pouco de esmeril, terse-ia:

"O medico me assegura ser imaginaria a doença que soffro".

Não é precisamente o mesmo, porque toda melhoria da forma aperfeiçoa sempre a idéa. Ganha-se pelos dois lados.

Outro exemplo:

"*Via-se* sobre as portas um toldo de esteiras finas...

Havia pelas sombras moços languidos de cabellos frisados em cachos... Além dessa rua indolente, *encontrava-se* uma praça..."

Este *ver*, *haver*, *encontrar* podem ser substituidos para maior relevo e brilho, como escreveu Eça:

"Um toldo de esteiras finas *assombreava* as portas... Pela sombra, *preguiçavam* moços languidos de cabellos frisados em cachos... Além dessa rua indolente, *abria-se* uma praça..."

Mais este:

"Por baixo *notava-se* a muralha nova... Para além *deparavam-se* jardins e pomares... Da arcaria ao fundo *havia* um velario dum estofado escarlata, franjado de ouro... Por cima dos turbantes alvos apinhados, *viam-se* pontas de lança..."

Sempre a mesma sensaboria do *haver*, do *ver*, do *notar*, do *deparar*. Eça estylizou:

"Por baixo corria a muralha nova... Para além *floriam* jardins e pomares... Da escadaria ao fundo es-

va... Para além floriam jardins e pomares... Da escadaria ao fundo estendia-se um velario de um estofado escarlate, franjado de ouro... Por cima dos turbantes alvos apinhados, *brilhavam* pontas de lança..."

O segredo do estylo nestas phrases está em derivar o verbo do facto ou qualidade que se deseje resaltar no agente.

Nas lanças o brilho; no velario o estender; nos jardins o florir, na muralha a illusão de correr ante os olhos que a contemplam; na praça o abrir-se a quem della se aproxima; nos moços a preguiça que mostravam; e nos toldos a sombra que faziam.

Porque dizer:

"Nos minaretes, erguia-se uma bandeira desfraldada" e não:

"Nos minaretes, desfraldava-se uma bandeira"?

Porque:

"No centro da praça elevava-se uma estatua de marmore preto, que luzia ao sol", e não:

"No centro da praça negrejava ao sol uma estatua de marmore?" A falta de gosto, outras vezes, deriva da pobreza de vocabulario.

Em lugar de escrever-se ainda que em mais de uma pagina:

"Accusa-o de confuso no que fala... Accusa-o de obscuro no que escreve... Accusa-o de embrulhado nos negocios que trama. Accusa-lhe de má a vida que leva... Accusa-o de vicio da preguiça... Accusa-o de tudo o que não presta". Conviria variar por esta ou

"Accusa-o de confuso... Argue-lhe de obscuro... Tacha-o de embrulhado... Averka-lhe de má a vida... Increpa-o de fingido... Acoima-o de falso... Assaca-lhe o vicio da preguiça. Anticula-lhe tudo o que não presta".

Na lingua patria, se occultam fições do ouro mais fino. E' só ter o animo do garimpeiro, para lhe desjoio, e peneirar as escumalhas e limar as rebarbas.

Depois, a paciencia do artista caprichará na ciuzeladura, para as scintillações, as harmonias e a musica nas infinitas combinações das idéas e dos sons. Com o cultivo das imagens, nos exercicios de imaginação a linguagem dentro em pouco primará em perfeições.

Os exercicios de eschematização

Immortaliza as obras primas, na arte, como na sciencia e philosophia, o plano de conjuncto, proporções, medidas, uma ordem prefigurada de execução. E' o substracto logico que lhes imprime o equilibrio, a resistencia e a durabilidade com que sobrevivem aos seus autores. Não que seja necessariamente immortal ou prima toda obra executada debaixo de um plano logico. Mas o plano, com proporções e equilibrio, é condição das obras duraveis.

Pois este plano poderá ser descoberto. E' possivel eschematizá-lo. E' este um dos melhores exercicios para a formação da linguagem escripta.

Toma-se, por exemplo, uma peça oratoria, um artigo de imprensa, a narração de um facto historico, ou todo um conto literario.

A eschematização consiste em lhe focalizar as linhas primarias, depois as secundarias, os desenvolvimentos e, até, recheios e divagações.

De analyse em analyse, chega-se aos componentes mais simples.

A leitura é, por exemplo, a deste capitulo de educação. De traçado em traçado, poder-se-ia organizar este eschema:

O valor da eschematização está em fazê-la. Se desse trabalho não resultar parcella de beneficio a quem o fizer, não ha de ser a leitura posterior de eschemas que alguma cousa possa valer.

Os professores de seja qual fôr a disciplina, devem ensinar a eschematização, parece que se perde tempo, porque se demora mais em traçá-la do que na simples leitura do seu objecto.

Mas, em verdade, o vagar é, muitas vezes, pressa. A eschematização jocira a these, esteriotypa, na retentiva, o plano a que obedeça, e é difficil depois que della a gente se esqueça. A eschematização, pois, além de processo acquisitivo da arte de escrever, é, para certas materias, como historia e philosophia, o mais intelligente processo de estudo.

Quando os professores exigem o eschema, estão, por outro lado, a contribuir para a formação da linguagem, não só porque facilita a improvisação expositiva, como porque favorece a mais perfeita assimilação.

Agora, em quinto logar:

Exercicios de reproducção

Lido com attenção um trabalho, feita a sua eschematização, o idéal seria que o reproduzissem.

A reproducção não precisa ser tal qual o original. Como exercicio de redacção, aproveita-se o assumpto, utiliza-se de algumas expressões insubstitutiveis, e põe-se de proprio o que se puder, já ampliando e desdobrando, já simplificando e synthetizando.

E' em essencia, uma imitação. Como apenas exercicio de redacção, não se plagia. O plagio estaria em dar-se como proprio o alheio que se reproduz.

A' medida que se vae ganhando em vocabulario e dominando a lingua, a parte pessoal nas reproducções cresce de tal forma, que o contingente do original se vae reduzindo mais e mais. E é este resultado o que se espera.

Finalmente, vejamos os

Exercicios de composiçào

Escrever por conta propria, sem difficuldades, em linguagem perfeita, é o que, afinal, se quer. A preparação vem de longe. Já de longe se vêm fazendo descripções, reproducções e composições faceis.

Agora, é intensificar estes exercicios.

Mas seja qual fôr o exercicio, um preceito deve ser observado com rigor. E' o de não ter pressa, é emendar sem preguiça o que se tenha escripto ao primeiro jacto. O termo exacto nem sempre acode de prompto. A ordem mais logica da composiçào neri sempre foi premeditada como convém. E' em summa, sempre possível melhorar-se o que se tenha escripto.

Ruy Barbosa, genial na arte de escrever, não se pejava de emendar o que escrevia. No artigo *Spes non fracta*, por exemplo, com que estreou um jornal no Rio, emendou, em mais de vinte lugares. Onde tinha escripto: "a tristeza amarga destes tempos" preferiu —

"a tristeza amarga destes dias".

Em lugar de: "a ferramenta primitiva, minguada, rudimentar deste ramo de trabalho nestes tempos" — adoptou: "a ferramenta grosseira, minguada, rudimentar, deste ramo de trabalho naquelles primordios".

Ao envés de: "tendo consumido nella um terço dos meus quarenta annos de vida publica", transpôs: "tendo nella consumido um terço dos meus quarenta annos de vida publica".

Depois de haver riscado o pronome nós nesta phrase: "Nestes tempos, dizia Henrique Heine, nós trabalhamos por ideas, e os jornaes são as nossas fortalezas" — teve por melhor, a uma segunda revisão, restabelecê-lo.

Só as correcções aprimoram a phrase nas suas idéas e na sua forma. Sabe-se que Lafontaine refundia até dez vezes as suas fabulas. O Padre Antonio Vieira, fazia e perfazia

os seus sermões, Tolstoi fazia viagens longas para se certificar da propriedade de um termo, e não publicava seus romances, sem os reformar não poucas vezes.

São estes os grandes modelos para quem quiser escrever bem. Compôr

sem nada emendar, com perfeição imediata, seria graça dos deuses. Contentemo-nos com a perfeição humana que eternamente se melhora a si mesma. Nada de carreiras. O tempo não respeita quem respeito lhe não tem.

CONCLUSÃO



Da Cosmographia

Palestra sobre o Sol^(*)

J. L. Ferreira Pinto

da Academia Alagoana de Letras

(Inedita para a "Revista de Ensino")

Exmas. Senhoras e Senhores:

Aqui me traz a honra de occupar vossa attenção com uma palestra sobre o Sol, na qual pretendo expôr o importantissimo papel que elle teve de representar no conjuncto das concepções humanas.

Não é meu proposito fazer uma preleção astronomica; mas nem por isso devo guardar silencio sobre os principaes caracteristicos de um astro que é para nós o mais eminente de todo o universo por ser a nossa grande fonte de luz, de calor, de magnetismo, de electricidade, de energia e de vida.

Sei bem que não venho a esta tribuna dizer novidades; mas, falando para o publico em geral, estou bem certo de que, si para os que sabem, pouco ha que recordar, em compensação, para os que não sabem, algo existe que aprender.

O Sol é a estrella que mais perto está de nós, e tão perto que sua luz diffusa, agindo sobre nossa retina muito mais fortemente que a luz das demais estrellas, não permite que estas sejam vistas durante o dia.

Recorrendo-se, porém, a uma luneta, ou descendo-se até ao fundo de um poço, as estrellas tornam-se visiveis, e tanto mais quanto mais fundo é o poço, porque vai diminuindo de intensidade a luz diffusa.

Fóra d'esses casos as estrellas apparecem naturalmente de dia, ou por occasião dos eclipses do Sol, ou quando, com o céu nublado, se rasga uma fenda nas nuvens pondo a descoberto o céu azul.

Não obstante a proximidade em que estamos do Sol, a distancia que nos separa é colossal.

Por muito tempo se acreditou que era instantaneamente que sua luz chegava á Terra, até que no seculo XVIII, o astronomo dinamarquês Olaus Romer, observando os eclipses dos satellites de Jupiter, pôde calcular que a luz percorre 77.000 leguas por segundo.

Pois bem, gastando a luz do Sol oito minutos e treze e meio segundos para chegar a nós, o que quer dizer 500 segundos em numeros redondos, a distancia em que nos achamos do Sol é, portanto, de 500 vezes 77.000 leguas.

Imagina-se melhor a enormidade da distancia, sabendo-se que um trem expresso com a marcha de 50 kilometros por hora, gastaria três seculos e meio para ir da Terra ao Sol.

E' uma distancia espantosa; mas ainda assim insignificante, si considerarmos que a luz da estrella *Alpha* da constellação do Centauro, que é a mais proxima de nós depois do Sol, gasta — não minutos, não horas, não dias, não meses e sim mais de 3 annos para chegar a nós!

E ainda assim, esta distancia é pequena, si a compararmos com a da formosa *Sírius* da constellação do *Cão Grande*, e com outras, muitas outras, seis milhões de outras espalhadas no universo, que, como disse Pascal, é uma esphera infinita, cujo centro está em toda a parte e a circumferencia em parte alguma.

Desses seis milhões de sóes, apenas 5.000 são visiveis a olho desar-

(*) Conferencia feita na Academia Alagoana de Letras em 25 de agosto de 1928.

mado, e no meio delles é o nosso Sol um pigmeu!

Basta considerar que *Sirius*, não sendo dos maiores astros, é um milhão de vezes maior que elle. Entretanto o Sol é enorme em relação á Terra.

Sua massa é tal que são precisos 354.936 globos terraqueos para se ter um só globo do Sol, sendo seu volume 1.407.124 vezes maior que o da Terra.

Com taes differenças, qualquer de nós, tendo o peso de 70 kilogrammos, teria no Sol cerca de duas toneladas; e podendo saltar na Terra a um metro de distancia, a mesma força muscular no Sol apenas permittiria um salto de três centímetros!

Um professor d'Angers, para dar a seus discipulos uma idéa bem clara do tamanho do Sol em relação ao da Terra, contou os grãos de trigo contidos num litro e achou dez mil. Em seguida mediu 140 litros e os despejou, formando uma pyramide de um milhão e quatrocentos mil grãos.

Depois collocando um só grão ao lado desse monte, disse: "Eis aqui a Terra e ali o Sol."

Entretanto, ha 2.500 annos o philosopho Anaxagoras, que teve discipulos da ordem de Euripedes, Pericles e Socrates, esteve quase condemnado á morte pelos athenienses, por se ter arrojado a dizer que o Sol era maior que a pequena península do Peloponeso!

Com 72 annos de idade teve de retirar-se de Athenas, morrendo 3 annos depois.

Mas si isso aconteceu 5 seculos antes da era catholica, cousa muito mais deshumana occorreu nos tempos modernos com um philosopho italiano,—o monge dominicano Giordano Bruno, que, a 17 de fevereiro de 1600, foi lançado vivo numa fogueira, e suas cinzas atiradas ao vento, por ter affirmado que as estrellas eram outros tantos sóes; o que importava affirmação heretica.

Heretica fôra tambem, na antigui-

dade, considerada a conducta de Socrates, falando a seus alumnos contra os deuses, o que determinou sua prisão e por fim sua morte pela eucuta.

A Historia está cheia desses crimes monstruosos praticados em nome das religiões, e a proposito merecem ser lembradas as palavras seguintes do infeliz monge dominicano:

"As nossas opiniões não dependem de nós: a evidencia, a força das cousas, a razão e a vontade de Deus no-las impõem. Si ninguem pensa o que quer, nem como lhe apraz, nenhum homem tem o direito de constranger outro homem a pensar como elle. Cada qual deve supportar com indulgencia e tolerancia as crenças alheias. A tolerancia, fé natural gravada em todos os corações bem formados, fruto da razão cultivada, é uma exigencia irresistivel da logica, como é um preceito de moral e de religião."

(Alphonse Esquiros—*Historia dos Martyres da Liberdade*—Tradução de A. Gallo).

O monge foi queimado vivo; mas a verdade, entretanto, é que as estrellas não são somente outros sóes, mas naturalmente sóes com planetas girando-lhes em torno.

E' o que se verifica em *Sirius*, onde, não obstante a espantosa distancia em que está, o astronomo M. Clark, por meio de um possante telescopio do Observatorio de Cambridge, já lhe descobriu um planeta; sendo tambem descobertos outros em torno das bellas estrellas *Procyon* da constellação do *Cão Pequeno*, e *Antares* da do *Coração do Scorpião*.

Além d'isto é grande o numero das estrellas duplas, triplas e quadruplas, em que as menores giram em torno das maiores como verdadeiros systemas solares.

E hoje é uma hypothese racional a habitabilidade dos planetas, veladamente preadmittida ha dois secu-

los por Fontenelle em seu interessante trabalho sobre a *Pluralidade dos Mundos*.

Voltando ao Sol, passo a consignar que sua superfície apresenta manchas de tamanho variavel, mais ou menos negras, que se movem do bordo oriental para o occidental, e que são visiveis aproximadamente durante 13 dias, desapparecendo de um lado para reaparecerem de outro.

De dia em dia, e mesmo de hora em hora, ellas se contraem e se alargam, mudando de fórma, e frequentemente fazem em torno do Sol de uma a duas revoluções.

Algumas vezes uma mancha se rompe e se divide em muitas outras á semelhança das escoras de um metal em fusão.

A observação d'este phenomeno, (cujas diversas hypotheses não estão no plano d'esta palestra), — deu lugar á descoberta do movimento de rotação do Sol, em 25 dias e meio, tendo o eixo uma inclinação de cerca de 90° sobre a ecliptica.

E, opinião corrente que o Sol se compõe de um nucleo obscuro, coberto de uma atmosphaera densamente nublada, tendo, contornando-a, uma atmosphaera luminosa ou photosphaera, e mais uma terceira diaphana, exterior e reconhecida pelas observações dos eclipses solares.

Isaac Newton, tendo introduzido por um orificio em uma camara escura um feixe de raios luminosos, que elle fez atravessar um prisma de crystal, obteve a transformação da luz branca nas mesmas côres do arco-iris, ou sete côres principaes, a que denominou *espectro solar*: — violeta, indigo, azul, verde, amarello, alaranjado e vermelho.

Por uma serie de estudos e experiencias, chegou á conclusão de que a luz do Sol se compõe de raios luminosos dessas sete côres; e tirou a prova dessa verdade, recompondo com as mesmas côres a luz solar.

Para isso empregou um prisma afim de decompôr a luz, e ao lado

d'elle, para receber o espectro, collocou outro prisma com o mesmo angulo refringente do primeiro, mas em posição inversa; e o resultado foi que o segundo destruiu a dispersão do primeiro, obtendo-se um feixe emergente de raios incolores, isto é, da luz branca do Sol.

Outras experiencias com espelhos e com discos coloridos foram realizadas com successo, o que levou Fontenelle a dizer pittorescamente que Newton fizera a autopsia da luz.

Mas um seculo depois reconheceu-se que lhe escapára uma observação importante, talvez pela natureza da materia prima de seus prismas.

Wollaston, em 1802, descobriu nas côres do espectro solar uns riscos delgados parallellos, e todos perpendiculares ao comprimento do espectro; cabendo, porém, a Fraunhofer, em 1815, a gloria de estudar seriamente o assumpto por meio de numerosissimas observações, pelas quaes ficou evidente que a luz ou chamma de cada corpo produz espectros com riscos differentes.

Esses riscos ficaram tendo o nome de riscos de Fraunhofer, e representam uma grande conquista para a Sciencia pelo nascimento da analyse espectral, que permite de longe, com o espectroscopio, saber-se com toda a positividade a natureza do corpo ou dos corpos que produzem a luz.

Nunca devemos perder a opportunidade de relembrar os serviços dos grandes homens, e neste momento eu acabo de fazê-lo para que ninguem tenha duvida sobre a affirmação de que a atmosphaera do Sol contem em estado de vapor estanho, chumbo, antimonio, cobre, cal, e a maior parte, em summa, das substancias chemicas que existem na Terra.

Analysando a luz dos planetas, reconhece-se, pela identidade dos espectros, que ella é a mesma luz do Sol reflectida sobre nós; mas a analyse da luz das estrellas já nos apresenta espectros de muitos corpos que se não encontram na Terra, ou que,

pelo menos, ainda não foram descobertos.

A inexistencia, porém, desses corpos no nosso pequenino globo, que não passa de simples atomo no universo, é explicavel pelo proprio facto de não terem todas as estrellas a mesma composição, como bem se deve deduzir do colorido variado de suas luzes.

Nosso Sol é uma das 120.000 estrellas da constellação da Via Lactea, de que fazemos parte, e tem um movimento sensivelmente rectilineo no sentido da constellação de Hercules, com a velocidade de 7.817 kilometros por segundo, conforme as observações de Herschel, Argelander e Struve.

Nessa corrida fantastica, elle, não obstante um pigmeu, leva um sequito majestatico, composto de 8 planetas, com 23 luas, centenas de asteroides ou planetoides, e mais os anneis concentricos de Saturno.

Todo este numeroso sequito giralle em torno, uns directamente, como os planetas e os asteroides, outros indirectamente, como as 23 luas e os 3 anneis saturninos.

E' o systema solar dos tempos modernos.

Os antigos não faziam a tal respeito a menor idéa da verdade, como passo a lembrar, começando por Moysés.

Seus trabalhos, como se deu mais tarde com os de Aristoteles, condensam a mentalidade contemporanea, e demonstram o estado sincretico da epoca, isto é, que o povo não se regia por uma religião organica, mas pela mistura de destroços ou residuos de varias religiões ou cultos.

A systematizaçào dos conhecimentos do tempo, elaborou-a o grande legislador hebreu em torno de sua concepção monoteica, tornando-se por isso mesmo o maior dos theocratas.

A Biblia é uma collectanea de muitos livros, na sua maioria de origem

épocas por sabios, philosophos e theocratas: sendo os principaes os que formam o Pentateuco, e que os doutores judeos verteram para o grego em 284 antes de Christo.

Esse trabalho teve o nome de versào dos *Setenta*, porque foi approvada e declarada authentica pelos 70 (aliás 72) juizes do Sanhedrim.

Mais tarde Origenes, doutor da igreja grega, deu á Biblia a fórma de versiculos, e São Jeronymo no 4º seculo, verteu toda ella para o latim, trabalho que se tornou conhecido pelo nome de *Vulgata*.

Mas não obstante o grande valor da *Versão dos 70* e o valor ainda maior da *Vulgata*, nem uma, nem outra exprime hoje rigorosamente o pensamento do passado, porque a Biblia, mui lentamente embora, se vem adaptando á evoluçào intellectual da Humanidade.

Pela Biblia o céu era solido, tendo nelle engastadas as estrellas.

Com uma abobada assente na linha do horizonte, especie de queijeira, esse céu cobria a Terra plana, prolongando-se as aguas pela parte de cima da abobada.

A Terra estava mergulhada nesse *mare-magnum*, servindo o firmamento para separar as aguas de cima das aguas de baixo.

E' o que se pôde vêr na Historia do Testamento, que figura entre os ineditos dos seculos XIV e XV, publicados por Frei F. de S. Boaventura.

Diz o Capitulo II — Obra do Segundo Dia:

“E no segundo dia fez Deus o firmamento em o meogoo das auguas, convem a saber, huã cobertura do mundo feita d'auguas congeladas fort asi como cristal, e luzente, que contem em si todas as cousas sensivijs, asi como a cobertura do ovo. En este firmamento estam ficadas as strellas, e hé chamado firmamento, porque é termo das auguas que estam sobre ele en guisa que o nom podem transpassar.

guas, que som sobre ele das outras auguas, que som só ele, e som así congeladas, así como o dicto firmamento así como cristal.

“E chamou Deus a est firmamento cœo, porque cobre todas cousas, e foi feito vespera e manhã dia segundo.”

A crença no cœo solido se manteve por alguns milênios, embora transformando-se a abobada da Biblia em esphera giratoria, como se lê em Vitruvio, que escreveu pouco antes do surto do catholicismo:

“O cœo é que gira incessantemente em torno da terra e do mar sobre um eixo cujas extremidades são como 2 quicios que o sustentam; porque, nestes 2 sitios, a potencia que governa a natureza fabricou e collocou esses quicios como 2 centros, dos quaes um vai da terra e do mar parar no alto do mundo, perto das estrellas do septentrião; e o outro, em sentido opposto, vai por baixo da terra parar no sul; e em torno desses quicios, como em torno de 2 centros, ella poz pequenos cubos semelhantes aos de uma roda ou de um torno, sobre os quaes o cœo gira continuamente.”

(FLAMMARION — *Vie de Copernic*).

Corroborando o pensamento da antiguidade sobre a terra plana, expresso na Biblia, ha um livro chinês multimilenar chamado *Tchcon-li* e do qual consta que o chefe da dynastia dos Tchêon tinha edificado sua capital em Lo-yang, na provincia do Ho-nam.

E nessa cidade, segundo os geometras chinezes, “estava o meio da Terra e o ponto de união das quatro ctações, como tambem do vento, da chuva e dos principios de repouso e movimento”. (*)

As velhas tradições chinezas dão o theocrata Fo-hi como o fundador do Imperio.

Fo-hi é um dos grandes typos hu-

manos a quem a civilização ficou a dever muitos serviços, um dos quaes a concepção da linguagem escripta, que elle realizou por meio de cordas e nós combinados com os trigrammas de sua invenção.

“A elle succedeu Kong-kong, homem, conforme a tradição, bastante soberbo e muito cruel, que deu uma cornada contra as columnas do cœo, fazendo este tombar do lado do sudoeste, de modo que se abriu na terra uma brecha, e originou-se um grande diluvio.

“Nin-ona, filha de Fo-hi, venceu o primeiro dos rebeldes que foi Kong-kong, restabeleceu os quatro pontos cardeaes e a paz do universo”.

A *Genesis* não menciona a existencia de planetas, embora já se houvesse descoberto, pelo menos na Caldêa e no Egypto, que algumas estrellas se moviam.

A primeira d'ellas observada pelo seu deslocamento de um dia para outro foi a radiante estrella d'*Alva*, nome por que é conhecido o planeta *Venus*; tempos depois observou-se o mesmo facto com um astro brilhante que veio a ser chamado *Jupiter*, e que fazia a volta do cœo em 12 annos; depois percebeu-se o menos brilhante, *Marte*, fazendo a mesma volta em 2 annos; em quarto lugar descobriu-se o ainda menos brilhante, *Saturno*, percorrendo lentamente, em 30 annos, toda a curva do cœo; e por fim, muito mais tarde, deu-se com um quinto astro movel, *Mercurio*, que apparecia ora de manhã, de um lado; ora de tarde, de outro lado do Sol.

Estes 5 astros tiveram o nome de planetas, que quer dizer *errantes*, por serem os outros fixos na esphera de crystal; e giravam segundo se suppunha dentro d'ella, bem como o Sol e a Lua, cada qual preso a um circulo proprio, e todos distinctos da mesma esphera.

Pela astrolatria dominante, estes sete astros patrocinaem sete dias, dando-se deste modo o surto de uma

(*) A. Ott — *L'Inde et la Chine*.

medida de tempo, que veio por isso mesmo a se chamar *semana*.

O 1.º dia foi consagrado ao astro mais importante, ao Sol, também chamado *O Senhor*, e teve o nome de "dia do Sol", "dia do Senhor", dia da 1.ª feira ou Domingo.

Ainda hoje o alemão chama ao Domingo — o dia do Sol — *Sonntag*; também o holandês — *Zondag*; igualmente o inglês — *Sunday*, etc.

Lembro de passagem que Santo Eloy, quando foi bispo de Noyon, no século VII, prohibiu que em sua diocese se chamasse ao Sol — *O Senhor* e que se jurasse em nome d'elle.

O 2.º dia foi consagrado á Lua, como ainda hoje se reconhece por muitas linguas, e corresponde á 2.ª feira; o 3.º a Marte; o 4.º a Mercurio; o 5.º a Jupiter; o 6.º a Venus; e o 7.º a Saturno, que é o Sabbado, ultimo dia da semana, rigorosamente de guarda para os judeus, pela propria legislação de Moysés, e que por isso mesmo é o unico que não tem feira.

Dion Cassius, historiador de Nicéa, e que viveu no 3.º século, pretende que os egypcios foram os primeiros que dividiram o tempo em semanas.

Assim sendo, e por outro lado havendo o fundador do monotheismo judaico justamente se educado e instruido no Egypto, onde era ensinada, como também na Caldéa, a lenda da criação, é fóra de duvida que os 7 dias do "Genesis" são de facto 7 dias e não 7 épocas, como têm admitido alguns commentadores da Biblia.

Na antiguidade nem os gregos, nem os romanos conheceram a semana: os gregos dividiam o tempo em decadas e os romanos em novenas.

A semana só entrou no Occidente com a propagação do catholicismo que transformou o seu primeiro dia em ultimo, sendo por isso contada do 2.ª Feira ao Domingo.

Já disse ha pouco que, presos cada qual a seu circulo, os 7 astros, isto é

— o Sol, a Lua e os 5 planetas, giravam dentro da esphera solida em que estavam engastadas as estrellas.

Esses 7 circulos ou orbitas formavam 7 céos, que eram cobertos pelo oitavo, em que se achavam as estrellas fixas; seguindo-se-lhe o nono céu, chamado *Primeiro Movel*, ou céu que envolve todos os outros, dando-lhes movimento; e por fim o decimo céu, que era o *Empyreo*, onde estava a séde da divindade.

Toda esta construcção era de crystal de rocha, segundo a crença não só do vulgo, como da maior parte dos philosophos, e girava em torno da Terra immovel no centro do universo.

Depois do *Empyreo* era o nada.

Isto ensinava o *Almagesto* de Claudio Ptolomeu, e repetiram durante muitos séculos quase todos aquelles que se occuparam do assumpto, inclusive o proprio Aristoteles, até que appareceu o systema de Copernico.

Basta lembrar que poucos annos antes do nascimento do grande astronomo polaco, no meiado do século XV, George Purbach chegou ás mais extremas consequencias do systema ptolomaico, ensinando, não que cada planeta girava preso á sua propria esphera de crystal, mas entre duas espheras, como si fossem duas paredes que o retinham na sua orbita!

E' que a Humanidade ainda não conhecia a gravitação, por faltar-lhe um Newton.

Taes espheras foram depois mais complicadas por Fracastor, de Verona, e isto na mesma occasião em que Copernico já explicava seu systema, considerando o Sol como um centro em torno do qual giravam os planetas.

Sobre esse systema escreveu elle um livro "*Revolutionibus orbium cœlestium*", e não obstante dedicado ao papa, foi a theoria rejeitada por toda a Italia, e seu ensino prohibido em todas as escolas catholicas.

A obra appareceu impressa em

maio de 1543, e estava Copernico a morrer, quando lhe apresentaram o 1º exemplar.

Elle pôde apenas collocar sobre o livro suas mãos desfallecidas, e morreu poucos dias depois sem calcular que tivesse conquistado a immortalidade, pois contra o desdem e a mofa da supposta sabedoria dominante, elle contava apenas meia duzia de partidarios: — 1 cardeal, 1 bispo, 1 astrónomo, 1 professor, 1 mathematico e 1 medico!

Dois annos depois de sua morte, o Concilio de Trento, estabelecendo os artigos fundamentaes de fé em 13 de dezembro de 1545, manteve a velha opinião da immobillidade da Terra no centro do mundo, e pela qual era a Humanidade terrestre considerada como o centro e o fim da criação.

Como se isto não bastasse, a *Santa Congregação do Indice*, por Decreto de 15 de março de 1616, lançou o interdito sobre a obra de Copernico sob o fundamento de "conter principios inteiramente contrarios á Santa Escripura."

O systema de Copernico, não obstante as grandes resistencias que encontrou, foi a pouco e pouco propagando-se, até que se tornou universal. Entretanto, sendo em conjuncto inteiramente nova a concepção de Copernico, não o era parcialmente, como aliás foi elle o primeiro a declará-lo em sua obra.

O movimento diurno da Terra já tinha sido admittido por alguns philosophos da antiguidade, como Heraclides, Ecphantus, Philolaus, Nicetas de Syracusa e outros.

O proprio Ptolomeu, em seu *Almagesto*, figurou a hypothese do movimento da Terra, para, combatendo-a, melhor defender o seu systema.

Aristarco de Samos, do mesmo modo que Pythagoras, admittia que o Sol era immovel, como todas as estrellas, girando a Terra em torno delle e de si mesma.

Levou isso Cleantho de Samien a

pretender que os gregos accusassem Aristarco de impiedade, por ter perturbado, com taes principios, o repouso de Vesta e dos deuses protectores do universo!

Impiedade, digo eu, é a da intolancia religiosa que, a meu vêr, é a peor feição da vaidade humana.

Tal accusação foi como que o ensaio da triste peça que veiu a se representar 18 seculos depois, e na qual o grande Galilen, a quem a Humanidade inteira deve os mais extraordinarios serviços, foi na idade de 70 annos encarcerado nas prisões do Santo Officio, por ter affirmado que a Terra se movia, visto o julgamento de 22 de junho de 1633 ter declarado textualmente *absurda em philosophia e erronea na fé* a opinião do movimento da Terra.

Elle foi obrigado, de joelhos, a desdizer-se; mas depois de tê-lo feito em voz alta, seus labios moveram-se, articulando: *E pertanto ella se move.*

A verdade scientifica contrariava a Biblia; pois, segundo esta, Josué mandára parar o Sol, que, de facto, em relação a nós, parado já estava.

Felizmente, mais para a igreja do que para as proprias victimas, o papa Benedicto XIV annullou todas as sentenças ecclesiasticas lançadas no seculo XVII.

O Sol, antes de Moysés e até 5.000 annos depois, era considerado sem igual, e por isso mesmo tivéra o nome de Sol, que quer dizer—*unico*.

Pelo *Genesis* foi feito depois da luz, pois esta foi obra do primeiro dia e elle do quarto.

E' que a principio o homem considerava a luz independente do Sol, tanto que a adorou muito tempo antes de adorar o astro principal que a produzia.

A adoração da luz era um acto inherente ao proprio estado fetichico da Humanidade, e encontra sua razão de ser no incommensuravel e insubstituivel serviço que a luz presta ao sentido da visão, que, de todos, é o mais synthetico, além de augmen-

tar a coragem, desenvolver a actividade, promover a alegria etc.

Foram os cultos da luz e do fogo, cujas nuvens de fumo e linguas luminosas se dirigiam para o céu, que encaminharam o homem para a adoração do Sol e os outros astros, adoração essa que constituiu a primeira feição do polytheismo.

A passagem desses cultos para o culto solar, ou por outra, a passagem do fetichismo para o polytheismo, mostra o progresso intellectual do homem subindo do concreto ao abstracto.

A esse progresso cumpre accrescentar o serviço prestado pela astrolatria, que, auxiliada pela astrologia, abriu a vereda pela qual o espirito humano chegou á Astronomia de hoje.

Em toda a astrolatria, ou melhor, em todo o polytheismo coube ao Sol o papel mais importante, porque entre os deuses elle não foi só o *primus inter pares*; mais do que isto, elle foi o deus dos deuses.

Os sacerdotes egypcios ensinavam que a criação do mundo fôra obra do Sol, que tirára o universo do seio do abysmo, onde se achavam os germens dos deuses e dos homens, da vida e da morte, da terra e do céu etc.

O Sol, imaginando qualquer coisa, viva ou não, era bastante pronunciar-lhe o nome para operar-se a criação.

E assim foi feita a luz que dissipou as trevas do chaos.

Apenas pela pronunciação do nome, foi sendo criada cada uma das partes do universo.

Era o *verbo criador*.

O astro era representado por um obelisco monolithico, no qual pousava uma phenix, que symbolizava a alma do Sol, talvez por elle morrer á tarde e resussitar no dia seguinte para subir ao céu, morrer de novo, e de novo resussitar.

Os obeliscos em geral figuravam na entrada dos templos e palacios.

Três mil annos antes de Moyses,

ou ha 64 seculos, já se via no Egypto uma cidade consagrada ao Sol, — Heliopolis — onde tinha sua séde o "grande sacerdote", de quem se diziam filhos os reis da 5ª dynastia.

Era Heliopolis o centro religioso, e Memphis, como Capital, o centro politico do imperio.

O sacerdocio exercia grande influencia sobre os reis, e, portanto, sobre as instituições sociaes.

Por esse tempo já tinha elle organizado um calendario, dando ao anno 365 dias, com 12 meses de 30 dias e 5 dias supplementares; divisão que, cerca de 6.000 annos depois, veio a ser adoptada na França pela Convenção Nacional.

A proporção que os sacerdotes iam tendo maior influencia sobre os pharaós, as novas pyramides que se edificavam eram cada vez menores, ao mesmo tempo que a margem esquerda do Nilo ia sendo coberta de santuarios consagrados ao Sol.

Na sexta dynastia os templos multiplicaram-se extraordinariamente.

Um terço das terras pertencia ao sacerdocio, e as rendas publicas eram grandemente desfalcadas em proveito do culto, cujo ritual se encontra publicado nos "Annaes do Museu Guimet".

O Sol tinha os nomes de *Ra*, *Phra* ou *Phré*, recebendo mais tarde o de *Osiris*, que significa "autor dos tempos".

Era tambem representado por uma trindade composta de pai, mãe e filho.

Seu nome entrou na composição dos padres e reis egypcios, representantes do astro na Terra.

No Alto Egypto o Sol era chamado *Amon*, ou *Jupiter Amon*, e teve um templo celebre num dos oasis do deserto da Libya.

O boi *Apis* era sagrado, como a mais alta representação da divindade sob a forma animal, e considerado como filho de Osiris.

Os padres o afogavam em uma fonte consagrada ao Sol, sendo sua mumia objecto de culto; mas depois

os sacerdotes tinham meios de fazer surgir outro deus *Apis*.

As pyramides de Gizet, em numero de 6, tinham como guarda a Grande Esphinge, que representava em meio busto o deus *Armachis*.

Fôra talhado numa montanha, tendo o nariz uma saliencia de 1,79, e cada orelha dois metros de comprimento.

Cabeça de tamanhas proporções nunca fôra construída.

Por uma inscripção do reinado de Cheops, sabe-se que já então existia essa esphinge, o que quer dizer que ella foi construída ha mais de sessenta seculos.

Perto desse monumento descobriu-se um templo tão diverso dos templos egypcios, como si pertencesse a outro povo, e ao qual os archeologos attribuiram uma extraordinaria antiguidade.

Enfim o culto do Sol evolueu com todo o polytheismo, e depois de alguns milenios entrou em decadencia.

E' digno de nota, porém, que antes da decomposição do polytheismo, já tivesse o respectivo sacerdocio no Egypto e na Caldéa espontaneamente se elevado ao monotheismo.

Na India o Sol era tambem adorado. O deus *Indra*, chefe dos deusts, senhor do céu ethereo, corresponde ao *Apollo* ou *Zeus* dos gregos, ou ao *Jupiter* dos latinos, podendo por isso mesmo despedaçar as nuvens ou dar-dejar o raio.

Adorado debaixo de 12 fórmas, como Sol nascente, Sol poente, Sol do dia, Sol da noite, etc. tinha outras tantas invocações, como *Savitre*, *Sourya*, *Pouchan*, *Mithra*, etc.

Festejando-se um deus, é costume na India attribuirem-se-lhe todas as virtudes imaginaveis, de modo a torná-lo muito mais eminente, o que dá ás divindades do *Veda* um caracter indeterminado.

D'ahi o facto de apresentarem ellas entre si grande confusão, e tanto maior quanto até os sacerdotes e

os nobres são chamados a miudo, e a si proprios se chamarem, *deus*, deuse, *amritas*, *immortaes*.

Annualmente, a 25 de dezembro, é celebrada a festa do fogo, *Agni*, que depois se confundiu com *Agnus*, cordeiro, rezando-se, entre outros, o seguinte hymno védico:

"Oh *Agni*, fogo sagrado, fogo purificador, que dormes no lenho, que te elevas ao céu como chama brilhante, tu és a faisca divina, occulta em todas as cousas, a alma gloriosa do Sol!"

Ainda hoje ha na India o culto solar, si bem que com muitas outras religiões, sobretudo de origem indiana.

E' la aonde se encontram, no ponto de vista architectonico, os templos mais admiraveis do mundo.

Basta considerar que muitos delles exigiram para sua construcção um trabalho diariamente seguido de 400 a 500 annos!

Parece fabuloso! mas é preciso que se saiba que na construcção não figura nem barro, nem areia, nem cal, nem cimento, nem tijollo, nem cousa alguma peculiar ás demais construcções; porque cada um d'esses templos é burilado em montanhas de pedra, fornecendo uma só peça inteiriça, não obstante os porticos as columnas, os altares, os nichos, os santuarios, as arcadas, as abobadas, os zimbórios, além do mais que constitue a feição da bella architectura hindú!

Mas, infelizmente, quando, pelo grande feito de Vasco da Gama, entraram os portuguezes na India, algumas d'essas joias que honram o sentimento, a intelligencia e a actividade humanas, foram destruidas pelos jesuitas, esquecidos da propria historia do catholicismo, que nos mostra que a fé não se derroca com a violencia, ainda mesmo que se possa empregar a propria alavanca de Archimedes!

O Japão e a China tambem adora-

os cinco planetas primeiramente conhecidos, dos quaes sempre se consideraram parentes muito proximos todos os seus imperadores.

Já me referi a esse livro chinês antiquissimo, que é o "Tchéon-li", e volto a citá-lo, porque d'elle consta que, quando se davam eclipses solares, o imperador mandava rufar os tambores para socorrer o Sol e atirava settas contra a Lua!

Os assyrios e babilonios adoravam o Sol, como a divindade suprema, sob o nome de *Bello* ou *Baal*.

A palavra *Saul*, em Babilonia, tambem significava Sol e se applicava ao tratar-se com pessoas eminentes; como personificava tambem o Sol o deus *Jahvé*, que se transformou no *Jeovah* dos hebreus, significando *aquelle que dura sempre*.

Convem assignalar que, antes de Moysés, não havia em hebraico a palavra *Jeovah* que os judeus se absteem sempre de pronunciar, receiosos de cahir em falta, dizendo em lugar d'ella — *Adonai*, que quer dizer *Senhor*, ou *Eloim* que significa *Deus*.

Uma passagem do *Exodo*, 6-3, deixa vêr que os israelitas não conheciam realmente a palavra *Jeovah*. E é quando Deus diz:

"Eu appareci a Abrahão, a Isaac e a Jacob com o nome de El-Schaddai (*); mas elles não me conheceram debaixo do nome de Jeovah."

Mais ainda: — a propria palavra Moysés no texto hebraico é escripto *Masú*, que igualmente significa Sol.

Os phenicios adoptavam o mesmo culto astrolatrico dos assyrios e babilonios ou caldeus, com differenças secundarias, tendo o Sol o nome de *Adonis*.

Os medas e os persas eram igualmente adoradores dos astros: *Ormuz* — o Sol — era a grande divindade.

Mesmo depois de Zoroastro ter re-

formado o magismo, a adoração do Sol continuou na maioria do povo.

As chamadas estrellas reaes, por serem muito brilhantes, — *Aldabaram*, *Antares*, *Regulus* e *Fomalhaut*, dividem o céo em quatro partes quasi iguaes; e sem duvida por isso eram ellas ha 3.000 annos consideradas como os quatro guardas do céo dos persas.

Meus Senhores.

Não ha ninguem, creio eu, que não tenha ouvido fallar nas *sote-maravilhas do mundo*, si bem que quasi nunca ouca dizer quaes são e em que consistem.

Não pretendo fazê-lo agora integralmente, por inoportunidade, mas apenas occupar-me de duas que se ajustam ao assumpto d'esta palestra: — o Colosso de Rhodes e a Estatua do Jupiter Olympico, servindo-me para isto da obra do archeologo Lassus, narrando suas viagens a essas maravilhas. (*)

As outras cinco são o Tumulo do Rei Mausolo, o Templo de Diana em Epheso, o Pharol de Alexandria, as Pyramides do Egypto e os Jardins Suspensos de Babilonia.

Rhodes foi uma cidade celebre na antiguidade, consagrada ao Sol sob a invocação de Apollo.

Seu nome quer dizer — *feita de rosas*, porque toda a ilha é coberta de rosciras nascidas espontaneamente e sempre viçosas sem cultura.

Nas medalhas, Rhodes é symbolizada no verso pela face do Sol e no reverso por uma rosa.

Um dia appareceu ella bloqueada pelo rei da Macedonia, Demetrius Poliorcete, grande conquistador de cidades, que a atacou com os élépeles, inventados por elle, — especie de torres que rolavam até as muralhas das fortificações, permitindo

(*) Auge de Lasens — *Voyage aux sept merveilles du Monde*

(*) Deus todo poderoso.

aos sitiados o ataque aos sitiados corpo a corpo.

Rhodes resistiu com denodo, e Demetrius, acostumado a vencer, mandou agir sobre os edificios publicos situados fóra da parte fortificada e por isso mal guarnecidos.

Um dos edificios abrigava um quadro do pintor grego Protogenes, reputado uma obra prima maravilhosa, representando Jalyse, filho de Cercophus, e fundador de uma cidade da ilha.

Os rhodeanos, prevendo sua perda, mandaram parlamentares a Demetrius.

"Por que entregar ás chammas este quadro, lhe disseram elles? Si tu triumphas, a cidade é toda tua e a victoria põe em tuas mãos o quadro sem ultrage.

"Si fóres levado a levantar o bloqueio, ninguem te envergonhará, dizendo que, não podendo vencer os rhodeanos, fizeste guerra a Protogenes."

Demetrius poupou o quadro e retirou-se pouco depois, abandonando suas machinas de guerra.

Foi com o bronze d'ellas que Chares de Lindos, estatuario grego, alumno de Lysippo, construiu o Colosso no 3º seculo antes de nossa era.

Foi considerado o mais faustoso monumento de triumpho que se tinha erigido.

Dizem muitos autores que elle foi collocado na entrada do porto, passando-lhe por entre as pernas as galeras de velas enfunadas.

E' uma versão errada, como o demonstra a propria altura do monumento, que, embora de 32 metros, era insufficiente para permittir essa passagem.

Na antiguidade Rhodes frequentemente soffria o flagello dos tremores de terra.

Erguido cêrca de 300 annos, antes de nossa era, só esteve o Colosso de pé durante 56 annos, porque um novo tremor lançou-o ao chão, despedaçando-o; de modo que os romanos

só puderam admirá-lo quando já em ruínas.

"Toda derrubada esta estatua, diz Plinio, ella excita admiração: poucos homens abraçam seu pollegar, pois os dedos são mais grossos que a maior parte das estatuas. O vazio de seus membros despedaçados parecem vastas cavernas. Da parte de dentro apparecem pedras enormes com as quaes o artista fortaleceu sua estatua, firmando-a. Ella foi acabada, dizem, em 12 annos e custou 300 talentos (cerca de 600.000\$000) provenientes das machinas de guerra, abandonadas pelo rei Demetrius, cansado do longo cêrco de Rhodes.

"A mesma cidade, continúa Plinio, tem 100 outros colossos menores, mas dos quaes um só bastaria para notabilizar qualquer lugar em que fosse collocado. Além disso ella tem 5 colossos de deuses feitos por Bryaxis."

Luciano, o autor do *Dialogo dos Mortos*, personificou o monumento e o pôs em scena no seu *Jupiter Tragico*, fazendo-o dizer:

"E quem ousaria disputar-me o primeiro lugar, a mim, que sou o Sol, e que tenho tão gigantesca estatura?"

"Si os rhodeanos não tivessem querido dar-me tão grande e prodigioso tamanho, elles teriam feito dezeseis deuses de ouro pelo mesmo preço.

"Eu posso, pois com razão, passar pelo mais rico, além de que a arte e a perfeição da obra se unem em mim a semelhante tamanho."

Ampelius, em seu *Livro Memorial*, fallando do monumento, diz:

"Em Rhodes ha uma estatua colossal do Sol, collocada em um carro de 4 rodas, tirado por 4 cavallos em cima de uma columna de marmore de 100 covados de altura."

Passo agora á outra maravilha.

O Jupiter Olympico foi cinzelado por Phidias. Seu templo media 78 pés de altura, 95 de largura e 230 de comprimento, tendo as columnas mais de dois metros de diametro.

Tudo que não era estatua ou baixo relevo fôra construído de tufo revestido de estuque e pinturas.

O templo recebia de cada época e de cada povo novos thesouros; toda victoria alli deixava um trophéo, e os inimigos pareciam associar-se para torná-lo esplendido entre todos.

Cleopatra offereceu em vão uma somma enorme pelo Jupiter Olympico.

Caligula pretendeu apoderar-se d'elle para collocá-lo em Roma, no monte Palatino, depois que substituisse a cabeça modelada por Phidias pela sua propria cabeça.

Já os ladrões officiaes se achavam nas costas da Elida, com tudo perfeitamente disposto para consummação do roubo, quando de repente ribombou o trovão e foi o navio de Caligula despedaçado por um raio.

Quatro seculos depois foi o Jupiter Olympico transportado para Constantinopla por ordem de Theodosio II, e ahi inutilizou-se por occasião do incendio do palacio imperial que elle decorava.

"Olympia, diz o archeologo Lassel, era menos uma cidade que um lugar santificado pelas tradições e o culto dos deuses.

"Tudo alli era prodigio; a propria natureza, em todas as cousas, tinha origens mysteriosas. Jupiter, dizia-se, tinha combatido lá contra um certo Cronus, que lhe disputava o imperio do mundo; e fôra em commemoração d'esta victoria de seu pai que Hercules instituiu os jogos solennes.

"Mais tarde Jupiter mesmo confirmou a consagração d'essa terra, e, arremessando-lhe o raio contra o sol, abriu-lhe brecha.

"A's vezes desse antro profundo se escapava uma voz que recitava oraculos temiveis.

"Nos tempos heroicos da Grecia nenhum titulo de gloria era mais procurado que o de vencedor nos jogos olympicos.

"Que espectáculo devia apresentar

Olympia nos dias d'estas bellas festas!

"A Grecia toda lá estava: — o espirital atheniense, o rude espartano, o bronco beociano, o subtil cretense, e os de Messina, os de Thebas, os do Epidauro, os que vinham das ilhas e os colonos que recordavam na Asia, nas Gallias e na Sicilia que seus avós haviam nascido nessa terra da Hellade tão fertil em filhos gloriosos.

"Os jogos olympicos, conclue Lassel, impunham a todo mundo grego uma tregoa sagrada."

A proposito de Jupiter, diz Herodoto que os cnidenses projectaram separar Cnide da terra firme, porque achavam melhor ser insulares.

Iniciaram-se os trabalhos e logo foram suspensos, porque frequentemente os fragmentos de pedra feriam ou matavam os operarios.

A' vista d'isto uma deputação dirigiu-se a Delphos para consultar o oraculo, e a sacerdotisa Pythia respondeu:

"Si Jupiter tivesse querido que Cnide fosse uma ilha, não teria feito uma península."

E assim Cnide, com o seu famoso templo de Venus, ficou uma península, como a tinha feito o poderoso Jupiter,

"Esse deus que com um olhar abala o universo.

"E do qual os outros deuses só são humilde escolta."

(Versos de João Baptista Rousseau).

Passando agora ao nosso continente, assignalo mui ligeiramente que, na época de sua descoberta, só não adoravam o Sol as populações que, por mais atrasadas, ainda se achavam no estado fetichista.

O Sol era adorado no Perú com o nome de *Patchacamak*. Do tempo dos Incas existem ruinas de uma igreja em Guannuco, mas ainda hoje se offerecem sacrificios ao Sol.

No Mexico as festas mais sum-

ptuosas eram consagradas a esse astro.

Suas pyramides, semelhantes ás do Egypto, e do mesmo modo orientadas, eram grupadas por centenas, formando ruas, nas direcções norte-sul e este-oeste, -destacando-se as duas principaes: *Tonatih*—o Sol, e *Metzli*—a Lua.

Em sua obra—*Conquista da Florida*, diz Theodoro Irving que, quando um chefe indigena espirrava, seus subordinados, dando mostras de veneração, exclamavam:—“Que o Sol te defenda.”

Tambem os egypcios, babilonios, assyrios, gregos etc., em casos semelhantes, imploravam o soccorro dos deuses, como acontece ainda hoje com o *Deus te salve* e o mesmo *Dominus tecum* que a velha Roma pagã já empregava.

Quanto á nossa patria, diz Biard em seu livro *Deux Années au Brésil*, que assistiu em 1860, nas florestas do Amazonas, a uma oração ao Sol pelos indios *munducurús*, da qual publicou uma estampa que reproduzi em meu livro *Il Brasile a Colpo d'Occhio*.

Segundo elle affirma, acreditavam os *munducurús* que o Sol tendo-nos dado a vida, não nos podia tirá-la sem iniquidade, e por isso a morte de um homem só era explicavel pela acção de um inimigo.

Por tal motivo a familia de um defunto procurava o pagé, que representava ao mesmo tempo os papeis de padre, medico e adivinho; e depois de alguns exorcismos e de evocar o *grande espirito*, elle acabava por designar a victima que devia tombar em expiação de uma morte, de que aliás era innocente.

Mas, falando o pagé, cumpria obedecer.

Esta observação de Biard não invalida, entretanto, uma verdade; e é que as tribus indigenas do Brasil, por occasião de sua descoberta, se achavam em estado fetichista, a

ponto de, dando um tupinambá uma topada numa pedra investia ás dentadas contra ella, conforme escreveu João de Lery.

E' certo que Gonçalves Dias, em seu *Diccionario Tupy*, entre os significados de *Tupan* incluiu a palavra *Deus*, mas esta significação só podia ser um fruto da catechese catholica.

Si os indigenas não tinham podido até então elevar-se á astrolatria, muito menos poderiam attingir espontaneamente ao monotheismo.

O *Diccionario* referido dá tambem os significados de *trovão* e *relampago*; mas João de Lery, que esteve em contacto com os nossos indigenas em 1556, dá unicamente o de *trovão*.

Tupan é quasi onomatopaico.

A adoração do trovão, pelos fetichistas em geral, tem origem no medo, como aconteceu com a do crocodillo, a da serpente e a de outros seres capazes de superexcitar o instincto de conservação.

Mas as adorações por amor eram mais numerosas, e provinham da gratidão a todos os seres uteis, de alguns dos quaes tenho necessidade de occupar-me para associar melhor as idéas d'esta palestra.

Referindo-me ao *Genesis*, assignalei a criação do Sol posterior á criação da luz, porque a principio o homem considerava a luz independente do Sol, tanto que a adorou antes de adorá-lo, tendo o culto sua razão de ser no incommensuravel e insubstituivel serviço que a luz presta ao sentido da visão, além de activar-nos, alegrar-nos, encorajar-nos etc.

E' deste culto que procedem as tochas, vélas, lampadas e lamparinas accesas não só de noite, mas em pleno dia, nas igrejas, santuarios, oratorios e camaras funebres, não só no culto catholico, mas nos cultos anteriores.

Nas camaras funebres o culto da luz secunda o culto dos mortos, tambem criado pelo fetichismo, e do qual se originaram as apotheoses po-

lytheicas, as commemorações e as canonizações.

A agua era adorada por apagar o fogo, mitigar a sede, dar alimento ás plantas e assegurar a limpeza, sobretudo depois que se lhe ajuntou uma particula de cinzas, producto do fogo, dando-lhe a virtude de agua lustral, agua purificadora.

D'ahi as abluções, aspersões etc., empregadas desde o polytheismo, em cujos templos se via logo á entrada uma pia d'essa agua para purificação dos fieis.

A parreira e o trigo eram tambem objectos de culto por produzirem o pão e o vinho, que representaram desde a antiguidade até hoje um papel lithurgico cada vez mais importante.

Era adorado o sal pela admiravel virtude de evitar a putrefacção, cabendo-lhe tambem um lugar nas lithurgias.

O fogo era adorado pelo calor, considerado como condição de vida desde que se observou a frigidez do cadaver.

Foi o mais importante de todos os cultos fetichistas, e d'elle resultaram as fogueiras com que o polytheismo festejava o solsticio do verão (a 21 de Junho), pela acção benéfica que elle exerce sobre as arvores e os frutos; fogueiras que, perdida a tradição, chegaram até hoje á guiza de homenagem a S. Joao Baptista, não obstante, pela sua origem real, terem ao lado um mastro de vegetal.

O catholicismo realiza na semana santa a solennidade da *benção do fogo*; e ha mais de meio seculo, na quinta-feira maior, fazia nesta cidade a procissão dos fogarões, em que mais de uma vez tomei parte.

Roma commemorava sua fundação por meio de muitas festas em 21 de abril, figurando nellas as fogueiras; e ainda hoje sao feitas por muitos povos, mesmo não catholicos.

Enfim, como residuo do culto, vemos as geographias e as estatisticas empregarem a palavra fôgos com a

significação de casas habitadas, porque na antiguidade o lar era o fogão que foi o primeiro altar erguido, e em que o fogo ardia sempre; devendo ser alimentado e conservado de modo que nunca se apagassem, sob pena de cahir a familia na maior desgraça.

Esse culto deu origem aos cultos das madeiras aromaticas, das resinas, dos oleos, do vento etc., por alimentarem ou avivarem o fogo.

O das resinas alimentava o fogo, perfumando-o, provindo d'ahi os thuribulos e incensações empregados desde o polytheismo até aos nossos dias.

Do culto dos oleos resultou seu emprego em unções, que davam virtudes aos ungidos, desde esses antigos tempos até ainda hoje.

Enfim, era o vento adorado, por augmentar o fogo e ser invisivel, dando isso lugar á distincção entre materia (*visivel*) e espirito (*invisivel*).

O homem não podia conhecer a origem do vento por não saber que se achava mergulhado no ar, isto é, num meio gazozo. (*)

O vento veio assim a ser tido como o sopro ou espirito da divindade, que era então astrolátrica; e o sopro humano, voluntario ou involuntario, como uma particula desse espirito, especie de dom divino, que, ao cessar, determinava a morte.

Taes praticas, si bem que multimilenares, vieram até nós, mas com significações diversas, de accordo com a evolução social, sem que, entretanto, deixem de patentear a grande influencia do passado sobre o presente.

Já vimos no decurso d'esta palestra que o homem progrediu, passando do culto da luz e do fogo para o culto do Sol, isto é, indo do fetichismo para o polytheismo, ou melhor, elevando-se do concreto ao abstracto; progrediu mais, abandonando o poly-

(*) Veja-se Teixeira Mendes — *O Culto Catholico*.

theismo para abraçar o monotheismo, ou o regimen de um só deus com os attributos e poderes de todos os deuses; progrediu ainda mais com o feliz surto do catholicismo ou o regimen do *deus-homem*; mais ainda se accentuou esse progresso com o alto valor de S. Bernardo, systematizando no seculo XII o culto da Virgem-Mãe, cuja imagem é a mais sabia representação symbolica da Humanidade.

Foi esse culto por demais tocante, que deu ao catholicismo o seu maior esplendor, e preludiou a religião final, tendo por alvo a propria Humanidade.

Entretanto continuam indeleveis os vestigios do culto do Sol.

No Sacramentario, ainda vigente, de S. Gregorio Magno, segundo a *Historia Ecclesiastica* de Fleury, o papa, celebrando a missa, é obrigado a voltar-se algumas vezes para o Oriente.

O Sol figura ainda hoje em paramentos dos sacerdotes, como acontecia outr'ora com os dos padres indianos, egypcios, caldeus etc.

A corôa aberta na cabeça dos clrigos nada mais é do que o disco do Sol, distinctivo adoptado desde a astrolatria.

O resplendor das imagens e as aureolas nas estampas sacras são dois aspectos do Sol nascente.

A custodia é um Sol, e com este nome figurava nos inventarios das igrejas, com o qualificativo de ouro ou de prata.

Em França, até a revolução de 1793, havia uma congregação de devotas do Santissimo Sacramento, que se chamavam *irmãs do Sol*.

Em muitas cruces, principalmente nas das irmandades do Santissimo, vemos o Sol formando corpo com essas mesmas cruces.

Fóra do terreno cultural encontramos no povo esse enthusiasmo grego pelos jogos olympicos, que, como já sabemos, são os jogos solennes con-

sagrados ao Sol, vemos, entre os latinos, as grandes massas apaixonadas pelo Carnaval, que é uma festa desregrada em honra de Saturno, tambem invocação do Sol; ouvimos com frequencia esse inconsciente juramento pela sagrada luz que me alumia; e, o que é mais, vemos os medicos principiarem suas receitas por um R maiusculo, abreviatura de *Recipe*, começo de uma invocação a Jupiter, feita pelos antigos esculapios.

Enfim, na propria Biblia, não obstante ter Moysés prohibido a astrolatria, figura o Psalmo XVIII—6-7, que diz: "Deus estabeleceu seu tabernaculo no Sol. Elle vai de uma extremidade do céu á outra extremidade; nada escapa ao seu calor."

Meus Senhores:

Preciso terminar; mas não podendo fazer ponto final, porque o assumpto comporta ainda muitas horas de palestra, resolvo acabar com um ponto de admiração.

Sim! Porque em tudo quanto eu disse ficou bem nitida a dependencia de cada presente ao passado; ficou bem nitida a verdade de Augusto Comte, quando affirma que *os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos*; ficou enfim bem nitida a continuidade humana na sabedoria de Pascal, quando ensina que se pôde conceber a Humanidade como sendo um só homem que vai progredindo sempre.

Posto isto, quaesquer que sejam nossas crenças, todos devemos ter pelo passado uma veneração filial.

Mas, infelizmente, assim não acontece, porque se anda a pregar agora o seu repudio em nome de uma chamada escola *futurista*, como se pudesse haver futuro algum sem raizes no passado!

E' a meu vêr aberração da intelligencia, que, na melhor e mais sympathica das hypotheses, só é explicavel admittindo-se o apparecimento de uma epidemia de amnesia se-

melhante á d'aquella mulher conhecida de Charles Villiers, que, tendo uma syncope durante o parto, perdeu a memoria de seu casamento, repudiando com horror o marido e o filho, sem comprehender sua ligação com essas criaturas!

Simultaneamente com o repudio do passado, o *futurismo* transformou o

bello na coisa mais simples deste mundo, e por isso mesmo concebivel por quem quer que seja sem dependencia de capacidade.

Entretanto, meus Senhores, homens eminentes, como santos, sabios e philosophos, encontraram sempre a maior difficuldade para dizer com acerto em que consiste o bello!



METHODOLOGIA

Estados Physicos dos Corpos

J. Travassos Vieira

do Apprendizado Agrícola de Sabida

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

II — Mudança de estado. Fusão e solidificação. Evaporação e liquefação. Sublimação. Formação das chuvas. Historia da gotta d'agua.

Preparação material: Visita a uma fundição; um pouco de cêra, uma vela e um pires, um pouco de gelo e iodo metalico.

Preparação mental: Historieta.

Professor: — Vocês se lembraram, em casa, da nossa ultima aula? Não acharam que eu me enganei? Não? De facto, eu não me enganei, mas parece... Vejam, a cêra, o ferro, são solidos; mas nós os transformamos em liquidos e damo-lhes novas formas, e eu disse-lhes que os solidos tinham forma certa. Mas elles têm a mesma forma quando a temperatura não muda. E' verdade, vocês ainda sabem o que é um corpo solido?

Alumão: — Corpo solido é o que tem forma certa e volume certo.

P. — E corpo liquido?

A. — Corpo liquido é o que não tem forma, mas tem volume certo.

P. — E um corpo gazoso?

A. — E' o que não tem nem forma nem volume certos.

P. — E o que é um corpo?

A. — E' tudo que occupa um lugar no espaço.

P. — Eu estava dizendo que nós podemos fazer a cêra passar de solida a liquida, isto é, nós podemos fundir a cêra. Francisco, tome este pedaço de cêra e amolleça-a. Como vae fazer?

A. — Vou aquecer.

P. — Muito bem, portanto nós transformamos a cêra solida na cêra liquida, *aquecendo*. E o ferro, ahí na ferraria, como é fundido?

A. — *Aquecendo*.

P. Vêem portanto que nós transformamos os corpos solidos em liquidos, aquecendo-os. E se resfriarmos os liquidos?

A. — Elles endurecem.

P. — Muito bem, elles se tornam solidos, isto é, se solidificam. A passagem do estado solido ao liquido chama-se *fusão* e a passagem do liquido ao solido, *solidificação*. E para se transformar a agua liquida no vapor d'agua, como é que se faz?

A. — Ferve-se.

P. — Muito bem. Ferve-se, ou melhor, aquece-se. Assim tambem nós fazemos com os outros liquidos. De forma que para transformarmos um liquido num gaz ou vapor, aquece-se. E a passagem do estado liquido ao gazoso, chama-se *evaporação*. Mas, nós podemos tambem transformar um gaz num liquido, se o resfriarmos; e essa mudança de gaz em liquido chama-se *liquefação*. Portanto, o solido transforma-se em liquido e o liquido em gaz, aquecendo-se; o gaz se transforma em liquido e o liquido em solido, resfriando-se. Todos os corpos passam de solido, primeiro para liquido e depois para gaz e de gaz, primeiro para liquido, depois para solido. Faz excepção a esta regra o iodo, que se transforma logo de solido em gazoso. Vejam (faz a sublimação do iodo). Elle se transforma em vapores côr de violeta. Esta passagem do estado solido, directamente ao gazoso, chama-se *sublimação*.

P. — O que vêem aqui?

A. — Gêlo.

P. — E quem sabe dizer-me de que se faz o gêlo?

A. — Da agua.

P.—Muito bem. Isto é, o gelo é a agua solida. Logo, nós conhecemos a agua nos tres estados: a agua solida ou *gelo*, a agua liquida que é o que se chama *agua* e a agua gazosa ou *vapor d'agua*. Pois bem, a formação das chuvas é uma simples mudança de estado da agua. A agua dos rios, lagos e mares é aquecida pelo calor do sol e evapora-se, isto é, transforma-se em vapor d'agua, que, accumulando-se e subindo para o céu, vae formar as nuvens. As nuvens são tangidas pelos ventos e caminham até encontrar um lugar mais frio: ahi se resfriam e caem para a Terra sob a forma de chuva. Caindo na superficie da Terra, a chuva divide-se em tres partes: uma parte infiltra-se, enterra-se e vae formar as camadas d'agua debaixo da terra, chamadas *lençóis d'agua*, que alimentam as cacimbas, as fontes e os vegetaes; outra parte corre sobre a superficie e vae formar rios ou lagos. Rios, quando corre e lagos quando, não podendo mais correr, fica parada. A terceira parte é a que, aquecida, vae formar novas nuvens, novas chuvas e assim por diante. Vejam, portanto, como trabalha uma gotta d'agua num caminhar incessante. Devem os meninos tomar o exemplo da gotta d'agua. Estar sempre em movimento. Vejam como a pequenina gotta d'agua trabalha e se diverte nesse caminhar continuo entre o céu e a terra. Trabalha regando os campos, matando a sede a plantas e animaes. Reunida a muitas outras companheiras, ella forma os rios e os mares, os

quaes transportam nos navios e barcos o homem de um lugar para outro, e fazem mais ainda: servem de sentinellas separando a nossa Patria das outras, como o Oyapock, o Chuy, ou reunindo-as num abraço, como faz o Amazonas e o Rio da Prata. Ellas, no entanto, tambem se divertem. Quem ainda não viu uma gotinha d'agua, balouçando-se faceira, na petala de uma linda flôr, apreciando-lhe o perfume e contando ás outras companheiras a utilidade do seu trabalho do dia anterior e já prompta para, carregada pelo Sol, iniciar novo trabalho. Que felicidade podem ter os homens que a ella se podem comparar! No momento de iniciar um trabalho util, poder contar que empregou o dia anterior neutro trabalho tambem util. E quando ellas saltam do alto das cachoeiras, aos milhões, numa grande balburdia, num enorme grupo, do qual algumas se destacam, pelo salto, mas vão reunir-se ás outras mais adiante. E, quando brincam nas matas, ora saltando de uma folha á outra, ora aos grupos, brincando de "manja", ou pulando por sobre as raizes ou escondendo-se por baixo dellas ou atraz dos troncos seculares! Que bellas brincadeiras e que vida tão util! Vede que dous exemplos edificantes: a união das pequeninas gottas fazendo a força dos grandes rios, o trabalho sempre util e constante de cada gottinha!

Gostaram da historia, os meus meninos? Então cada um de vocês vae trazer-me escripta a historia da chuva.

O primeiro dia de aula

Rosalia Sandoval

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

Quem não recorda, embora vagamente, o seu primeiro dia de aula?

Quem, ao ver um pequeno sobraçando os livros escolares, não se lembra da criaturinha que foi, também assim pequenina e ingenua, trilhando esse mesmo caminho?

Quem não procura recordar esse dia em que, levado pelo papae, entrou timidamente num salão cheio de crianças que olhavam o pequeno recenhegado com extrema curiosidade?

Haverá quem não recorde esse momento?

Quantas vezes um passado, que, quando foi presente, não nos agradou ou nos foi indiferente, torna-se de amena recordação!

As circunstancias presentes modificam, muitas vezes, situações passadas.

O adulto não olha a escola do mesmo modo que a encarou, quando menino.

O primeiro dia de aula é um dos marcos mais importantes da existência humana.

Que perspectiva estranha apresenta a escola ao discípulo que lá aparece pela primeira vez!

Entra, desconhecido, tremulo, desconfiado, naquella salão que lhe parece um mundo de mysterios...

A estatura mal esboçada do pequeno estréante como que vai diminuindo... diminuindo... apagando-se.

E, quando o papae se despede da

mestra, como fica o pobre calourozinho! Diante delle tudo se apresenta vazio, e as horas têm a lentidão do que parece não ter fim.

Quanta saudade do que se passa lá fóra!

O sol, a rua, as borboletas, como que desappareceram da vida.

No mundo só ha, naquelle momento, a preceptora e os condiscipulos.

Mais do que nunca, sente a necessidade do carinho. E tem vontade de chorar...

Como se apresenta complicada a primeira lição!

Os mappas que ornam as paredes da escola, são hieroglyphicos indecifráveis.

Como se aprende aquillo? — pergunta intimamente.

Com que curiosidade vê os livros dos alumnos das classes superiores!

E indaga de si proprio: — "Quando chegarei até lá?"

E ao pequeno estréante das primeiras letras surge a duvida de que um dia pertença áquella classe, leia aquelles livros de muitas folhas e escreva paginas tão bellas como as que a mestra está a corrigir.

O primeiro dia de aula é o primeiro encontro com a realidade da vida.

Nesse dia, galgamos o primeiro degrau das responsabilidades futuras.

E as impressões desse dia, quem não as revive, ao ver uma criaturinha sobraçando os livros, caminho da escola?



Historia de Alagoas

Auryno Maciel
da Escola Normal de Alagoas

Prefacio para a "Historia das Alagoas"
do Sr. Craveiro Costa.

Seria certamente estulto que eu quisésse apresentar aos leitores de historia o Sr. Craveiro Costa, historiador já consagrado por boa medida de trabalhos originaes.

Entretanto, elle desejou que eu lhe dêsse em palavras vivas as primicias da leitura que fiz dos originaes da sua *Historia das Alagoas*.

Defiro assim o seu desejo, antes por aproveitar a occasião de fazer justiça aos meritos da sua obra, do que pela convicção de que lhe venham a ser benemeritos estes gabos preliminares, muitas vezes duvidosos, senão contraproducentes e irritantes ao leitor fino e agudo que quase sempre só se converte ás suas proprias opiniões.

O Sr. Craveiro Costa já não discute se a historia é arte ou sciencia: e essa feição superior do seu processo suppõe nelle um historiador emancipado da velha historia—arrumação de factos e datas, e para quem a função do historiador não é explicar a historia pelos factos, mas os factos pela historia. Historia—sciencia, portanto.

Os factos historicos têm para elle um nexu positivo, estava quase a dizer um nexu biologico, pelo qual se explicam, naturalmente, sem ás adivinhações fantasticas do genio, os effeitos da fatalidade, antes da cousa feita, *in fieri*. Dahi ser o seu sentimento da historia mais sociologico que romantico, mais pesado, mais medido, mais contado com frieza arithmetica, do que artificialmente bem vestido com preocupação e aparato, apesar das florituras do seu estilo, que dão aos seus ensaios tan-

to prestigio literario quanta força e segurança á sua dialectica.

A nossa bibliographia didactica é de uma pobreza, com licença de palavra, franciscana. Entretanto temos a Academia Alagoana de Letras, o Instituto Archeologico e Geographico Alagoano, a Escola Normal, o Lyceu, a Academia de Scienciae Commercias de Alagoas cheios de nomes padrões da nossa cultura, e vivemos a ensinar pelos livros de São Paulo, do Rio, da Argentina, da França, da Italia, dos Estados Unidos, de todo o mundo.

Só não ensinamos pelos livros de Alagoas. E' verdade que já tivemos os nossos livros didacticos. Mas os livros serios de José Alexandre Passos, de Thomás Espindola estão atrasados; uma pedagogia livresca do Dr. Joaquim José de Araujo, uma arithmetica camoneana do Professor Antonio José Duarte, uma Grammatica Elementar e um livro de leitura — "Através da Infancia" — de Rosalia Sandoval, as apostillas de mathematica do Dr. Manoel Pontes de Miranda e os fasciculos dispersos do Dr. M. B. P. Diégues Junior e pouco mais, são todos insufficientes e não constituem uma literatura pedagogica que baste ao espirito do nosso tempo. Apenas, como obras definitivas, temos a excellente "Physiographia de Alagoas" do Dr. Manoel Moreira e Silva e o notavel "Compendio de Theoria Musical" do Professor Luis Lavenère; a pequena "Historia de Alagoas" do Professor Moreno Brandão, interessada especialmente pelo que tinham de dramatico os nossos epiphenomenos politicos, reclama a sua minuciosa "Chorographia", aliás já em via de publicação nesta capital, onde certamente não terá edição condigna. Foi

o que aconteceu a "O Dote" de Elias Sarmiento: não obstante approved pela Instrução Publica do Estado para livro de leitura nas nossas escolas primarias, imprimiu-se com tamanha pobreza de arte graphica, por falta de "sympathia pedagogica" do editor-proprietario, que caiu na compulsoria e no esquecimento.

Agora a Companhia Melhoramentos de São Paulo tomou a si a publicação da *Historia de Alagoas* do Sr. Craveiro Costa.

Reprimindo, sem duvida, o alôr dos seus surtos geographicos ou historicos, o autor impôs-se a rubrica de um "resumo didactico". Mas a sua intuição da geographia moderna, para conseguir a succulenta synthese que realizou, levou-o muito além do plano tracado. O Sr. Craveiro Costa tem a paixão da geographia. Da geographia á Jean Brunhes, bem entendido. Já em 1926, reunindo apenas "notas para a historia do Acre", deu-nos no *Fim da Epopéa* a theoria geral da geographia humana daquela maravilhosa região, desquerida estupidamente, como enteada, do governo federal.

Foi pena que esse livro do escriptor alagoano padecesse logo do peccado original de ter sido editado neste amado calcanhar de Judas da provincia, não logrando, por isso, no apreço das *élites*, lá fóra, o lugar que lhe compete ao lado do *Os Sertões*. Nos seus XXI capitulos que anfeixam trezentas e tantas paginas de referida materia anthropogeographica, *O Fim da Epopéa* occupa-se da sociologia pragmatica daquelle recanto paradisiaco do "inferno verde", desde as coordenadas divinatorias de Tordesilhas nas lutas seculares pela posse, até aos incidentes epicos da revolução e á analyse percuciente das cifras economicas do territorio, que, só elles, deviam inspirar á estupidez dos nossos politicos a superação da reconquista do Barão do Rio Branco.

A sua historia do Acre é dos nossos livros fortes, quero dizer dos nossos livros serios, onde o pensamen-

to clamante do sociologo se exprime com a elegancia harmoniosa e sympathica do estheta. Merece, se não exige, uma 2ª edição — illustrada e decente.

Outros trabalhos seus revelam a mesma seriedade, a mesma intenção de focalizar regras de conducta, quer aos leitores porventura discentes, quer aos que apenas se comprazem na contemplação dos seus propositos de dilettantismo pedagogico.

As "Conferencias Civico-Escolares" e o ensaio sobre "O ensino publico em Alagoas" podem ser considerados as suas credenciaes *post opus* como antigo director da Instrução Publica do Juruá e do Grupo Escolar "Diegues Junior" nesta capital, do mesmo modo como as monographias sobre a "Inconfidencia mineira", sobre "D. Pedro II", sobre a "Emancipação de Alagoas", sobre "Alagoas em 1824", "No Centenario", "A Formação Mental de Alagoas" justificam com inteira presumpção a cadeira que occupa na Academia Alagoana de Letras e no Instituto Archeologico e Geographico Alagoano, de que é secretario perpetuo.

Além desses trabalhos, tem elle ainda ineditas uma biographia integral do Visconde de Sinimbu, em que passa em revista o largo trato da historia do Brasil desde 1810 a 1907—cyclo de vida do grande varão alagoano; "Alma de Alagoas", leitura escolar, e "Macció", inqueritos historicos, sociaes e economicos, na qual o autor nos dá não a "idéa geral", mas o "conceito", isto é, o *pensamento da sociedade patricia*, para usar a expressão propria de Durkheim.

A *Historia de Alagoas*, publicada com o luxo de illustrações que lhe deram os seus benemeritos editores, fará honra á literatura nacional: os assumptos de que trata, demasiado restrictos para interessar os numerosos leitores de ficção, compensam-se com o seu proprio valor literario e com o excepcional pittoresco que encerra, graças ao vasto elenco de

clichés e mappas da nossa vida antiga e contemporânea, antiga sobretudo, do tempo em que Alagoas amanhecia...

Antes della, assim jucunda, só li-vemos o album da "Terra das Alagoas" do Dr. Ad. Marroquim, que teve edição caprichosa, na Italia, onde a arte graphica prescinde de encarecimentos.

Mas do ponto de vista historico, a *Historia de Alagoas* é obra á parte, porque dá o sentido integral da nossa evolução. Qualquer dos seus capitulos, tomado a esmo, basta para o seu julgamento summario.

Tratando, por exemplo, da emancipação da comarca (1817), o autor refuta com vantagem duas opiniões inexactas, indecorosas para a nossa civicidade: uma de Candido Mendes, de que a nossa independencia foi o galardão de D. João VI ao nosso lealismo, e outra de Pereira da Costa de que foi o premio da nossa traição á Republica.

São opiniões faceis de historiadores sem imaginação, pois desde 31 de marco do anno da revolução o ouvidor, Dr. Antonio José Ferreira Batalha, havia separado da metropole a comarca de Alagoas, onde a Republica, aliás, havia feito muitos proselytos, e não poucas victimas admiraveis sob a sanha regalista do Conde dos Arcos.

A contra-revolução ganhou terreno ligeiro em toda a Republica. "No Rio Grande do Norte, diz Oliveira Lima (*Pernambuco — seu desenvolvimento historico*, pag. 257), quando ainda não havia alli chegado intimação alguma do centro foi o novo regime varrido por um movimento de

rapida execução, sendo assassinado o coronel Antonio de Albuquerque Maranhão, autor da anterior rebelião.

Na Parahyba, a contra-revolução extendeu-se com exito igual dos campos á capital, sem opposição apreciavel, reunindo-se novamente a tropa em torno da bandeira monarchista.

Em Pernambuco mesmo, foco todavia incandescente de jacobinismo, para onde marchava ás pressas da Bahia o soccorro dirigido pelo marechal Cogominho de Lacerda, em numero de oitocentos soldados na estimativa de Muniz Tavares, sem contarem as milicias sergipanas e os bandos de caboclos, o descontentamento patenteava-se nas repetidas adhesões ás proclamações restauradoras".

Porque os alagoanos são de preferencia accusados de felonía?

O Sr. Craveiro Costa acaba de vez com a balela irritante:

— Em 1817 factores economicos e demographicos, operando o desenvolvimento da comarca, que se estendia por mais de um terço do territorio da capitania, haviam preparado o senario do drama historico da emancipação politica, aliás já solicitada ao rei, anteriormente, pelos habitantes do triangulo patricio.

Assim, em todos os capitulos, na *Formação mental, na Formação geographica e colonização, em Palmares, na Evolução economica, em Calabar* as suas razões são sempre concludentes do lado do nosso alvoroçado nativismo, sem excluir, porém, o seu desapaixonado senso da historia.

Casa Americana

Guilherme Gustavo Cörner

RUA DR. ROCHA CAVALCANTE N.º 147

Teleph.: 445

Telegr.: MADORNER

Automoveis: HUDSON — ESSEX — WHIPPET

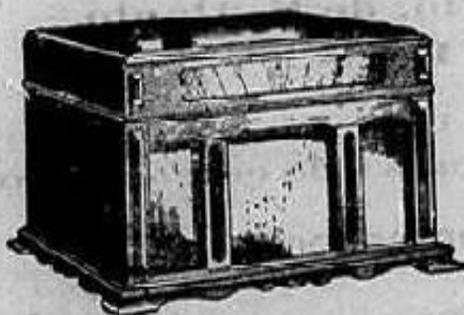
Caminhões: REO



Willard:
STORAGE BATTERIES

A melhor bateria:

VICTOR:



Vitrolas orthophonicas — Discos VICTOR,
PARLOPHON, ODEON e COLUMBIA

Motocicletas: INDIAN, dois modelos distintos: Scout 37, Scout 45

Pneumaticos: GOOD-YEAR e DUNLOP

FAIRBANKS MORSE & CIA.: Motores a kerozene ou alcool para fins agricolas ou ndus-
triales. Electrogenios domesticos (luz e força motriz). Bom-
bas a vapor DUPLEX para baixa pressão. Moinhos a vento.

Livraria Villas Bôas

Villas Bôas & Cia.

MACEIO'

Rua Dr. Rocha Cavalcanti — 201



Officinas de typographia, encadernação e pautaçaõ

LIVROS EM BRANCO

OBJECTOS DE ESCRITORIO

PAPELARIA EM GERAL

Livros didacticos

Literatura

Sciencia

Religião

DIREITO

POESIA

ROMANCE

Sempre novidades do Rio, de S. Paulo,
de Lisboa, de Paris.

Permanente intercambio livresco com os
centros mais adiantados do pais e do estrangeiro'

Livros pelo preço dos editores.

Acceita pedidos de livros para a Europa, e executa qual-
quer trabalho graphico com rapidez e perfeição.

Livraria Villas Bôas

MACEIO'

DA VIDA ECONOMICA

Cultura da Cana de Assucar em Alagoas

Evaristo Leitão, Agrônomo

Ex-ajudante da Inspectoria Agrícola do 9º distrito — Alagoas

(Especial para a "Revista de Ensino") (I)

III — *O solo* — O solo alagoano, na sua grande parte de formação archaica, em que predomina o "gneiss", com derramamentos graníticos mais ou menos consideráveis, tem na deposição sedimentaria a razão de ser da fertilidade de seus valles e planícies.

Aqui, os elementos que formam a estrutura geologica, cujos systemas na columna estractigraphica são diversos, se apresentam sob o ponto de vista agrológico, bastante variado, havendo desde os que em abundancia dão origem á maior extensão territorial do solo agrícola aos que podem servir-lhe de correctivos e fertilizantes.

O littoral compreende uma extensão aproximada de quarenta leguas de orla maritima, entremeada de lagunas, lagoas e paús; e de áreas, formando dunas movediças.

E' uma faixa estreita por vezes com planaltos que não se elevam a mais de cinquenta metros de altitude.

Seus valles são geralmente férteis e irrigados por inumeros rios que vêm desaguar no oceano, ou nas lagoas que com este se communicam.

Dessa zona para o interior, bastante cultivada, a canna de assucar vae encontrar limite onde escassêam as precipitações aquosas indispensaveis em abundancia durante certo periodo de sua evolução.

As terras marginaes ás bacias lacustres são improprias á cultura da canna para fins industriaes, pela sua alta dosagem de chlorêto de sodio.

E' na zona da mata, muito fértil,

onde se acham tambem as maiores areas occupadas por essa cultura.

Zona esta que se caracteriza pelos accidentes topographicos, com montanhas de mediocre elevação, planaltos, planícies, valles geralmente largos e efflorescencias rochosas, occisionando aspectos variados.

O seu maior accidente serve de limite inter-estadual com Pernambuco.

Essas montanhas, de encostas geralmente com depressões, formando grótas, gargantas etc., sob os effeitos das aguas de erosão mais ou menos impetuosas, tornadas em declives suaves, offerecem, pela sua forma e constituição petrographica, não raro, extensas superficies onde tambem se cultiva a canna de assucar, cujo plantio, na sua maior parte occupa as planícies e vales, onde encontra o solo preferido.

Nesses pontos são tambem mais faceis e mais economicas as operações agricolas, inclusive o transporte. No valle notadamente, onde se acham depositados os detritos de toda ordem, mais productiva é a cultura da canna.

Taes formações alluvionaes, terciarias e quaternarias se apresentam variadissimas e se comportam diversamente em relação á cultura, segundo o predominio de um de seus constituintes physicos.

Onde as argillas pouco corrigidas pelos oxydos metalicos se depositaram predominantes e impalpaveis, ahi estão as terras conhecidas pela denominação de *massapé*, as quaes existem em valles de muitos municipios assucareiros, principalmente nos do Oeste e Norte do Estado.

Para completar a sua reconhecida fertilidade carecem de boa exposição e de que sejam sufficientemente inclinadas, fundaveis; pela alta percentagem de argilla plastica, só poderão ser trabalhadas num momento unico: quando não seja fraca nem forte a sua embebição.

Os melhores *massapês* estão asentes em sub-solos permeaveis, o que não é commum.

Os ameudados amanhos lhes saem utilissimos; assim como a drenagem e irrigação os tornam admiravelmente productivos.

Os heterochtonos, em que predominam os detritos vegetaes, são fertilissimos, dependendo de correctivos para a sua alta acidez.

Esses terrenos são proprios da zona littoranea e occupam vastos tractos nas fozes dos rios, com especialidade nos municipios de Alagôas, Pilar, S. Miguel de Campos e Coruripe.

Outra classe de alluvional são os solos tambem de predominancia feldspathica em que os correctivos humiferos e quartziferos entram na composição, diminuindo a compacidade da argilla.

São solos que se encontram em menores extensões, porém bastante disseminados, os quaes emprestam a fama de extraordinaria fertilidade aos ricos valles do Sul do Estado, sendo muito afamados os de Coruripe.

São argillo-silico-humiferos e conhecidos pelo nome de *barro preto*, talvez o melhor solo para a canna de assucar.

Dos autochtonos, são mais preferidos os denominados *barros vermelhos*, predominantemente nas encostas e planaltos, constituindo bons solos quando profundos, em Atalaia, S. Luzia do Norte, Viçosa, Anadia etc. Esse mesmo barro vermelho, quando pouco profundo e lavado pelas aguas de erosão, torna-se improductivo, não offerecendo o das chãs vantagens culturaes para a canna de assucar

Improprias, parece-nos, são as terras ligeiras em declive, notadamente, ou com sub-solo permeavel, em que a canna não supporta as menores estiagens.

A' margem do S. Francisco a canna desenvolve-se exuberante nas terras limosas e sujeitas a inundações periodicas.

Nessas estreitas faixas marginaes ao caudaloso rio cresce ella muito aquosa e pouco saccharina.

O maior obstaculo á lavoura nesse sitio, está no transbordamento das aguas que annualmente, na sua passagem impetuosa rumando o oceano, tudo destróem, tudo arrastam na torrente caudalosa.

Semelhantes terras são vantajosamente destinadas em grande parte ao arroz, que offerece a possibilidade de duas safras francamente compensadoras, dentro de um mesmo anno agricola.

Porque houvessemos falado até aqui da fertilidade do solo alagoano, parece-nos necessario frisar que antes de tudo nos autorizam o bello aspecto que no geral nos proporcionam as culturas e a elevada percentagem da colheita em unidade territorial, obtida, ainda mesmo pelos processos mais empiricos no curso de seculos, ininterruptamente.

Ainda são communs nas terras regulares as colheitas de setenta e cinco e muito mais toneladas por hectare, resultado que pode ser alcançado mesmo em terras reconhecidamente mediocres, quando manifesta é a influencia dos favoraveis agentes externos, sendo a agua precioso elemento regulador dessa productividade.

Quase todos os solos, portanto, se prestam, uns mais que outros, á cultura da canna, desde que sufficientemente beneficiados pelos alludidos factores meteoricos.

Os processos culturaes, todavia, desordenadamente praticados, não visam o melhor resultado.

O agricultor depois de esgotar ou entoxicar o solo por successivas cul-

turas de canna, abandona-o, cogitando sempre de outro que lhe garante boas colheitas sem maiores trabalhos.

Com rara excepção, sempre foi essa a norma de estabelecer-se a lavoura; primeiro, o machado devastador, desnudando o solo, depois a monocultura até nada produzir.

A devastação attingiu o viso das montanhas e desde então para cá,

são notaveis as modificações climáticas que se operam, produzindo maiores estiagens, menores precipitações pluviaveis, temperaturas mais elevadas e seccas.

O longo curso da grande guerra européa marca o auge da devastação criminosa e impune das nossas reservas florestaes, pela mão de ambiciosos proprietarios sedentos de riqueza insensatamente adquirida.



Variações sobre os seres vivos

Belisario Moura

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

Todas as mythologias explicam o apparecimento dos seres vivos ou pelo menos o do homem.

Explicações cheias de phantasias, concepções banidas pela sciencia. Na quase totalidade das religiões selvagens, o homem é dado como oriundo de outros animaes, não por uma evolução accetavel e regular, mas sempre pela intervenção arbitraria de um deus qualquer, o qual ás vezes apresenta a forma animal, outras vezes a humana.

Póde-se citar os Decyrios, uma tribu australiana, que nos dá o homem como tendo origem nos lagartos pretos. Havia desses animaes um pequeno grupo, muito affeçoado a Moora-Moora — o espirito bom.

Este prometteu-lhes o poder. Assim fez das patas os dedos dos pés e das mãos, em seguida deu-lhes nariz e labios e ordenou-lhes que andassem de pé. A cauda, porém, não o permittia; Moora-Moora, intervindo, cortou-a, segundo os Decyrios; assim foi criado o homem.

Outras religiões têm o homem como fruto de uma arvore, ainda outras no-lo dão como surgindo do solo.

A mythologia mosaica narra que elle foi feito de barro ou de terra.

Todos conhecem como a Biblia explica a criação do homem: Deus fez uma figura de barro, nella soprou e com esse processo fez surgir o homem.

Essa criação é typicamente mythica, isto é, uma narração phantastica, para explicar um facto natural.

Nesse texto as contradicções da Biblia são tão evidentes que se não pódem silenciar.

Sem sahir do "Genesis", nota-se o desaccordo entre o I e o II capitulo. No I capitulo Deus depois de ter criado os outros animaes accrescenta: "Façamos o homem á nossa imagem e semelhança, o qual presida aos peixes do mar, ás aves do céu, ás bestas e a todos os repteis que se movem sobre a terra e domine em toda Terra. E criou-o Deus á sua imagem: Elle o criou á imagem de Deus, macho e femea os criou" (Vrs. 26 e 27).

No segundo capitulo a narração é differente, Deus amassou uma figura de argilla, soprou e surgiu o homem. Pelo capitulo I bastou o poder da palavra, e além disso a criação da mulher, que pelo capitulo I, já estava criada pela simples vontade divina, é no II explicada pela lenda da costella que fôra arrancada ao

Por ter sido artigo de Fé acreditar que Deus criara, em certo ponto da Terra, primeiro os animaes e depois o homem, foi esse mytho que prevaleceu por muitos seculos.

Assim pela narração biblica todos os animaes foram criados num determinado ponto, chamado Paraiso, e ahí reunidos, Adão deu-lhe os respectivos nomes. Depois encontramos novamente os animaes reunidos no monte Ararat, na Armenia, após o diluvio, donde partiram para povoar o mundo.

Conclue-se que por duas vezes a Biblia reuné em um só ponto todos os animaes.

Tendo-se descoberto novos continentes foram encontradas novas especies de animaes, como os cangurús, achados na Australia e que não existiam na Asia.

E' crível que todos os cangurús tivessem partido da Asia e fossem todos para a Australia?

Ainda mais a Australia é uma ilha e os cangurús não são grandes nadadores. A distancia é colossal, elles não poderiam ter seguido rapidamente para lá, teriam de atravessar enormes florestas, rios caudalosos, forçosamente deixariam vestigios pelo caminho. Foi justamente o que não aconteceu.

Outro caso: Todas as preguiças dispararam da Armenia para a America do Sul sem que uma só se extraviasse ou fugisse.

Tudo isto é de difficil comprehensão.

A' proporção que foram sendo estabelecidas as vias de comunicação e conhecidos novos continentes, ficou evidente a impossibilidade da criação em um só ponto da Terra. Foram achados fosseis, ossos petrificados de animaes que não correspondem a nenhuma especie existente e pertencem a animaes collossaes: mastodontes, repteis gigantescos, dos quaes não ha nenhum especime; mas a Biblia não fala em especies desaparecidas.

Assim a criação do mundo feita pelo "Genesis" não póde resistir á analyse.

Pelas descobertas astronomicas já estava de toda desmoralizada e offerece campo a novas criticas.

Por exemplo, diz: "No primeiro dia foi criada a luz, o céu, a Terra", donde o possibilidade de haver luz sem sol.

No segundo dia separou as aguas de baixo das de cima... Provado que não existe o *firmamento solido*, é absurdo "aguas de cima".

No terceiro Deus separou as aguas da Terra e criou as plantas... Não é absurdo "plantas" antes de haver sol?

No quarto dia finalmente, foi criado o sol, a lua, e as estrellas. No quinto surgem os peixes e as aves.

Não póde ser acceito, visto que nas camadas da Terra, são

encontrados em primeiro lugar os animaes marinhos, antes de serem encontrados os grandes vegetaes.

Os repteis precedem as aves.

O que não soffre controversia é que nas camadas geologicas mais antigas se encontram animaes terrestres, precedendo de muito as aves.

Temos de concluir que os animaes não podiam ter sido criados num só ponto da Terra; que o numero delles é tão grande que seria impossivel reuni-los na Arca, ainda que esta fosse dez vezes maior; que os dias ou periodos da Biblia devem ser contados por centenas de seculos, visto a constituição das camadas geologicas demandar aquelle tempo, o que torna mais absurdo só no quarto dia ou periodo ter sido criado o sol, pois, não pôde haver manhã, tarde, plantas, luz, antes do Sol; que as aves só pôdiam ter apparecido depois dos animaes terrestres.

Destruir a phantasia biblica seria tarefa facil; bastava raciocinar; criar uma doutrina baseada em factos positivos, em dados scientificos, seria obra de averiguações acuradas e estudosmeticulosos; foi essa a obra de Lamark, Darwin e de Haeckel.

Por cuidadosas observações e numerosos factos tornou-se, a principio, provavel e depois indiscutivel a theoria do transformismo.

Estudando qualquer ser vivo, verifica-se que não se encontra nenhum orgão essencial que só pertença a uma especie e nesta appareça nitidamente constituido.

Assim a descendencia dos seres vivos, vindo os mais dos menos bem organizados, apresenta-se nitida. Se tomarmos, porém, pontos extremos, nos parecerá á primeira vista impossivel; porém, se considerarmos os grandes resultados obtidos pela adaptação ao meio, acharemos facil explicação.

O que um criador pôde fazer, em poucos annos, obtendo especies de animaes com caracteres inteiramente especiaes, é assombroso.

Não serão mesmo precisos muitos annos para obter transformações extraordinarias.

Ha criadores de pombos, gallinhas, carneiros que vão aperfeiçoando o typo que pretendem desenvolver, até que conseguem, em diversas gerações, resultados mais que surpreendentes.

E' o que se chama "selecção artificial".

Muitas vezes circumstancias ao azar alcançam o mesmo resultado, isto é, sem a intervenção do homem ha transformações radicaes.

Certas especies de animaes que ficaram em cavernas, privados de luz, por algum tempo, acabaram perdendo a vista e desenvolvendo o tacto, pois que ella se lhes tornou de todo inutil e este lhes é aboslutamente necessario; assim, sem a intervenção do

homem, esses animaes ficaram muito differentes de seus ascendentes.

Ora desde que esses exemplos appareceram, em certo numero, passou a possibilidade a ser uma probabilidade.

Se essas modificações eram conseguidas, por causas fortuitas em alguns annos, o que não seria possível, que differenças fundamentaes não obteria a Natureza, não em milhares de annos, mas em milhares de seculos?

Logo a idéa de estabelecer uma escala que se fosse aperfeiçoando, levou ao estudo de que seres superiores podiam descender de seres inferiores; observaçõesmeticulosas provaram que essa doutrina não só se tornou possível, como provavel; estudos mais profundos nos trouxeram a demonstração de que o facto era mais que provavel: era certo.

Esses estudos podem ser reunidos em cinco grupos principaes:

- 1) Unidade de plano nas grandes divisões do reino vegetal e animal.
- 2) A recapitulação embriogenica dos seres inferiores pelos superiores.
- 3) O apparecimento de orgãos rudimentares.
- 4) As anormalidades anatomicas.
- 5) A harmonia verificada entre a embriogenia e a paleontologia.

Sem a evolução tudo isso ficaria incompreensivel.

Querendo dar um exemplo: analysemos a estrutura anatomica de todos os vertebrados. Por maior que nos pareça a desigualdade entre um homem, um elephante e uma sardinha, nota-se, em todos uma columna vertebral, um arranjo equivalente de orgãos mais ou menos desenvolvidos, que correspondem no homem aos braços e pernas, no elephante ás patas e nas sardinhas ás barbatanas.

Além disso, o numero, como a disposição symetrica dos ossos, é mais ou menos o mesmo.

Logo, encontram-se analogias flagrantes no plano de construcção.

Isto nos vem provar apenas a dimensão e a forma da parte, tendo cada grande grupo, conservado o mesmo plano do todo, donde não pôde ser cada um um acto especial de criação.

Sómente o descenderem todos de um só tronco nos explica essa circumstancia.

O ovulo humano não traz em si um homenzinho que vá crescendo pouco a pouco. E' a principio um ovulo com estrutura igual a de todos os animaes. Em seguida passa por modificações identicas ás por que passa um embrião de peixe, de ba-

traquio e de outros vertebrados inferiores. Logo não é um crescimento e sim modificações que se succedem.

Em certa phase do desenvolvimento ha perfeita igualdade entre os embryões da gallinha, do homem, do cão, da tartaruga.

—Não ha um só ser superior que se forme pelo crescimento progressivo de suas partes: cada um tem de passar por diversas alterações, sendo de notar que cada uma dessas alterações corresponde a uma especie inferior adulta.

Se o homem não descendesse dum corpo vivo feito de uma só cellula, e muito depois de animaes semelhantes aos peixes, aos batraquios, aos macacos anthropoides, porque haveria elle em sua geração de ser: cellula, peixe, batraquio e macaco?

O que se dá com o homem dá-se com todos os seres.

Todos passam por formas inferiores antes de attingir a forma definitiva.

Só na doutrina da evolução encontramos explicação para o facto.

Assim em dada phase do desenvolvimento humano, o embryão possui o que os 'anatomistas chamam corpus "Wolff", isto é, os rins de peixe têm tambem dos peixes as fendas branquiaes.

Durante algum tempo o embryão apresenta a aorta com duas crostas e no sexto mês de gestação o corpo se cobre de lanugem.

Pois bem, tudo isso desaparece ao chegar o feto ao fim de seu desenvolvimento. Ficam formados outros rins, a aorta só tem uma crosta, a lanugem cae.

Seria absurdo que todo esse trabalho fosse feito só para depois ser destruido, a explicação é perfeita pela herança de animaes inferiores, que possuíam e possuem ainda hoje esses orgãos. Além dessa evidencia, notam-se no adulto orgãos rudimentares: os musculos que servem para mover as orelhas, o couro cabelludo, a pelle em geral.

No canto dos olhos temos uma saliencia vermelha que não passa de uma membrana atrophada.

Ora, os musculos para mover as orelhas e a pelle nos são absolutamente inuteis; mas já preencheram, em outros animaes de que descendemos, importantes funcções.

Esses musculos atropharam-se pela falta de uso (a funcção faz o orgão); e, se a humanidade durar algumas centenas de seculos, desaparecerão.

Aquelle resto de membrana que observamos nos cantos dos nossos olhos, nos batraquios desenvolve-se, cobrindo-os inteiramente. Fóra da nossa descendencia pela doutrina da evolução, como explicar o facto? Impossivel.

Ainda uma prova interessante da theoria da evolução: "As anomalias anatomicas".

Estas, quando não fazem aleijões, existem mui frequentemente.

Assim é commum encontrar musculos, nos braços, iguaes aos das pernas, o que é regra nos mammiferos e notadamente nos macacos, visto que pernas e braços têm as mesmas funções.

No homem, porém, é uma anomalia. Observou-se que, em cada 60 cadaveres que são dissecados, um, em media, tem um musculo que serve para elevar a clavicula, musculo inutil ao homem, mas cuja existencia se verifica nos macacos.

Essas anomalias, formas que se alteram, órgãos estranhos que apparecem, são reminiscencias atavicas de animaes que figuram na recapitulação embryogenica.

Os proprios desvios, os aleijões, não são produzidos ao azar; tanto assim que nunca appareceram em nenhuma monstruosidade humana bicos ou pennas como os dos passaros, ou antenas como as dos insectos. Isto porque nem as aves, nem os insectos são nossos ascendentes. Em nenhuma phase do embryão humano este se apresenta como o de um passaro ou de um insecto.

Para finalizar, vamos dar a prova decisiva da theoria evolucionista: A concordancia dos achados paleontologicos com a embryogenia.

Assim percorrendo as camadas da Terra, vamos encontrar os seres vivos na mesma ordem em que se desenvolve o embryão, os peixes já existiam antes dos batraquios, estes antes dos macacos, e estes antes do homem.

O embryão é primeiro analogo a um peixe, depois a um batraquio, muito depois a um macaco.

E' preciso notar que não é somente por estes grãos que passa o germen humano.

Entre essas modificações ha innumeradas intermediarias. O essencial é verificar que a ordem de desenvolvimento de qualquer embryão coincide com a ordem dos achados paleontologicos; isto, por si só bastaria para a demonstração da theoria evolucionista, explicando o apparecimento dos seres vivos, sem apellar para inuteis poderes sobrenaturaes.



NOCTURNO

Austro Costa

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

Sob o luar de alvaiade o bairro dorme,
dorme minha agua-furtada,
parece, até, dormir o Luar...
Só eu não durmo. Esta saudade enorme
que erra dentro de mim, como um'alma penada,
me faz velar.

Dormem todas as coisas!
Dormem os mortos, dormem as loisas,
dormem aquelles que não têm o que esperar...

A Vida, indifferente, dorme, a Vida.
E a propria Lua, commovida,
desce do Céu adormecida,
boia em meus olhos que vão chorar!...

Ah! dorme tudo!
Só eu não durmo. E vai morrendo o Luar...

Sempre aberta a janella!
E eu sempre aqui, de sentinella
nesta ansia inutil de te vêr chegar!

Alma penada da ventura morta,
oh! nunca deixes de bater-me á porta!
Phantasma bom, que bom lembrar!

Pela janella aberta
entra a dolencia evanescente, incerta
— plangencia vaga que com a Dôr concerta —
da vagabunda musica do bar.

(O bar: lá-baixo, réz-do-chão — predio contiguo...)

Agora é o som confuso, ambiguo,
de uma victrola a ronronar...

Victrola louca e dissoluta,
que com a flauta do cégo anda em disputa,
sempre a altercar.

O' Noite! Quebra o disco immundo
do gramophone vagabundo
desse vil *cabaret* que fica junto ao bar!

Ah! Porém a alma bohemia do flautista,
do pobre cégo sentimentalista,
chega com o vento e vem me consolar...

E, sob o Luar de mica,
tua saudade fica,
fica commigo a dialogar.

Debruçado á janella, os olhos circunvagam
por todo o bairro. O brilho vago,
o brilho doente
do Crescente
vae mais e mais a descorar.

Vae e vem pela rua um vulto taciturno.
E' o guarda. Ponho o guarda em meu "Nocturno".
Lá vem um cão... O cão, ponho-o a ladrar.
Só falta agora um tresnoitado á-tôa
que, da luz do Luar sob a garoa,
passe um tango qualquer a assobiar...

Ah! Mas enquanto a Noite — a lêda Bruxa
agoniza, estrebucha,
amedrontando o Luar,
minha saudade de brinquedo,
minha saudade de ninguem,
de um modo lêdo:
morre no meu "Nocturno", a declamar...

E, ao Luar, que se dilúe e se consome,
somente o cégo, o bohemio sem nome,
— talvez com fome! —
sopra a frauta monotona, no bar...

1929 — outubro.



METHODOLOGIA DA LINGUAGEM

GALLICISMOS

Moreno Brandão

da Escola Normal de Alagoas

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

I — O termo *gallicismo* deriva-se do nome *Gallia* outr'ora dado á França.

O vicio de linguagem que elle representa, consiste no emprego de palavras e phrases tiradas da lingua franceza.

II — Ha tres especies de gallicismos: o *lexicologico* ou *simples*; o de *dicção* ou *locução*; e o *syntactico* ou *de construcção*.

Gallicismo lexicologico ou *simples* é o que consiste no emprego desnecessario de palavras francezas que têm equivalentes vernaculos: *debute* por *estréa*; *encorajar* por *animar*; *entraves* por *estorvos*.

Gallicismo de dicção ou *locução* é aquelle em virtude do qual se empregam locuções francezas desnecessarias, porque ha outras do mesmo sentido, proprias do Português: *golpe de vista* por *olhar*; *chefe de obra* por *obra prima*; *enquanto que* por *quanto*.

Gallicismo syntactico ou *de construcção* é o que consiste no facto de dar á phrase portuguesa um torneio proprio da estrutura oracional franceza: *vende-se livros* por *vendem-se livros*; *guardar o leito* por *estar de cama*, *cair doente*.

III — A estrutura oracional franceza diverge em muitos pontos da estrutura oracional portuguesa e com esta igualmente tem muitos pontos de contacto. Em Francês e em Português ha o mesmo numero de partes oracionaes; em Português e em Francês ha o artigo, que não existia em Latim; são iguaes os processos de derivação dos vocabulos; identicos os meios usados para corromper os vocabulos latinos; a syntaxe de uma e outra lingua molda-se pelo

mesmo typo *analytico*. Entretanto, o *analytismo* é muito mais rigoroso em Francês do que em Português, onde a ordem inversa é muitissimo mais seguida, havendo maior variedade de construcção e maior liberdade de collocação dos termos na oração e da oração na phrase.

E', portanto, o idioma vernaculo muito *synthetic*, estando mais aproximado do typo latino.

São essas, consoante a lição de Alfredo Gomes, as divergencias entre a estrutura oracional franceza e a estrutura oracional portuguesa.

Taes divergencias devem ser lembradas para que, falando ou escrevendo, os que se servem do idioma luso não venham a commetter gallicismos.

IV — As causas pelas quaes os estrangeirismos que mais se notam em nossa lingua são provenientes do Francês consistem não só nas relações historicas de Portugal com a França, donde proveiu a dynastia fundadora da nacionalidade lusitana (seculo XII), como tambem da maior vulgarização da literatura franceza nos dominios geographicos da lingua portuguesa.

BIBLIOGRAPHIA

Na elaboração deste trabalho recorreremos muitas vezes á autoridade de Mario Barreto, Candido de Figueiredo, Heraclito Graça, Ruy Barbosa, Castro Lopes, João Ribeiro, Silva Tullio e outros.

ABANDONADO. E' gallicismo na significação de *perdido*, *devasso*, *dissoluto*.

ABAT-JOUR. Em vernaculo deve-se

dizer: *quebra-luz, pantalha, sombreira* ou *lucivéo*. Este ultimo é um neologismo proposto pelo Dr. Castro Lopes.

ABORDAR. *Abeirar, tocar, aproximar-se.*

ABÓRDO. A palavra correspondente em Português é *acolhimento*.

ABSTRACÇÃO FEITA. E' phrase de pura construcção franceza, sendo preferivel dizer-se em substituição della: *fazendo abstracção, prescindindo de.*

ACTIVAR. *Tornar mais activo, apressar, atear* (o fogo).

ADIADO. Em lugar deste termo deve-se empregar um dos seguintes: *transferido, espaçado, procrastinado.*

ADRESSE. *Sobrescripto.*

AFFARES OU AFFAZERES. Pode ser substituido por *que fazeres.*

AFFECTADO. Esta palavra significa em Português *fingido, contrafeito, simulado. Na accepção de movido, commovido, attingido por qualquer sentimento ou paixão é estrangeirismo.*

AFFIXAR. Significa em Português *tornar fixo, pregar, pegar, segurar.* Atribuir-lhe a significação de *ostentar* é usar de gallicismo desnecessario.

AFFINE. *Edital.*

AFFOSO. *Horrendo.*

AGUERRIDO. *Costumado á guerra, corajoso.*

ALARMANTE, ALARMAR. *Assustador, assustar, sobresaltar.*

ALCAZAR. *Alcacer.*

ALTERADO. *Sequioso.*

AMPARAR-SE. *Apoderar-se.*

ANIMOSIDADE. *Odio, violencia e encarniçamento numa discussão, debate ou polemica.*

ANVERS. *Antuerpia.*

APARTAMENTO. *Quarto, camara.*

APLOMB. *Desempeno, prumo.*

ARGOT. *Gíria, calão.*

ARMADA. Só pode ser empregado este termo para nomear a marinha de guerra. Para a collectividade militar de terra ha o termo *exercito.*

ARMISTICIO. *Treguas.*

São gallicis.

mos necessarios. Termos de tanoeiro. São de uso antigo.

ARRIÈRE-PENSÉE. *Segundas tenções.*

ASCENDENTE. Tem o abono dos classicos quando é empregado para significar — *preponderancia, predominio, superioridade.* Pode, por consequencia, ser tolerado, embora o taxem de gallicismo.

ASSASSINATO. *Assassinio.*

ASSEMBLÉA. *Reunião, sociedade.*

ATAQUE. Esta palavra tem sido empregada na significação translata. Entretanto seria mais da indole da lingua dizer: *insulto, aggressão* (da inveja), *accommettimento* (de molestia), *accessão* (de febre, de colera).

ATELIER. *Officina, fabrica, gabinete de trabalho, laboratorio.*

ATTITUDE. Embora seja toleravel como termo de arte, é preferivel dizer-se *postura.*

ATURDIDO. Em Português significa *maravilhado, pasmado, attonito.* Empregado na accepção de *estouvado, desattentado, arvoado* é estrangeirismo reprovavel.

AUDACIOSO. Embora seja gallicismo, pode ser tolerado. E' melhor, porém, que nos sirvamos de expressões equivalentes, como: *ousado, denodado, desenvolto em commetter qualquer empresa.*

AUTORIDADE CONSTITUIDA. *Autoridade legitima.*

AVALANCHE. Castro Lopes propõe como succedaneo deste termo *runitol.* Usa-se tambem *alude.*

AVANÇAR. Quando quer dizer — *afirmar ousada e infundadamente qualquer cousa* — é estrangeirismo. *Avançar* não pôde ser empregado em outra accepção que não seja — *adeantar.*

AYGRETTE. E' gallicismo desnecessario, uma vez que temos para substitui-lo: *garçota.*

BALE. *Basiléa.*

BANCA-ROTA. E' preferivel dizer — *banco-roto.*

BANAL. *Trivial, corriqueiro, sedigo, vulgar.*

BANDIDO. *Salteador, malfeitor.*

BAPTISTE. *Cambraia.*

BARCO A VELA. Barco de vela.

BARRICADAS, BARRICAR, Trincheira, tranqueira. Entrincheirar, atalhar. João Ribeiro reputa necessários esses gallicismos.

BASEAR. Fundar, firmar, estabelecer.

BALXO CLERO. O clero menos graduado.

BELLO SEXO. O sexo fraco.

BEM. Sóa gallicismo, quando precede os advérbios *mais* e *menos*: *bem mais, bem menos*, em lugar de *muito mais, muito menos*. Quando esses advérbios precedem adjectivo (*bem mais estudioso*), desaparece a eiva de estrangeirismo. Bem amado.

BEM ESTAR. E' geralmente seguido.

BERRANTE. Gritador, vistoso, garrido.

BICYCLETA. Para substituir esta palavra o Dr. Ramiz Galvão propôs o neologismo — *dicyclo*.

BIGOTISMO. *Beatice, crendice, santimonia*.

BIZARRO. Extravagante.

BÓA MANHÃ. Madrugada.

BOBÉCHE. Dirandela.

BOM. Sobre esse adjectivo diz João Ribeiro: Gallicismo em *bóas graças* em vez de *graça* simplesmente: *cahir na graça d'el-rei* e não *nas bóas graças do rei. O bom Deus (le bon Dieu)*. Inversamente é gallicismo dizer *o gosto* em vez de *o bom gosto*. Outro gallicismo: *o bom tom*, que, aliás, já tem bastante uso.

BONNET. Barrete, gorro, carapuça, solidéo.

BONOMIA. E' mais português substituir essa palavra pelas seguintes: *sinceridade, ingenuidade, singeleza, bondade, simplicidade de animo*.

BORDADA. Na significação de *banda de artilharia* é gallicismo.

BORDEAUX. Bordéos.

BOUDOIR. Camarim, gabinete pequeno de mulher.

BOULEVARD. Calçada.

BOUQUET. Ramo, ramalhete ou ramilhete.

BRANCO DE ESPANHIA. Cré (Rama-

BROCHADO, BROCHURA. *Cosido, livro com capa de papel*.

BRUSCO. Esta palavra em Português significa *escuro*. Empregá-la no sentido de *precipitado* ou *violento* é usar um gallicismo.

ÇA DEPENB. Conforme.

CABOTAGEM. Navegação costeira. Costeagem.

CACHE-NEZ. *Focale* é o neologismo proposto por Castro Lopes para substituir esta palavra. Lenço ou manta de agasalho.

CALCADO. Imitado com exactidão.

CALCULO. E' gallicismo no sentido de *intenção*.

CALEMBOURG. Para substituir este gallicismo Castro Lopes criou o termo *anciverbio*.

CANTERBURY. Cantuaria.

CARNAGEM. E' vernaculo, quando significa — *provisões de carne*. Com a significação de — *carniceria, manança, grande mortandade de gente* é gallicismo.

CARNET. Castro Lopes propõe para substituir este gallicismo o termo por elle criado — *choribel*.

CELIBATARIO. Deve ser substituido por *clibe* ou *solteiro*.

CHAISE-LONGUE. *Espreguicador*.

CHALET. *Casa de recreio, castellete*.

CHANCE. Bóa fortuna.

CHAMPIGNON. Cogumelo, tortulho.

CILARIVARI. *Peniludio* (proposto por Castro Lopes).

CHATELAINE. *Castellã*.

CHEFE D'OBRA. E' gallicismo intoleravel. *Obra prima* é que é vernaculo.

CHICANA. Trapaça, alicantina, cavillação, dolo, fraude.

CLAUQUE. Venaplauso (proposto por Castro Lopes).

CLICHÉ. *Clizé*.

COALICÃO OU COALISÃO. Ha os termos vernaculos *liga, colligação, federação, colligar-se, confederar-se*, que bem podem substituir estes gallicismos.

COCAR OU COCARDA. O vernaculo é *tope, divisa, laço*.

COMITÉ. E' desnecessario pois mos em Português — *junta, commis-*

COMMANDO, COMMANDAR. Termos militares necessarios.

COMMANDAMENTO. E' gallicismo, quando empregado no sentido de *commando, mandamento, mandado, preceito, ordem*.

COMMIS-VOYAGEUR. *Caiçiro-viajante, cometa*.

COMPLACENTE. *Obsequioso, attento, prazenteiro, condescendente, indulgente, lisonjeiro*, é que são os termos portuguezes aptos a traduzirem a idéa que os galliciparlas pretendem significar pelo termo *complacete*.

COMPORTAR-SE, COMPORTAMENTO. Proceder, procedimento.

COMPROMETTE-SE. *Arriscar-se, aventurar-se, expor-se a algum desar*.

CONDUCTA. E' gallicismo, quando empregado em lugar de *procedimento, porte, termo de proceder, vida e costumes*.

CONDUZIR. *Gouvernar-se, haver-se proceder, portar-se*.

CONFECIONAR. *Fazer*.

CONFINAR. *Encantoar-se, encerrar-se, ser recluso*.

CONFISEUR. *Confeiteiro*.

CONFORTO. *Conchego, commodidade de vida*.

CONSCRIPÇÃO. *Recrutamento*.

CONSTATAR. *Verificar, mostrar, fazer constar, certificar*.

CONTAR (sobre alguma cousa ou pessoa). *Confiar, estar certo, ter toda segurança*.

COQUETTE. *Loureira, galanteadora, desenvolta, namoradaira*.

CORBILLE. *Corbelha*.

CÔRTE. Significando tribunal é gallicismo.

COSTUME. *Traje, habito*.

COSTUMES. E' gallicismo no sentido de *bons costumes*.

COTISAR. Silva Tullio diz que esta palavra é gallicismo admissivel.

COZIDA. *Cozimento, cozedura*.

CRACHÁ. *Habito, insignia, venéra*.

CRÉCHE. *Presepio*.

CROCHET. *Croquezinho*.

CROQUIS. *Esboço*.

DADOS. *Informações, razões*.

DE. (Preposição). Empregada sem

sôa gallicismo, salvo si o verbo, substantivo ou adjectivo que rege o infinito pede este regimen: A primeira cousa que fez foi *de vir a Madrid*. *Recommendou de fazer*. O menor abuso que commette é *de reduzir o povo á escravidão*. Empregos classicos do *de*: *Quam grato era da mercê* (Barros). *Chamaram-lhe de herege* (F. Luis de Souza). Os pais e a patria o negavam *de filho* (J. Freire). *Ordenou de fazer*.

DEBOCHAR, DEBOCHE. Em lugar de *devassidão, soltura, estragamento de costumes; corromper, depravar, induzir para o vicio, estragar os bons costumes*.

DEBUTE. *Estréa*.

DEFERENCIA. *Atenção, respeito, consideração*.

DEGELAR. *Derreter* (o que estava congelado).

DE MANEIRA A (DE MODO A, DE FORMA A). Estas locuções devem ser substituidas por *de maneira que, de forma que, de modo que*.

DEMI-MONDE. Sociedade equivooca que reune a elegancia á relaxação dos costumes.

DEGRADAR-SE. *Descair*.

DEPARTAMENTO. *Districto ou departamento*.

DEPOIS. E' gallicismo em locuções como a que se segue: *Depois de taes exemplos — em lugar de — á vista de taes exemplos*.

DE RESTO. No mais, quanto ao mais. Alguns consideram classica esta locução.

DESCOBERTA. *Descobrimento*.

DESCOSIDO. Significando *solto, desatado, desligado, desconnero*, é gallicismo.

DESER, DESSER, DESSERT. *Sobremesa, pospasto, postres*.

DESEPERO. ESTAR AO DESEPERO OU EM DESEPERO — POR — estar inconsolavel.

DESGOSTANTE. *Nojoso, hediondo, aqueroso, fastidioso, que causa repugnancia, desagradavel, molesto, pungente*.

DESHABILHADO, EM DESHABILLÉ. Não

vestido, desataviado, sem adorno, vestido a descuido.

DESINFECTAR. *Desinfecção.*

DES NATURALIZAR. *Aterrar, transformar, desfigurar.*

DESOLADO. *Consternado, afflicto, maguado, amargurado.*

DESTACAR, DESTACAMENTO. *Termos militares. Quando não são termos militares, deve-se dizer: separar, distinguir, especializar, insular, resair, sobrelevar.*

DETALHAR, DETALHE. *Relatar miudamente, particularizar circumstancias, referir com miudeza; relação por menor, circumstanciada, particularidade, individuação no referir os factos, minucia, minudencia.*

DOMESTICO. *Servidor, criado.*

DRENAGEM. *Castro Lopes propõe — haurinrugo — para substituir este francesismo.*

ECLUSÃO. *Desabrocho, desabrolho.*

ECLUSA. *Dique, comporta, esclusa.*

E'CRAN. *Guarda-fogo, guarda-lume.*

EDICTAR. *Publicar, estampar, imprimir, edictorar.*

EFFECTOS. *Emprega-se na linguagem do commercio. Este termo foi usado pelo padre Antonio Vieira. Os effectos da Fazenda Real.*

EGOISMO. *Solipsismo.*

ELANÇAR-SE. *Arremessar-se, abalançar-se, arrojar-se, subir ás nuvens (falando de monumentos).*

EGUALITARIO. *Igualista.*

ELÉVE. *Discipulo, alumno, escolar.*

E'LITE. *Escol, fina flor, gemma, nata da sociedade.*

EM. *Empregado em vez de como, segundo, é gallicismo: falar em philosopho (como philosopho). Parece que, no espirito da lei... (que, segundo o espirito da lei). Ha outros empregos de em que constituem verdadeiros francesismos: O assumpto em discussão (o assumpto que se discute). São classicos os empregos seguintes: Depois que saímos em terra (Heitor Pinto). Passou em Africa (Barros). Porque o Rei não quis con-*

EMBALLAGEM. *Empacotamento, enfiamento.*

EMBELLEÇER. *A respeito desta palavra diz Silva Tullio: E' mais desculpavel que embellezar. Entretanto nem assim é admissivel com a significação de ornar, adornar, enfeitar, aformosear.*

EMIGRAR, EMIGRAÇÃO. *São necessarios.*

EMOÇÃO. *Commoção, agitação, turbacão de animo, abalo.*

EMPALLEÇER. *Empallidecer.*

ENQUANTO QUE. *Enquanto.*

ENCORAJAR. *Animar, esforçar, alentar, dar animo, metter brios.*

ENGAJAR. *Assalariar.*

ENGRENAGEM. *Castro Lopes lembra para substituir esta palavra — entrosagem.*

ENTAMAR. *Encetar.*

ENVELOPE. *Sobre-carta.*

ENTRAVAR, ENTRAVE. *Estorvar, estorvo.*

ENTRETENIMENTO. *Custeio, manutenção, conversação, conferencia.*

EQUAÇÃO A DUAS INCOGNITAS. *Equação de duas incognitas.*

ERIGIR-SE EM JUIZ. *Arrogar-se a autoridade de juiz.*

ESCOMBROS. *Entulhos.*

ESPIRITO, ESPIRITUOSO. *Engenho, engenhoso.*

ESQUECER. *Empregado na forma activa é gallicismo: Esqueci a gravata—por—esqueci-me da gravata. Ha exemplos classicos do emprego deste verbo na forma activa: Agente de Vianna não podia esquecer as obrigações (F. Luis de Souza).*

ESQUIMAU. *Esquino.*

ESTAR AO FACTO. *Pôr-se ao facto.*

ESTAR SOBRE SUAS GUARDAS. *Andar de sobreaviso.*

ESTUDADO. *Contrafeito, affectado.*

ETAGÉRE. *Prateleira, cantoneira.*

ETIQUETAR, ETIQUETA. *Rotulo, rotular.*

EVAPORADO. *Leve, leviano, vão, inconsiderado, volúvel.*

EXACTIDÃO. *Exacção.*

EXECUÇÃO. *Mão de obra, labor, feitura.*

EXTRACÇÃO. *Origem, nascimento, linhagem.*

EXTRAVIAR, EXTRAVIADO. Estão adoptados esses gallicismos.

FANADO. *Murchado, murcha, que perdeu a frescura.*

FARPANTE. *Notavel, admiravel, insigne, illustre, conspicuo.*

FATIGANTE. *Molesto, incommodo, trabalhoso, afanoso.*

FAUTEUIL. *Poltrona.*

FAZER. É gallicismo no sentido de: a) dizer: Não posso, fez elle (disse elle); b) consistir: Isto fazia seus prazeres; c) julgar: Fazemo-nos um dever (julgamos um dever). Usos classicos são os seguintes: 1º fazer a causa de alguém (F. Luis de Souza); 2º fazer erros, emendas, etc.; 3º fazer vingança ou tomá-la (Ferreira).

FAVORITO. *Favorecido, mimoso, preferido.*

FERRICO. *Fadico, encantado, fantastico, esplendente.*

FEITO SOBRE MODELO. *Feito de accordo com um modelo.*

FELICITAR, FELICITAÇÕES. *Congratular-se, dar parabens.*

FEREZA. *Altivez, orgulho.*

FINANÇAS. Deixa de ser gallicismo quando se refere ás rendas publicas.

FLANAR. *Andar á tuna, vadiar.*

FORMATO. *Fôrma de um livro, que é em folha, em quarto, em oitavo.* Vieira usa: *fôrma de quarto, de oitavo.*

FORMIGAR, FORMIGUEJAR. *Abundar, ser em grande numero, estar inçado.*

FORTUNA. *Riqueza, cabedaes, teres, haveres.*

FRAPANTE. *Notavel.*

FUGITIVAS (obras). *Obras miudas, ligeiras.*

FUNDO. *O fundamento, o essencial, o principal.*

FUZIL. *Espingarda.*

FUZILAR. *Espingardar, arcabuzar.*

GALIMATIAS. *Palanfrorio, palavroio.*

GARAGE. Até hoje não foi criado termo para substituir este.

GARANTIE, GARANTIA. São necessários esses gallicismos.

GARE. *Estação, embarcadouro.*

GÊNES. *Génova.*

GENIO. *Engenho.*

GENTES (DE BEM, FRIVOLAS, HONESTAS). *Homens, pessoas.*

GESTÃO. *Administração, gerencia de negocios.*

GOLPE DE ESTADO. *Legicídio.*

GOLPE DE VISLA. *Vista d'olhos, emprego d'olhos, olhada, olhar, volver d'olhos.*

GRANDE (CAMINHO; MUNDO). *Em lugar de estrada real; gente abelizada ou toda sorte de gente.*

GRANDE AR. *Ar livre.*

GRENADE. *Côr de romã.*

GRÉVE. *Parede.* Castro Lopes propõe o neologismo — *operinsurreição* — para substituir o termo *gréve*.

GRIMAÇAS. *Trejeitos, momos, gestos ridiculos.*

GOSTO. *Bom gosto.*

GOVERNANTE. *Aia, mestra.*

GUARDAR O LEITO, O CHAPÉO. *Estar de cama, conservar o chapéo.*

GUIPURE. *Renda de malhas largas.*

GUIRLANDA. *Grinalda.*

GUIGNON. *Mão olhado.*

HONORABILIDADE. *Benemerencia, honra.*

HORDA. *Bando indisciplinado, bando fóra da lei.*

HUMOR. *Enfadamento, agastamento, máo humor, bom natural, bom humor.*

IMBECIL. *Empregado como substantivo no sentido de fatuo, nescio, sandeu, insensato, parvo, é gallicismo.*

IMBECILIDADE. *Tolice, sandice, parvoice.*

IMMEDIACÕES. *Arredores.*

IMPERECIVEL. *Immorredouro.*

IMPOR. *Enganar, seduzir, arrogar-se qualificação que não lhe pertence.* Nos outros sentidos é autorizado.

IMPOSANT. *Aprumado, elegante, empertigado.*

INABALAVEL. *Inmoto, firme, estável.*

INCONCEIVEL. *Incomprehensivel, imponderavel, inconceptivel.*

INCONTESTAVEL. *Indubitavel.*

INDEMNISAR, INDEMNISACÃO. Usuaes, apenas devem-se escrever com *z*.

INESGOTAVEL. *Perennial*.

INSINUANTE. E' considerado acceitavel.

INSTALLAR. Alojarse, estabelecer-se.

INSURREIÇÃO. Revolta, motim, levante.

INTRIGA. Mexerico, enredo.

ISOLADO. Candido de Figueiredo propõe como substituto dessa francesia — *insulado*. Desacompanhado, solitario.

JUSTEZA. No conceito de alguns puristas é considerada acceitavel a transformação desta palavra, julgada de boa formação.

LANGUIR. Desfallecer.

MAL A PROPOSITO. Fóra de proposito.

MANOBRAS. Manejo para a obtenção de um fim.

MASSACRE. Morticínio, matança.

MESMO. Este adjectivo determinativo deve sempre concordar com o nome a que se junta, não devendo ser empregado com a significação de *até*. Procedendo-se de modo contrario, incorre-se na pecha de galliciparla.

METTER. E' gallicismo em expressões como: *metter* em contribuição, em vez de fazer contribuir; *metter* em obra em lugar de tentar.

MOCÃO. E' termo derivado do inglês (*motion*), e frequentemente empregado na linguagem politica.

NEGLIGÉ. Desalinho.

NUANCA. Matiz. Para substituir este vocabulo o Dr. Castro Lopes propôs o neologismo *ancenubio*, que é termo bem formado e bellissimo.

PAMPHLETO. E' termo haurido do idioma inglês.

PARA. E' gallicismo em expressões como: Elle é muito orgulhoso *para* se rebaixar; Nós somos muito pobres *para* merecer as attentões de semelhante gente. Taes orações devem ser plasmadas pela seguinte forma: Elle é tão orgulhoso que não se rebaixará; Nós somos tão pobres

que não merecemos as attentões de semelhante gente.

PATRIOTISMO, PATRIOTA. Palavras necessarias. A primeira dellas foi criada por Saint-Simon para caracterizar o conjuncto das virtudes civicas de Vauban. Camões dizia "amor da patria".

PENIVEL. E' substituiavel por *penoso*, vocabulo lididamente português.

PEQUENO. Usado antes de substantivo para exprimir a idéa diminutiva (pequena casa, em lugar de *casinha*; pequeno banco, em vez de *banquinho*), é gallicismo.

PETIT-MAITRE. E' desnecessario uma vez que temos a palavra *peralta*.

PICAR-SE. Presumir-se, considerar-se.

PONTO DE VISTA. Apesar de sua usualidade, esta locução póde ser substituida por — modos de ver, conceito etc.

POPULAÇÃO. Entrou no uso frequente da lingua e seria estulta velleidade pretender criar-lhe succedaneo.

POR. Preposição. Empregada em phrases: Desprezo *pela patria*. Promessa de amor *pela noiva*, etc., constitue desnecessaria francesia.

PÔR. Verbo. *Pôr* ao facto: instruir.

PRET. Termo militar. Soldada, estipendio, que os militares recebem. Seria de difficil erradicação.

PREJUIZO. Deve ser substituido por preconceito, preocupação.

PRESSANTE. Significa premente. Pouco usado no Brasil, é de largo emprego em Portugal.

PREVALECEER-SE. Constitue gallicismo, quando, além de empregado sob a forma pronominal, vem seguido da preposição *de*. Prevaleceu-se *do* máo estado *da* saude do irmão para roubá-lo. Deve-se empregar, á guiza dos classicos em expressões como a que se segue: O bem prevalece ao mal: A luz prevalece ás trevas.

PROJECTO. E' muito commum na technologia parlamentar, sendo, portanto, fatal a sua adopção completa.

QUE. Torna-se gallicismo, empregado em orações optativas: *Que fur-*

tem. *Que* ninguém o escute. E' também gallicismo em repetições desnecessarias: Allegou *que* era pobre, *que* não podia com semelhantes despesas, *que* não estava disposto a fazer tantos sacrificios por um ingrato. Em phrase como a seguinte: Não possuireis mais *que* uma camisa. O *que* empregado por *sinão*, depois do demonstrativo outro, é de uso classico.

RANGO. *Renque, fileira, ordem, jerrarquia.*

RECLAMAR. *Demandar, invocar.* Reclamar a justiça, o direito. *Pedir, exigir.*

RECONTRO. Mario Barreto diz ser palavra vernacula usada pelos classicos.

REDACTOR EM CHEFE. *Chefe de redacção, redactor-chefe.*

RECRUTA. *Soldado bisonho.* E' usual.

REGRESSAR. *Voltar, retroceder.* João Ribeiro diz que o vernaculo seria *regredir*, como é *progredir* e não *progressar*.

REMARCAVEL. E' de uso em Portugal na accepção de *notavel, digno de reflexão, insigne, conspicuo, estremo, assignalado, que é para se ver, muito de ver.*

RENDEZ-VOUS. *Prazo dado. Entrevista.*

RENOMADO. *Afamado, celebra, famoso.*

REPRIMENDA. *Reprehensão.*

RESSORT. *Mola, elasterio, agente, impulso.*

RESSURÇAS. *Recursos, arbitrios, expedientes, meios.*

RESTAURANT. Candido de Figueiredo aconselha a portuguesar o vocabulo, dizendo *restaurante.*

RESTO. Sobre este termo diz João Ribeiro: "Vocabulo vernaculo. Por gallicismo, ha abuso nas locuções — o resto dos homens (os demais)."

RETRETA. *Tocar a retreta em vez de tocar a recolher, a retirada.*

REVANCHE. *Despique, desforra, satisfação, vingança de má acção, recompensa de boa.*

REVERIA. *Fantasia, pensamentos*

loucos, delirio, devaneios, meditação profunda ou alienação.

REVOLTAR. *Escandalizar, indignar, exasperar, provocar, causar raina.*

RIDICULO. E' gallicismo, quando se emprega como substantivo.

ROLAR. Empregado como verbo transitivo no sentido de *volver.*

ROTINA. *Trilho, usança, estrada coimbrã, cousa costumaria.* E' desculpavel.

SALTAR AOS OLHOS. *Ser mais claro que a luz.*

SALVAGUARDA. *Seguro, resalva.*

SABRE. Termo militar; *Facão. Espada curta.*

SANCCIONAR. Geralmente adoptado. *Promulgar.*

SE. *Aluga-se quartos (alugam-se), vende-se casas (vendem-se).*

SENSE. *Siso.* Bom senso—*hom siso.*

SEXO. E' gallicismo quando é empregado apenas para indicar o sexo feminino.

SIFLO. *Assobio, silvo, sibillo.*

SOBRE. Gallicismo nas locuções: sobre a lista, sobre os jornaes, em vez de *na lista, nos periodicos*, usurpação sobre (ao) o povo, inscrever sobre a lapida (na), sobre o modelo (*segundo o modelo*), etc.

SOIRÉE. *Saráo.*

SORTIDA. *Invectiva, investida.*

SOUTACHE. *Trancelim.*

SUBIR. E' gallicismo na accepção de *soffrer, supportar.*

SUCCESSO. *Bom exito, bom successo, victoria.*

SUPERCHERIA. *Embuste, engano, fraude, velhaçaria, trapaça.*

SURAH. *Sarja.*

SURMONTAR. *Superar, vencer.*

SURPREHENDER, SURPRESA. *Apanhar de improviso, saltar.* Garrett, Mont'Alverne, João Francisco Lisboa e outros empregavam esse gallicismo.

SUSCEPTIVEL. *Melindroso, capaz de.* Foi usado por autoridades respeitaveis.

TAMPONNEMENT. Para substituir este termo Castro Lopes propõe — *operculização.*

TAPIZAR. *Cobrir, ornar de tapetes.*

TARTUFO. *Beato falso, hypocrita.*

TENHO A DIZER. *Tenho que dizer.*
TIMROCTOU. *Tumboctú.*

TIRADA. *Trecho, passagem um tanto estirada de alguma obra.*

TOCANTE. *Respectivo, relativo, concernente.* É termo abonado por Filinto Elysio, Manoel Bernardes, Garrett, Latino Coelho e Camillo Castello Branco.

TOILETTE. *Vestido, modo de vestir, toucador.*

TOMAR A PALAVRA. *Começar a falar, falar primeiro que os outros.* Silva Tullio diz que seria preferível, segundo Frei Luis de Souza, dizer *tomar a mão.*

TOURNÉE. *Gyro, passeio.*

TRATAMENTO. *Salario, ordenado, estipendio.*

TRAVÉS. *Irregularidades, desregra-*

mentos, extravagancias, desordens, desconcertos, desmanchos.

TREM DE VIDA. *Modo, genero de vida.*

TRENÓ. *Selóa, trenão.*

TURBA, TURBEIRA. *Turfa, turfeira.* Desse gallicismo usou Ramalho Ortigão.

TUYOTÉ. *Encanudado.*

VIAJOR. *Viandante, viajante, caminheiro.*

VIEUX-ROSE. *Cór de rosa desmaia-da.*

VIR DE. *Acabar de.*

VISTAS. *Intenções, presupposto.*

VOLTEJAR. *Voltear, revoar.*

VOLUPTUOSIDADE. Para substituir esse gallicismo Bluteau propôs o termo — *voluptade*, que é sobremodo euphonico.

VIABILIDADE, VIABEL. *Capacidade para viver, capaz de viver. Vitalidade, vital.*



Reconciliação

Povina Cavalcanti

da Academia Alagoana de Letras

Para JORGE DE LIMA

Natureza!

Vim fazer a paz contigo,
ouvindo a voz do vento
e a cantiga das aguas,
e ouvindo
com esse acompanhamento,
na pauta das noites estrelladas,
o teu poema sideral.

Vim ver as tuas manhãs,
quando a barra do nascente
é uma cortina de fogo;
vim ver os teus occasos,
longos e evocativos,
quando do peito da gente,
na aza leve da saudade,
fogem os sonhos captivos.

Vim refugiar-me no teu seio,
escutar as tuas vozes,
amar a tua solidão.
Colher frutos, andar a esmo,
como o homem primitivo,
ingenuo e são.

Vim para assistir á tua festa
de lindo ritual e pagã alegria:
Vesper officiando na floresta
as nupcias da noite com o dia.

Vim para o chrisma das aguas
das tuas cachoeiras.
(Têm espuma tambem as minhas maguas...)
Vim pedir-te a Confirmação
do meu velho baptismo pantheista;
rezar contigo uma oração:
— o officio das flores e dos frutos,
das folhas verdes, dos dourados pollens,
da inconsciencia beatifica dos brutos!

Vim para o banho lustral
dos teus ares;
para a contemplação dos teus montes e serras...

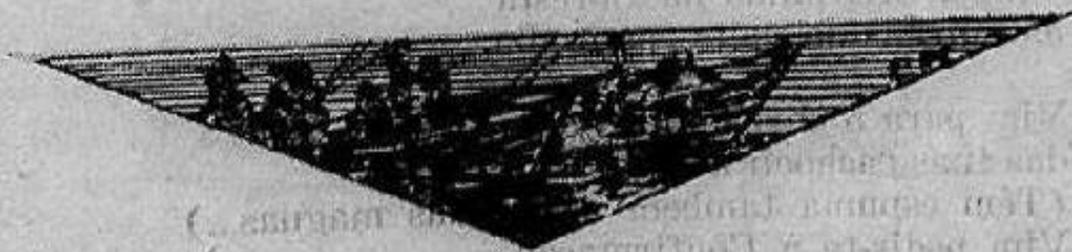
Vim para ver a tua paisagem,
a aquarella vegetal das tuas terras,
a heliogravura dos teus rios,
a ronda bohemia de aves amorosas,
felizes e vadios.

Vim para ver
como alguns insectos,
de amor radiante,
nascem apenas
para amar um instante
e morrer!

Vim para me commover contigo
do alto das tuas montanhas
com grinaldas de nuvens;
e assistir, como um pastor antigo,
à volta ao redil dos teus rebanhos.

Vim para esquecer a Cidade
E as suas promessas tão falazes...
Vim para o teu Amor e o teu Perdão,
— Felicidade, ou Infelicidade,
Vim para a nossa reconciliação!

Fazenda da Cachoeira — Natal de 1929
Rio



INSTRUÇÃO MORAL E CIVICA

O Dia da Constituição Federal

No Grupo Escolar "Diégues Junior"

Prelecção da Prof. D. Igesia Diégues Serva.

Illustre Director. Minhas boas collegas. Meus queridos alumnos.

Eu não procurarei forçar o limite da vossa paciencia.

Serei breve, porque o aturado causa; singela na expressão, porque o doutoral é fastidioso.

Não venho nesta posição para mim tão honrosa, impôr calafrios ao auditorio, avido talvez de suggestões artisticas, pensamentos de feitio reluzente como as facetas lapidadas de um diamante transluzindo na elegancia aristocratica da phrase, a mais pura concordancia esthetica.

Estou no cumprimento de um dever e todo esforço farei para corresponder á expectativa dos que tão bondosamente estão ouvindo-me.

A data de hoje, 24 de fevereiro, lembra a promulgação da nossa lei basica, a Constituição Brasileira.

E' forçoso dizer que muitos dos que trabalharam para que a nossa Patria tivesse uma lei tão liberal, no momento têm dentro do espirito e do coração a poeira esparsa das illusões desfeitas...

O ideal republicano que descera dos cerebros esclarecidos das classes intellectuaes do País, commovendo as multidões acoitadas pela palavra incandescente dos propagandistas do novo regimen, o qual teve a sua apothéose no dia 15 de novembro de 1889, pela sua grandeza exigia que ao Brasil fosse dada uma Constituição nos moldes liberrimos da que nos rege.

As criticas que vêm sendo feitas á obra admiravel do corpo seleccionado dos homens mais cultos daquella

epoca que se impunham pelo cultivo do direito e pelos profundos conhecimentos da jurisprudencia internacional, não puderam até agora destruir esse monumento de saber e de liberdade politica, que vem sendo admirado pelos povos cultos e até para alguns servindo de modelo.

Devemo-lhe todo respeito, devemo-lhe o maior acatamento, porque assim exige o nosso avanço educacional de civismo, porque assim exige o nosso amor patriotico.

Assim procedendo, teremos corrido para que se não afrouxe um só dos laços preciosos que mantêm a unidade fecunda desta gigantesca e formosa nação, que é o nosso orgulho e a inveja dos estrangeiros — o Brasil.

Compulsando-se as paginas da Constituição Brasileira, que em 24 de fevereiro de 1891, o terceiro anno da Republica, foi mandada cumprir em todo o territorio patricio, vê-se que, os que nella trabalharam, entre os quaes o inolvidavel Ruy Barbosa, deram o melhor dos seus esforços, para que ella, concretizando o direito de todos nós, apparecesse perante a córte das demais nações, impondo-se como de facto se tem imposto, como a quintescencia perfeita do progresso da intellectualidade latina, do direito e da liberdade.

Homenageando a data de hoje, seja-me permittido dizer que, hoje mais do que hontem, amanhã mais do que hoje, devemos proceder de maneira que no Brasil fraternos vivam todos os Estados componentes da nossa federação, prosperos, pacificos e tranquillos, porque assim seremos respeitados sob a força e as garantias tutelares do poder nacional, cuja fonte mater é justamente a nossa Constituição, que é um orgulho do — "immenso colosso gigante" na phrase do poeta.

Eu não posso, dados os meus apoucados conhecimentos e a modestia de minha intelligencia, mais dizer sobre o motivo que nos reúne aqui.

Antes porém, de terminar, ouvi meus queridos alumnos. Estudae com amor a Historia da nossa Patria.

Volvei vossa attenção para as paginas da nossa Constituição, porque nella tereis o retrato intellectual e moral do nosso Povo, os tramites do nosso evolver politico e social através do tempo e motivos justos de desvanecimento, e de responsabilidades que cabem a cada um de nós.

Lembrae-vos que sois os herdeiros das tradições de honra de Floriano Peixoto, que soube em duas palavras, "a bala", energicamente responder a um ministro estrangeiro quando sem razão pretendia fazer desembarcar no territorio patrio os seus soldados a pretexto de proteger os bens de seus patricios; e como tal sois os defensores desse conjuncto de idéas alevantadas e altruisticas representado na Constituição dos Estados Unidos do Brasil.

Guardae perpetuamente nos vossos cerebros e nos vossos corações as palavras da vossa mestra.

Se é debaixo do pavilhão auriverde que todos os brasileiros e os que aqui labutam encontram acolhimento e protecção, é porque esse formoso pavilhão tem como um dos seus escudos de defesa a nossa lei basica que devemos respeitar e fazer respeitar para o triumpho completo da nossa nação e a gloria do nosso estremecido Brasil.

—:X:—

No Grupo Escolar "Oliveira e Silva"—Pilar

Prelecção da Prof. Sta. Consuelo de Lima Avila

Sr. Director. Meus senhores. Minhas collegas. Meus caros discipulos.

Sabereis, sem duvida, compreen-

der o esforço de quem, reconhecendo-se incapaz de fazer uma linda oração, deseja, ao menos com inteira bôa vontade, cumprir o dever que não admitte negativas.

Transcorre hoje o anniversario da Constituição da Republica, a bussola do nosso regimen, a nossa Lei basica.

E' a nossa Constituição uma das mais liberaes do mundo: nella se acham reunidos todos os principios que caracterizam os regimens livres e democraticos.

Foi elaborada pelos constituintes de 1891, os quaes agiam ainda inflamados do entusiasmo despertado em todos os angulos do pais pelos gloriosos acontecimentos que, em 15 de novembro de 1889, vieram transmutar a forma de governo em que viviamos.

Esses acontecimentos tiveram por theatro a cidade do Rio de Janeiro.

Foi ahi que se reuniram os Constituintes em Assembléa para organizarem politicamente a nação.

Na Assembléa, porém, muitas vezes, as idéas se chocavam fragorosamente, devido á educação politica de seus membros, uns oriundos do antigo regimen, em cujas fileiras serviram e outros que tinham tido o seu surto politico apenas com a revolução.

Grande era o tumulto; mas do meio dessa confusão dois homens se destacam — Ruy Barbosa e Prudente de Moraes: pelo seu saber, pelo seu prestigio, pela sua energia conseguem estabelecer a ordem e levar a bom termo a gloriosa missão!

Ruy Barbosa, o mais sabio de todos, ditou os pontos capitaes da nossa Lei suprema.

Prudente de Moraes, a voz de commando, o braço de ferro, consolidou os trabalhos, encaminhando-os á solução acertada.

Gloria, pois aos elaboradores do nosso Estatuto Fundamental, luz do direito e da razão, vinculo sagrado das vinte e uma gemmas que formam a mais bella corôa do nosso Brasil!

Meus prezados alumnos, vós sois a Esperança, a esperança da patria; vindes aclarar os nossos dias futuros.

No entanto, rir á esperança não deve ser exclusivismo da humanidade.

E' preciso agir, é preciso vencer.

Toda criatura é uma força, do concurso de cada uma, por minimo que seja, resulta a grandeza commum.

Para vós, meus filhos, voltada, esperando o vosso concurso independente, a patria diz-vos: "Eu te sou necessaria e tu me és util"; cadeia divina, que faz da liberdade uma justa gloria, e da submissão dedicada um titulo de honra!

Tornar-vos util á humanidade deve ser o vosso primeiro dever e para realizá-lo basta que ameis a terra do vosso berço.

Meditae sobre o grande exemplo dos promulgadores da Constituição e como elles amae e elevae o vosso torrao natal e assim achareis em vós mesmos a alegria intima de não invejardes os esplendores e as glorias dos outros povos.

Sim, crianças, rebentos flóridos da raça valorosa e energica que o destino collocou neste canto da America. sêde os legitimos defensores dos direitos da nação, honrae a Conststituição, cumprindo-a em seus minimos detalhes, e a patria, nossa mãe commum, será forte, unida e poderosa.



PAGINA INFANTIL.

A ONÇA E O COELHO

Mucio Scœvola

(Estylização especial para a "Revista de Ensino")

Foi um dia uma Onça que queria comer o Coelho.

Mas o Coelho que não era trouxa, tomou tenencia na vida, para não cair no dente da féra.

A Onça tudo fez para apanhá-lo. Botou espera. Mas o Coelho presentia a Onça, pelo máo cheiro della, pois a Onça era muito pórcia, não tomava banho, e tinha uma inhaca tão danada que quase embebedava a quem passasse perto.

A Onça mandou convidá-lo para almoçar.

O Coelho desculpou-se. Tinha hospede em casa: o primo Bengo foi passar a semana santa com elle, e era falta de delicadeza deixá-lo só.

A Onça fez uma sala-de-dansa e cansou de esperar o Coelho, a quem enviara um convite muito cheio de circumstancias.

O Coelho respondeu-lhe que estava endefluxado e não podia levar sereno. Que a comadre Onça desculpasse mais uma vez...

A Onça ficava fúla. E dizia consigo mesma:

— Deixa-te estar, Coelho de uma figa, lá um dia tu me pagas.

O Coelho redobrou de cautela. Deu para só sair da loca á noite, dormindo de dia.

Que faz a Onça?

Ficou de tocaia no bebedouro, o unico que havia na mata, para, quando o Coelho fosse beber agua, saltar-lhe encima e *léco-te!* — comê-lo.

O Coelho foi chegando, com as orelhas em pé, á escuta.

Perto da fonte, viu a Onça, estirada, dormindo que resonava, roncando.

O Coelho desconfiou e pulou na beira do caminho. E gritou, abaixa-

do, com voz sumida, como se estivesse muito longe:

— Fonte! ou Fonte! onde estás? eu sou o compadre Coelho e estou perdido.

A Onça, accordando, disfarçou o mais que pôde o seu vozeirão e respondeu pela Fonte:

— Estou aqui...

O Coelho que já esperava a besteira da Onça, deu uma gaitada e disse para ella: — Nunca vi Fonte falar! e saiu mangando da idota, apesar de estar esturricando de sede.

A Onça já estava azul de fome e mandou o Papa-Mel botar sentido ao Coelho.

Foi o que o Coelho quis: correu ao mato, tirou dum aripuá um bocado de mel, encheu uma cabacinha, apanhou uma peça de corda de côco e saiu a caminho do bebedouro com uma viola cantando uma area futurista:

— Dlingue, dlingue, dlingue, dlingue, Dlingue, dlingue, dlingue, dlão...

Eu tanto gemo na prima,

Como choro no bordão...

Trago mel em cabacinha

Posso encher um cabação.

Dlingue, dlingue, dlingue, dlingue,

Dlingue, dlingue, dlingue, dlão.

O Papa-Mel ficou logo lambendo os beiços.

O Coelho disse para elle: — Compadre, você quer um tiquinho de mel de abelha?

— Quero; deixe a cabacinha ahi e vá embora, que agua aqui você não bebe.

— Oh! compadre, quero agua o que! Já vivo encharcado de beber tanta agua. Onde eu tirei este mel, tem um riachinho que faz gosto: limpo e fresco que só olho dagua! Tomo

banho todo dia, que estou quase pu-
bo. Só não lhe deixo a cabacinha,
porque vou dá-la de presente...

Na voz de "presente" o Papa-Mel
ficou alvoroçado.



Ahí o Coelho disse:

— Mas posso dar-lhe um pingui-
nho; se quer provar, chegue a mão.

O Papa-Mel não reparou que tudo
aquillo era historia e estirou a mão

aberta. O Coelho derramou-lhe um
pingo na palma.

— Chegue a outra mão.

Quando o Papa-Mel estava com as
mãos juntas, o Coelho mais que de-
pressa passou-lhe a corda nos pulsos
e amarrou-o numa arvore, bem
amarrado.

Depois, foi ao bebedouro e bebeu
agua a bessa, até matar a sede me-
donha que levava.

Quando acabou, disse, por gaucha-
da ao Papa-Mel:

— Olhe, compadre, estou com mui-
to calor e vou tomar um banhozinho
molle.

E *tibum!* caiu dentro da agua, que
nem bagre. Nadou, jogou sapatada,
fez muita barrella e saiu, dizendo pa-
ra o Papa-Mel:

— Agora, compadre, diga á sua
parceira que eu não só bebi agua,
como tomei banho, para ella saborear
a gorda de sujo que eu deixo...

E saiu tocando viola:

— Dlingue, dlingue, dlingue, dlingue,
Dlingue, dlingue, dlingue, dlão...

Bebi agua, tomei banho,

Fiz da fonte riachão,

Quero ver comadre Onça

Beber agua em lameirão.

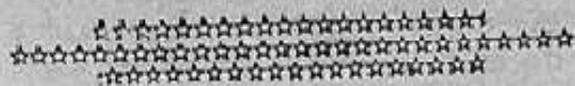
Dlingue, dlingue, dlingue, dlingue,

Dlingue, dlingue, dlingue, dlão.

Os bichos, que não gostavam da
Onça, achavam graça e começaram
a cantar á bocca miuda a cantiga do
Coelho.

A Onça resolveu ficar bem com
elle.

O Coelho accitou as pazes. Porém,
sempre desconfiado daquella amiza-
de traiçoeira, tanto assim que ainda
hoje só dorme de olho aberto.



O valor economico da mastigação

prof. FREDERICO EYER

Mastigar os alimentos é meio caminho andado para uma perfeita digestão: é cousa sabida de todos mas que pouca gente pratica convenientemente.

Podemos mesmo affirmar que são rarissimas as pessoas que mastigam racional e perfeitamente os alimentos. É facil provar. Se perguntarmos ás pessoas mesmo instruidas, quantas vezes devemos mastigar cada bolo alimentar, temos sempre uma resposta negativa. Dirigindo essa pergunta a centenas de crianças em nossas escolas publicas, o primeiro movimento é de espanto, de surpresa da criança, porque nunca ouviu fallar em semelhante cousa. prova de que em casa tambem desconhecem ou não se preocupam com semelhante assumpto. Os mais inteligentes respondem que mastigam duas, no maximo quatro vezes. Ha até o temor de que a mastigação de corpos mais duros, como, por exemplo, o pão torrado, póde fracturar os dentes. O que está provado hoje scientificamente é que em caso algum a substancia alimentar póde quebrar um dente, mesmo que tenhamos o prazer de mastigar ossos. Muito pelo contrario. O meio mais pratico de se conservar o aparelho dentario em perfeito estado, as gengivas rosadas e hygidas é mastigar demoradamente os alimentos, e as pessoas que tem dentes ligeiramente abalados, as gengivas sangrando com facilidade, devem fazer até um regimen de pão torrado durante as refeições, conseguindo a cura em pouco tempo. O dente supporta uma pressão de mais de 150 kilos, como provou Black, com seu *Gnathodynamometro*, de maneira que não ha possibilidade de se fracturar durante a mastigação. Quando isto acontece é porque o dente es-

tava todo escavado pela carie, o que explica o facto do dentista para tratar um dente nestas condições retirar grande parte do tecido, aumentando ás vezes em mais do dobro a cavidade já existente. Sem a mastigação não ha nutrição perfeita do dente, e todas as vezes que ha falta do dente antagonista o restante será naturalmente expulso depois de algum tempo. Alem disso a verdadeira limpeza do aparelho dentario é feita pela mastigação. Quanto mais mastigarmos, mais limpos teremos os nossos dentes. Sem mastigação perfeita, não ha escova, não ha pasta dentifricia capaz de limpar o nosso aparelho dentario. Em nossos exames constantes nas crianças das nossas escolas publicas, mal abrem a boca, verificamos logo se mastigam ou não os alimentos: todo portador de pedras nos dentes (tartaro dentario) não mastiga convenientemente. A criança que possui um dente cariado com o nervo exposto, não mastiga daquelle lado, formando-se então um grande deposito de tartaro, ao passo que do lado opposto os dentes se apresentam completamente limpos. E se todos soubessem que o tartaro dentario é a porta de entrada da infecção que vae produzir a pyorrhéa, cuja menor consequencia é a perda total dos dentes, estamos certos, maior cuidado haveria com a mastigação, que é o unico meio de evitar a formação do tartaro dentario. Pierre Robin, dentista do hospital de crianças, de Paris, condemna em absoluto o dentista fazer a limpeza de tartaro em seus clientes. O que elle deve fazer é ensinar a mastigar convenientemente, pois o meio racional de evitar o tartaro está na mastigação perfeita. A limpeza mecanica dos dentes pela mastigação é

a mais perfeita, a mais efficiente, a mais barata, e a unica de resultados positivos. Devemos ensinar a criança a mastigar, condemnando o máo habito, observado em quase todos os internatos, de molharem as crianças o pão no café ou leite amollecendo-o, quando a substancia dura é que é a mais saudavel ao aparelho dentario. Ha alimentos até que deveriam ser abolidos para as crianças, como por exemplo o *puré* de batatas ou de ervilhas, que não será mastigado, com grande prejuizo para os dentes e dificuldade enorme para a digestão por não ser convenientemente ensalivado.

O pão, a batata, o feijão, o arroz, que constituem a alimentação commum da criança, devem ser demoradamente mastigados, sem o que não serão aproveitados pelo organismo. Devemos mastigar nunca menos de 20 vezes cada bolo alimentar, e quem quizer ter o cuidado de assim fazer, com um pedaço de pão, por exemplo, notará que depois de mastigar 20 vezes, o pão ficará adocicado, occasião em que deve ser engulido.

Nas escolas publicas, onde mais efficaz é o ensino de hygiene pelo cuidado e dedicação inexcedivel de nossas professoras, poder-se-á estabelecer um tempo determinado só para a merenda, não conjuntamente com a hora do recreio, porquanto a criança ansiosa pelo brinquedo, come rapidamente, e muitas vezes nem chega a terminar a sua pequena refeição, para ter mais tempo de brincar e correr.

O valor economico da mastigação fica desde logo evidenciado pela limpeza e conservação do aparelho dentario, por ella produzidos. E' bem consideravel a despesa que todas as familias fazem com o seu dentista, e desde que temos um meio facil de diminuir a carie, beneficiando o proprio organismo, com uma alimentação mais perfeita, devemos empregá-lo, principalmente nas escolas, para que tenhamos uma geração mais for-

te, physica e economicamente falando.

A prophylaxia da carie dentaria e da pyorrhéa dentaria está baseada quase exclusivamente numa mastigação perfeita. Na balança economica a despesa com o tratamento dos dentes é formidavel, e esta despesa diminuirá de mais de 50 %, quando soubermos mastigar os alimentos como fazem os outros animaes.

Quando com mais entusiasmo se discutia em Portugal a simplificação orthographica, um estudioso advogado brasileiro, o Dr. J. Gonzaga, residente em Minas, publicou um interessantissimo estudo sobre o interesse financeiro da applicação da orthographia simplificada em nosso pais, demonstrando mathematicamente que só em publicações officiaes o Brasil faria uma economia de mais de quatro mil contos por anno. E não fantasiou. Fez um calculo pelo "Diario Official" do numero de letras inuteis em cada pagina, o preço de cada pagina, e a diminuição de numero de paginas annualmente, e da mesma maneira em outras publicações do governo, chegando áquella vultosa quantia.

Tivemos o cuidado de assistir a refeições de centenas de operarios de nossas fabricas e verificamos não só a quantidade como a rapidez com que cada operario se alimenta, chegando facilmente á conclusão de que, se elles mastigassem convenientemente a comida, economizariam um terço do que comem actualmente, aproveitando muito mais a comida ingerida e produzindo maior somma de trabalho, porquanto o estomago muito cheio, em digestão difficil, predispõe o operario a trabalhar mais lentamente. Se fizermos um calculo que o operario gasta 3\$000 por dia de comida e que mastigando bem poderia gastar apenas 2\$000, vemos que só em comida elle economizaria 30\$000 por mês ou 360\$000 por anno, que lhe dariam no fim de 10 annos

o dinheiro sufficiente para comprar uma modesta casinha nos suburbios, principalmente se levarmos em conta que essa economia seria tambem feita em todas as pessoas de sua familia. Não seriam elles tambem tão atacados da carie dentaria, não perderiam tantos dias com dores de dentes, formação de abcessos, etc., e com o aproveitamento mais perfeito do alimento gosariam mais saude e em consequencia gastariam tambem

muito menos com medicos e remedios.

Julgamos, pois, perfeitamente justificado o titulo do nosso artigo, concluindo por aconselhar a todos que se preocupem com a mastigação, que mastiguem pelo menos 20 vezes cada porção de alimento, na certeza de que assim procedendo diminuirão extraordinariamente o numero de dentes cariados, e farão a mais completa prophylaxia da pyorrhéa dentaria.

MALES SOCIAES E POLITICA

A luta pela instrucção e pela formação da boa mentalidade publica, a luta contra o alcoolismo, que degrada o povo e enche os hospitaes de alienados, contra o opio, a morphina, a cocaina, o ether, o tabaco e outros males sociaes, tal a verdadeira politica. — *Pontes de Miranda.*

DA HIGIENE ESCOLAR

Contra as bebidas alcoolicas

Prelecção feita no Grupo Escolar "D. Pedro II" a 17 de outubro pp., pela prof. Telcídia de Araujo Lima

Crianças:

Cabe-me agora a ventura de manter convosco alguns momentos de palestra sobre um assumpto que não só preoccupa os homens de sciencia, como ainda os governos, pelos grandes males e prejuizos que causa á sociedade.

Refiro-me ao alcoolismo, ao uso das bebidas alcoolicas que, perturbando a razão, continuam a ser um dos maiores e mais terriveis agentes de crimes de sangue, de degeneração.

Além de todos esses desvarios produzidos pelo alcoolismo, é preciso levar em conta o rebaixamento do character e dos sentimentos que elle traz ao homem, reduzindo-o á triste condição de irracional, irresponsavel pelos seus desatinos.

Mas os máos effeitos do alcoolismo não ficam, como parece á primeira vista, no viciado.

Elles, pelo contrario, vão alcançar a prole, trazendo-lhe irremediaveis enfermidades.

Quase sempre são os filhos dos ébrios as victimas principaes desse vicio que, arruinando as mais bellas qualidades do espirito humano, ainda gera consequencias fataes nas funcções dos nossos principaes órgãos.

Assim é que, entorpecendo o cerebro e, portanto, a intelligencia que é a faculdade criadora, concorre igualmente para o desequilibrio da moral individual.

Por tudo isto, é que a Medicina sempre tem para com o alcoolismo um brado de revolta e a sociedade,

ameaçada por elle, uma repulsa irreconciliavel.

Tomando na devida consideração as consequencias funestas desse vicio que, como o jogo, abre um abysmo aos pés de quem a elle se entrega, a Republica dos Estados Unidos da America do Norte prohibe terminantemente o uso das bebidas alcoolicas.

Os Americanos do Norte fizeram leis severas contra o alcoolismo.

Tanto assim que não entram bebidas alcoolicas no territorio desse pais, onde a prosperidade publica tem um desenvolvimento espantoso.

A essa lei que condemna o alcoolismo, deram elles o nome suggestivo de "lei secca".

Tomando semelhante medida, que, além de humanitaria, é de grande alcance social, os Americanos, tiveram em mira aproveitar muitas actividades, que se desviavam do trabalho, ao mesmo tempo que estão dotando o seu pais de homens validos e fortes.

Essa providencia removeu assim um dos maiores males sociaes, e tambem golpeou fundo um dos mais preponderantes factores de criminalidade.

O que, portanto, tem alcançado em tal sentido os Americanos por meio da "lei secca", devemos nós conseguir, na falta de igual lei providencial, por meio da palavra convincente, expondo aos vossos olhos o quadro lugubre do alcoolismo.

Hoje todos vós sois crianças; amanhã, porém, sereis homens.

Hoje não tendes responsabilidades perante a sociedade; amanhã, porém sereis paes, politicos, homens de governo, defensores e sustentaculos da nossa grande Patria.

Por tudo isso convém que, desde logo, vos torneis inimigos desse vicio hediondo, que é traidor como os

abysmos e pernicioso como o proprio crime.

Gravae, portanto, em vossa memoria os conselhos que vos estou dando, para que mais tarde não tropeceis na estrada da decadencia, onde se têm perdido tantas capacidades proveitosas e dignas de melhor sorte.

Recebendo esta lição que, como vossa educadora, vos estou transmit-

tindo, não só prestareis um grande beneficio a vós mesmos, como ainda ao nosso adorado Brasil, que precisa de vossos braços e de vossos cerebros.

Sêde, pois, inimigos declarados do alcoolismo, legislando de moto proprio, para vós mesmos, outra "lei secca", a que deveis obedecer cegamente.

A educação hodierna é essencialmente de base social, e dahi considerar-se a Escola como um problema de previsão social.

E, como preparação para a vida, a Escola carece de actuar e agir sempre como órgão da sociedade, o laboratorio onde se preparam os decisivos constructores do Estado moderno.

"A Escola deve ser o ponto de applicação de todas as forças sociaes que de uma forma ou de outra sejam capazes de endereçar este organismo no sentido de progresso."

Mensagem de 1929 do Presidente do Estado do Rio —
Dr. Manuel Duarte.

EDUCAÇÃO E ENSINO

Ensine seu filho a ser pobre (I)

Marco Polo

(ESPECIAL PARA A "REVISTA DE ENSINO")

Os paes prudentes ensinam seus filhos a ser pobres, e assim lhes ensinará a ser bons e discretos.

Aos paes de recursos medianos convem que seus filhos tenham a sensação dessa mediania e reconheçam praticamente os limites da capacidade economica da casa.

Os paes nessas condições têm já resolvidos esses problemas e devem preocupá-los outros, como esforçarem-se para que o menino se nutra o melhor possível e ande sempre limpo e asseado; procurarem fazer que seu filho seja mais feliz que elles, reflectindo sobre as causas de sua pobreza, afim de que ellas não subsistam para seu filho. Na maior parte das vezes é a ignorancia, a falta de instrucção e de cultura que os impede de melhorar de posição e de occupar-se em actividades mais productivas e menos pesadas, desejando obter para ser filho o bem estar que não puderam conseguir: terão presente esta necessidade — instruirem seu filho e enviarem-no á escola.

Os filhos não devem acostumar-se á idéa de que todas as possibilidades estão a seu alcance com a fortuna dos paes.

O filho de paes ricos não sabe que essa fortuna lhes custou trabalhos e preocupações; não aprecia de forma alguma sua franqueza nem augmenta por isso seu carinho filial.

Se, porém, lhe dão mais beijos que presentes caros e o levam em seus passeios mais horas do que o deixam entregue aos criados, seu filho mais os estimará e melhor os encherá de alegrias no futuro.

Se o menino adquire noções de humildade e simplicidade, será mais dedicado aos paes.

E as noções de humildade fazem-no sentir-se compromettido no interesse familiar: deve saber conservar e cuidar do patrimonio commum e sentir por imitação e suggestão do ambiente as preocupações de seus paes para o bem-estar da familia, as lutas pela vida ou pela manutenção da posição conquistada á força de trabalho.

É extremamente prejudicial ao futuro de uma criança fazê-la confiada na herança material que se lhe reservou.

Para fazer o menino interessar-se no bem-estar da familia, deve-se chamar sua consciencia ainda em formação aos deveres do trabalho commum de vigilancia, ordem e conservação dos bens e da honra, de maneira pratica, e não exclusivamente com conselhos ou lições.

O menino que aprende a vestir-se sozinho, a quem se estimula nesse sentido, é um alliado, ao mesmo tempo que allivia seus paes e seus servos: o menino que aprende a apanhar o que atira ao chão, o que vê o vexame dos paes, quando destroe qualquer coisa util; o que pede brinquedos ou objectos custosos e a quem o pae diz francamente — "Não é possível, meu filho, papae não tem dinheiro"; o que cumpre tarefas domesticas simples; o que procura saber o preço por que os paes compraram os alimentos e os ajuda a prepará-los; todos esses estão aptos a tornar-se alliados do lar, da mesma sorte que o que conhece bem o esforço que desenvolvem os paes para a manutenção da familia e aprecia a intervenção materna no seu bem-estar.

(*) Da *Nuestros Hijos* — Anno III, n. 13 — Las Piedras (Dept. de Canelones) — Uruguay.

E tudo isso se logra por meio do trabalho, da suggestão e da emulação; os sentimentos mais duradouros não nascem de palavras, mas de factos: nascem do trabalho, formam-se por influença dos sentimentos paternos e pelos exemplos que vê no ambiente domestico.

O menino será mais discreto, por-

que verá que não é pertença sua a fortuna dos paes e não humilhará os seus semelhantes com o esplendor dos seus bens materiaes.

Será, antes de tudo, modesto, o que constitue uma fonte de satisfação moral, ao mesmo tempo que é feliz, tornando felizes aquelles que o rodêam.



URDE-MECUM DO PROFESSORADO

Excerpto do Regulamento da Instrução Publica do Estado de Alagoas

DECRETO N. 1.140

De 19 de setembro de 1925 (*)

CAPITULO III

Das Juntas Escolares

Art. 310°. Com o fim de propagar o desenvolvimento do ensino primario e fiscalizá-lo efficientemente, haverá em cada municipio do interior uma Junta Escolar composta:

- a) do Promotor Publico;
- b) do Delegado de Policia;
- c) do Administrador da Recebedoria.

§ 1°. Nos municipios onde não haja Promotor Publico, a Junta será composta das duas ultimas autoridades e mais do Adjunto do Promotor.

§ 2°. Enquanto o cargo de Delegado de Policia nos municipios não for exercido por bacharel em direito, o Governador nomeará um membro para completar a Junta.

Art. 311°. O Presidente da Junta será nomeado em Comissão pelo Governador, dentre um de seus membros, mediante proposta da Directoria Geral da Instrução Publica.

Art. 312°. As Juntas reunir-se-ão quando convocadas pelos respectivos Presidentes.

Art. 313°. A cada Junta, no seu municipio, compete:

- 1°. promover festas escolares e solennidades civicas;
- 2°. instituir e administrar a Caixa Escolar destinada ao fornecimento de vestuario, livros e material de ensino ás crianças pobres;
- 3°. representar á Directoria Geral da Instrução Publica sobre as necessidades do ensino primario no municipio;

4°. propôr á Directoria Geral da Instrução Publica a criação, transferencia, suppressão ou reabertura de escolas primarias no municipio;

5°. tomar medidas que concorram para a frequencia escolar e diffusão do ensino primario;

6°. zelar pela observancia da obrigatoriedade escolar das crianças de 8 a 10 annos;

7°. representar á Directoria Geral da Instrução Publica contra o máo procedimento dos professores no que diz respeito á sua capacidade, zelo escolar e conducta moral;

8°. dirigir o recenseamento escolar do municipio;

9°. prestar os bons officios necessarios para supprir a falta de protecção familiar ao menor desamparado e prover sua educação;

10°. participar á Directoria Geral da Instrução Publica todos os factos que puderem ser classificados como infracções disciplinares;

11°. promover a fundação de associações que se proponham a cooperar para o augmento da frequencia escolar e diffusão do ensino.

Art. 314°. Compete ao Presidente da Junta:

1°. convocar seus collegas para as sessões da Junta Escolar;

2°. officiar á Directoria Geral da Instrução Publica sobre as irregularidades observadas nas escolas do municipio;

3°. solicitar do Director Geral da Instrução Publica remessa de livros, leis, regulamentos, moveis e material escolar para as escolas publicas do municipio;

4°. dar attestado aos professores da séde do municipio, para o effeito de recebimento de vencimentos, e

(*) Vide "Revista de Ensino" n. 12/3, 14, 15, 16, 17 e 18.

visar os attestados fornecidos pelos inspectores ruraes, ou fornecê-los na ausencia dessas autoridades;

5º. dirigir as escolas reunidas ou combinadas;

6º. propôr a nomeação dos Inspectores Ruraes;

7º. inspeccionar frequentemente as escolas do municipio e dessa inspecção enviar informações exactas á Directoria Geral da Instrucção Publica;

8º. autorizar o desdobramento dos trabalhos lectivos em turnos, nas escolas isoladas de sua jurisdicção;

9º. apresentar á Directoria Geral da Instrucção Publica até o dia 31 de Dezembro de cada anno um relatório das occurrencias escolares do municipio.

Art. 315º. No impedimento do Presidente effectivo a Junta se completará com o Adjunto do Promotor e a Presidencia caberá ao membro designado pelo Director Geral da Instrucção Publica.

CAPITULO IV

Dos Inspectores Ruraes

Art. 316º. Nas localidades servidas por escolas ruraes haverá um delegado da Administração do ensino, nomeado pelo Governador do Estado por indicação do Presidente da Junta Escolar e proposta da Directoria Geral da Instrucção Publica, com a denominação de Inspector Rural.

Art. 317º. Compete ao Inspector Rural:

1º. fiscalizar o funcionamento das escolas ruraes, levando ao conhecimento da Junta Escolar as irregularidades que notar, quanto á assiduidade e zelo dos professores;

2º. attestar o exercicio dos professores da localidade;

3º. visar os mappas mensaes das escolas sob sua jurisdicção, enviando uma copia ao presidente da Junta Escolar;

4º. representar ao presidente da

Junta Escolar sobre as necessidades materiaes das escolas que fiscalizar;

5º. communicar á Junta Escolar as anormalidades que se derem nessas escolas;

6º. concorrer quanto em si couber para a diffusão do ensino primario, prestando seus bons officios á execução da obrigatoriedade escolar;

Art. 318º. O Inspector Rural que fornecer attestados graciosos aos professores soffrerá, além da pena de exoneração, as estabelecidas neste Regulamento.

Art. 319º. Ausentando-se temporaria ou definitivamente da localidade onde servir, deve o Inspector Rural communicar-lo immediatamente á Junta Escolar, para que seja designado o seu substituto.

CAPITULO V

Das penas e sua applicação

Art. 320º. Todas as autoridades encarregadas da fiscalização do ensino ficam sujeitas ás penas de:

a) advertencia;

b) repreensão;

c) multa;

d) suspensão;

e) remoção;

f) exoneração;

g) exoneração a bem do serviço publico.

§ Unico. Essas penas serão applicadas de accordo com a gravidade das infracções e a juizo da autoridade competente.

Art. 321º. Compete ao Governador do Estado a applicação de qualquer das penas do artigo precedente; ao Secretario do Interior e Director Geral da Instrucção Publica as do mesmo artigo até a letra *d*, inclusive.

Art. 322º. A pena de multa será de 20\$000 a 100\$000, e a de suspensão, de 8 a 30 dias.

CAPITULO VI

Dos Vencimencos

Art. 323º. Os Inspectores Geraes terão os vencimentos da Tabella an-

nexa (**) e mais uma diaria arbitrada pelo Secretario do Interior, quando em inspecção fóra do municipio da Capital.

Art. 324°. Os Presidentes das Juntas Escolares, quando em exercicio pleno do seu cargo, perceberão uma

. (**) Vide o decreto original.

gratificação "pro-labore" de 100\$000 mensaes.

Art. 325°. Os Inspectores Geraes e os Presidentes das Juntas Escolares receberão respectivamente vencimentos e gratificação, mediante attestado de exercicio fornecido pelo Director Geral da Instrucção Publica.

*Amigo, escuta, ouve bem
esta sentença ou divisa:
Amigos sempre se tem,
se delles não se precisa.*



*Não tires o teu retrato,
conserva-o sempre contigo,
para não dá-lo ao ingrato
que se disser teu amigo.*

TITO DE BARROS.

REVISTA DAS REVISTAS

Diodoro, não Deodoro

"São numerosíssimas as cacographias desta espécie, e a maioria da gente, mesmo ilustrada, hesita sempre na escrita com *e* ou *i*. Exemplo flagrante é o vocabulo *itinerario*, três vezes escripto *iteneraria*, no periodico *O Dia*..."

Conçalves Viana — *Orthografia Nacional*, pag. 101.

Ha poucos dias, palestrava com um amigo, quando se lembrou elle de me referir o seu pensar a respeito das graphias *Deodoro* e *Diodoro*: "Penso, disse, que *Deodoro* vem de *Theodoros*, e *Diodoro* de *Diodoros*, ambos do grego, por tanto dois vocabulos distinctos: ao passo que *Dioclecio* somente é que se deve escrever e não *Deoclecio*".

Não obstante conhecer as duas fórmulas, tanto do primeiro como do segundo nome, nunca me preocupara investigar-lhes a origem. Assim, prometti estudar o caso para responder se aceitava ou não o conceito. E, como tive a surpresa de concluir ser a graphia *Deodoro* anomala, como *Deoclecio* por *Dioclecio*, considerei util publicar a observação.

A escripta deveria ser *Diodoro* e não *Deodoro*, *Dioclecio* e não *Deoclecio*, pois *Diodoro* vem do lat. *Diodorus*, que se origina do gr. *Diodoros*; e *Dioclecio*, de *Diocleciano*, do lat. *Diocletianus*, derivado de *Diocles*, transcrição do gr. *Dioklés*.

Deodoro e *Deoclecio* são cacographias da mesma especie que *deredito*, *previlegio*, *veril*, etc. Tacs fórmulas são exemplos de dissimilação regressiva; exemplos do mesmo phenomeno, "que nas origens da lingua produziu *vezinho* de *uicinus*."

Pura fantasia afirmar que *Deodoro* vem do gr. *Theodoros*. Havia em grego *Theodoros* e *Diodoros*, que os romanos transcreveram respeitando, como sempre, o *theta* e o *epsilo* do primeiro e o *delta* e o *iota* do segundo vocabulo. Fizeram, pois: *Theodorus* e *Diodorus*.

O *theta* foi sempre transcripto em latim com *th*. O nome *Deus*, que parece excepção, correspondente ao gr. *Théos*, não se pôde assegurar provenha desse vocabulo, pelo

contrario, "opinante actualmente que se devem separar o grego *théos* e o lat. *deus*." (Méguelos, *Rev. de Ling. Port.*, n. 21, pag. 25). O lat. *Deus* está, acceitavelmente, filiado ao etyma indo-europeu *deivos*. Por conseguinte, sobre ser um raro exemplo de representação, em latim, do *theta* com a consoante *d*, ainda não haveria plena certeza disso.

Demais, os escriptores romanos, quer referindo-se á *Diodori insula*, quer ao historiador *Diodorus Siculo*, quer ao estoico *Diodorus*, quer, finalmente, a outras pessoas que tinham esse nome, empregavam uma só forma: *Diodorus*.

E' o que se infere de se não encontrar nos lexicos latinos a forma *Deodorus*.

Não só por isso. Tanto não existiu em latim a fórmula *Deodorus*, que os escriptores franceses, espanhoes, italianos, antigos e modernos, sempre que se reportam ao *Diodoro* geographo ou ao *Diodoro* historiador, ou ao *Diodoro* philosopho, escrevem *Diodore* (fr.) *Diodoro* (esp.) *Diadori* (it.)

Nas encyclopedias dessas linguas pôde verificar-se que tacs são as fórmulas, com *i* e não com *e*. Faço, entretanto, duas citações: Chateaubriand:

"...et Sésostris, loin d'avoir á arrocher son royaume des mains des Pasteurs victorieux, entreprit la conquête du monde, si nous en croyons *Diodore* de Sicile."

Oeuvres Complètes, Paris — 1840, t. I, pag. 20. (Nesse volume, que contém o *Essai sur les Revolutions* e os *Etudes Historiques*, amiude se depara, em notas, o nome de *Diodoro*.)

Martin Echeverria:

"Segun *Diodoro*, parte de la isla de Samotracia fué sepultada bajo las aguas por un golpe del mar..."

Historia de la Geografia (Trad. do al.) Editorial Labor, S. A. 1926, pag. 29.

Em portuguez, tambem, os *Diodoros* gregos, em geral, se escrevem com *i*. Na *Imagem da Vida Christã*, de Heitor Pinto, por exemplo, encontra-se a cada passo *Diodoro*,

(Tenho em mãos a preciosa ed. roll. de 1843. V. t. I., pags. 28, 180, 182, 336.) Não obstante quase todos escreverem em Português o nome com *i*, quando se trata dos gregos, está na *Historia Universal* do padre Galanti (4ª. ed., 1907, pag. 42) *Deodoro*, referindo-se o historiador a *Diodoro* da Sicilia.

Isso ainda mostra não ser *Deodoro* com *e* de origem differente de *Diodoro* com *i*, mas, sim, uma alteração do mesmo vocabulo.

Poder-se-ia attribuir essa alteração (mudança de *i* em *e*) á influencia do nome *Theodoro*, paronymo de *Diodoro*; ficaria a fórma com *e*, na ordem dos casos interessantes de contaminação orthographica. Mas, seria pouco sustentavel o conceito deante do caso paralelo *Deoclecio* por *Dioclecio*.

Que palavra teria influido então para haver a mudança do *i* em *e*, em *Deoclecio*?

Mais accetavel, é, pois, explicar as fórmas *Deodoro* e *Deoclecio* como foram explicadas as cacographias *itinerario*, *previlegio*, *veril*, *meretissimo*, *arteficio*, *Secilia*, *diligencia*, etc., pelo incomparavel Gonçalvez Viana, em sua notavel obra de doutrina *Orthographia Nacional*. No pensar do eruditissimo philologo de além-mar, taes caco-

graphias têm sido determinadas pela persistencia ainda, da lei, "que nas oriens da lingua produziu *vezinho* de *vicinius*." Reportando-se á fórma *arteficio*, em vez de *artificio*, que se vê nos *Lusiadas* ("Não faltam ali os raios de arteficios" II — 90), observa:

"Não é este fenomeno outra cousa mais que a applicação da lei, que nas oriens da lingua produziu "*vezinho* de *vicinius*, dissimilação regressiva de que ha exemplos em outras linguas (no *francês* *médecin*, *deviner*, de *medicinus*, *diunare*, não porém com a regularidade, persistencia e simetria, que observamos em português.

Os exemplos desta especie são tantos, quer antigos, quer modernos, que a mais dis- traída leitura surpreende-os ás dezenas."

(Ort. Nac. pag. 101|102).

Não se corrigirá, entretanto, a graphia anomala *Deodoro*, pois se estereotypou na imaginação dos brasileiros ao calor dos enthusiasmos com a Republica.

Outubro, 1929.

DURVAL CALHEIROS.

(Do "Jornal de Alagoas" — Macció, 9 de Outubro de 1929).

A Lingua mais fallada do mundo

O Português figura em 6º lugar entre as linguas mais faladas

E' muito frequente dizer-se que a lingua portuguesa é ignorada do mundo, e já alguem escreveu, aliás com immensa graça, embora sem verdade, que ella "é o tumulo do pensamento".

Esta expressão não é apenas inexacta, senão tambem uma injustiça clamorosa. Muito ao contrario, a lingua portuguesa é uma das mais faladas no mundo inteiro, embora existam outras mais divulgadas, como a lingua franceza. Mas esta, que teve durante largo periodo de tempo as honras de lingua universal, tem perdido extraordinariamente nos ultimos vinte annos, em favor da inglesa, que é, hoje, mais usada, sobretudo nos negocios.

Falam o inglês, seguramente, em todo o mundo, 474.000.000 de individuos assim distribuidos:

Gran-Bretanha e seus domínios, incluindo o Canadá e a Australia	355.000.000
Estados Unidos	118.000.000
Em outros pontos do globo	1.000.000
	<hr/>
	474.000.000

A lingua que se segue, immediatamente, tomado o seu valor numerico, é a chinesa, com 427.680.000, e depois a russa, com 180.000.000. A lingua franceza será falada, talvez, por 70.000.000 de individuos, pois a França conta 40.744.000 habitantes e as suas colonias não vão além de 25.000.000. Ha, porém, em todo o mundo, muita gente que fala francês, e a Belgica dispõe de 7.500.000 habitantes, aproximadamente, es-

tando, portanto a lingua franceza em paridade com a japonesa e a alemã, que é falada por um mesmo numero de individuos.

A lingua portuguesa é falada, em toda a terra, talvez por 55.000.000, assim:

Portugal e ilhas adjacentes.	7.000.000
Colonias portuguezas.	7.000.000
Brasil.	41.000.000
	55.000.000

Ha, nos Estados Unidos da America do Norte, uma grande colonia que fala o Português: a colonia lusa de S. Francisco. Existirão ahi, sem exagero, um milhão de individuos que falam a nossa lingua e que mantêm varios grandes jornaes diarios escriptos em Português.

Esse milhão não está computado na estimativa acima e, se o computarmos, temos um total de 56.000.000 milhões.

Uma lingua que é a lingua official de 55.000.000 milhões de individuos será uma lingua ignorada?!

O castelhano é falado, tambem, por 55.000.000, sendo, que a Espanha entra, nesse "quantum", com 20.000.000, a Argentina com 10.000.000, o Mexico com 15.000.000, o Chile com 5.000.000 e os restantes paeses latino-americanos com 6.000.000.

O italiano é falado por cerca de 44.000.000. Agora, avalie-se o que será, na realidade, a lingua portuguesa, dentro de cincoenta ou cem annos, com o formidavel desenvolvimento que terão ganho, a esse tempo, o Brasil e as colonias portuguezas, cujo progresso deslumbra o mundo!

Podemos queixar-nos de falar uma "lingua morta"? Não! Em absoluto!

A NOITE — Rio — 13-1-30.

A Lei da Separação

O 10º anniversario do decreto de 7 de janeiro de 1890, que separou a Igreja do Estado

O problema das relações entre a Igreja e o Estado tem tido até hoje tres soluções: a solução ultramontana, a solução regalista e a solução separatista. O ultramontanismo é a subordinação do Estado á Igreja. O regalismo, a subordinação da Igreja ao Estado. O separatismo, a independencia da Igreja do Estado.

A primeira solução é a persistencia do regimen ecclesiastico da idade media, quando esse regimen não está mais de accordo com a situação social. E' o que pretende em parte o clericalismo da actualidade. E' o que advogam os reaccionarios. E' uma tentativa absurda, cuja realização se torna impossivel desde que na luta memoravel entre o Sacerdoceo e o Imperio, a autoridade do Papa como força occidental succumbiu no fim da idade media e principios da era revolucionaria.

A segunda solução é a que adoptaram todos os governos modernos. O Estado coopera com a Igreja no exercicio das funções espirituaes, sujeitando-a á fiscalização official, como acontece nos paeses que obedecem ao regimen concordatario. Mas o regalismo,

era toda a sua plenitude, encontra-se nas relações do Estado com o Protestantismo. E' nos paeses protestantes que o Estado dirige exclusivamente os negocios da Igreja: o que aliás está de accordo com os principios da Reforma.

A terceira solução, a solução contemporanea, surgida da Revolução Francesa, é a abolição de toda a theologia official. Adoptaram-na os Estados Unidos, a Suíça, o Brasil, a França e Portugal.

Mas a solução separatista não é a mesma em todos os paeses que a decretaram. Os Estados Unidos realizaram-na como um meio de conciliar o convívio de varios credos protestantes influentes nos diversos Estados da Federação. Por isso mesmo, nos Estados Unidos existe o deismo official. Na Suíça, na França e em Portugal, a separação é quase um modo de regalismo. O Estado impõe limites á liberdade da Igreja, decretando leis e regulamentos incompativeis com a verdadeira independencia dos poderes, com o verdadeiro regimen republicano de separação da Igreja do Estado. Qual o motivo dessa differença de resultados? Por que a

solução brasileira differê das que foram dadas no mesmo problema pelas outras republicas do occidente: a Suíça, a França e Portugal?

E' facil a resposta.

Nessas Republicas, as opiniões politicas e philosophicas que dominaram na solução do problema, foram as dos anti-catholicos, dos que, revoltados com os excessos do clericalismo, com as tendencias ultramontanas do Papado, entenderam libertar-se da influencia clerical sujeitando a Igreja a certa pressão do Estado. O que inspirou os seus autores foram as doutrinas puramente revolucionarias dos conductores politicos e philosophicos da Revolução de 89. Abaixo a Igreja, viva o Estado! era lhes o lemma da reforma separatista.

No Brasil foi outro o caso. O regimen regalista, sob a fórma de concordata adoptado pelo Imperio, tornava a Igreja instrumento do Estado para opprimir as consciencias; mas, as tradições liberaes do povo brasileiro nunca permittiram se fizessem effectivas perseguições por motivos religiosos. Apesar da Constituição imperial adoptar a Religião Catholica como religião official, e o Codigo Penal punir o atheu e quem não acreditasse na immortalidade da alma, havia relativa liberdade religiosa. Era antes a Igreja que soffria coacção, tanto assim que dois dos seus altos dignatarios soffreram do Estado o vexame de se verem processados e condemnados, sem que os catholicos brasileiros reagissem dignamente contra a tyrania do Estado. Por outro lado, as opiniões anti-catholicas, ou puramente leigas, eram livremente espalhadas pela tribuna e pela imprensa, que a Constituição do Imperio explicitamente garantia.

Assim, durante o regimen monarchico, sobretudo no segundo imperio, o Brasil gozava praticamente de um conjunto de liberdades, que permittiram a propaganda franca da Republica e do livre pensamento, protestante ou deista, atheu ou scepticco, e ainda o apostolado espontaneo ou systematico do Positivismo, da Religião da Humanidade.

Foi essa livre propaganda que pôs o problema da separação da Igreja do Estado no Brasil. Toda ella pregava o Estado leigo, o Estado neutro em materia religiosa. Mas, o modo de o realizar variava segundo a ori-

entação philosophica dos pregadores. Para os republicanos democratas, como Saldanha Marinho, na vanguarda, o Estado leigo era sobretudo o Estado anti-catholico. A separação seria um gesto de rebeldia contra o Papado: uma medida de defesa do poder civil contra a Igreja de Roma. Mas, para os republicanos sociocratas, agremiados systematicamente no Apostolado Positivista, onde pontificavam Miguel Lemos e Teixeira Mendes, e espalhados no Partido Republicano de Pernambuco, do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, em que figuravam propagandistas de escol, como Annibal Falção, Silva Jardim, Julio de Castilhos e Demetrio Ribeiro, para esses republicanos, todos orientados pela politica scientifica, o problema da separação se apresentava em toda a sua plenitude social. Não era uma medida anti-catholica nem se tinha de limitar á espiritualidade theologica. Era uma regra politica derivada das leis da historia e, como tal, significava a abolição official não só da theologia catholica, mas de todas as theologias, não só da theologia, mas tambem, da metaphysica e da sciencia. Em uma palavra a separação da Igreja do Estado devera ser a existencia independente da autoridade espiritual, fosse qual fosse, theologica, metaphysica ou positiva, em relação ao poder temporal. Donde a mais completa liberdade espiritual e a fundação do verdadeiro regimen republicano. Ora, por uma fatalidade bendita, coube a direcção suprema do movimento militar que destruiu o throno em 15 de novembro de 1889, a um discipulo de Augusto Comte, que não fazia parte de nenhum daquelles gremios de propaganda philosophica, mas que, muito antes de qualquer delles, vinha pregando, na cathedra de professor, a grandeza incomparavel da obra integral do fundador do Positivismo. Esse discipulo foi Benjamin Constant.

Esta circunstanciada contribuiu para dar aos republicanos sociocratas especial preponderancia na organização da Republica. Assim é que, além de Benjamin Constant, o fundador da Republica, figurava no governo Provisorio um dos chefes do Partido Republicano Rio Grandense: — Demetrio Ribeiro.

Entretanto, a maioria dos proceres da revolução triumphante pertencia ao partido

democrata, como Campos Salles, Quintino Bocayuva, Aristides Lobo, e um delles, Ruy Barbosa, viera á Republica, antes como factor de demolição da monarchia do que como pregador do regimen republicano. Todos se haviam colligado na obra negativa da destruição da monarchia, mas certo divergiriam na construcção positiva da Republica. A democracia de uns e a socioeracia de outros tinham forçosamente de revelar em pontos varios, o fatal antagonismo. Não é, pois, de admirar que surgissem divergencias a proposito da questão fundamental da politica republicana — a separação da Igreja e do Estado.

Demetrio Ribeiro, republicano socioerata, mal tomou posse do cargo de ministro em 5 de dezembro de 1889, logo no dia 9 desse mês, na primeira conferencia ministerial, apresentou o projecto de separação. Dizia assim:

O Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brasil, considerando que a politica republicana baseia-se na mais completa liberdade espirital; que os privilegios concedidos pelo poder civil aos adeptos de qualquer doutrina só têm servido para difficultar o natural advento das opiniões legitimas que precedem a regeneração de costumes; que as doutrinas destinadas a prevalecer não carecem de apoio temporal, como a historia o demonstra; que nas reformas politicas deve ser respeitada a situação dos funcionarios:

“Decreta:

“Art. 1º. Fica estabelecida a plena liberdade de culto e abolida a união legal da Igreja e do Estado.

“Art. 2º. Ficam mantidos aos actuaes funcionarios catholicos os seus respectivos subsidios.

“Art. 3º. Os templos que pertencerem ao Estado serão deixados ao livre exercicio do culto catholico, enquanto forem assim utilizados. Em caso de abandono pelos sacerdotes catholicos, o Estado os cederá para os exercicios cultuaes de qualquer igreja sem privilegio religioso.”

Teve este projecto immediata approvação de Campos Salles. Mas Ruy Barbosa “ponderou que tinha relações pessoas com um respeitavel prelado, com o qual desejava conferenciar” antes de resolver sobre o assumpto. E Benjamin Constant mostrou-se

hesitante: ou porque, como explica o proprio Demetrio Ribeiro, desejasse todos tivessem convicção igual á sua, ou porque, segundo o pensamento de Teixeira Mendes, receasse uma revolta clerical, um fantastico levante de Minas Geraes; ou, aventuramos nós, por um e outro motivo.

Na sessão immediata do Governo Provisorio, em 16 de dezembro de 1889, Demetrio Ribeiro, volta a tratar da questão, apresentando novo projecto de separação, ampliado com as medidas republicanas da secularização dos cemiterios e do casamento civil. Mas, como Francisco Glycerio lhe informe que Campos Salles está elaborando lei especial sobre a instituição leiga da familia, Demetrio reduz o seu projecto á questão separatista e o redige afinal nestes termos:

“O Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brasil, considerando que a politica republicana baseia-se na mais completa liberdade espirital; que os privilegios concedidos pelo poder civil aos adeptos de qualquer doutrina só têm servido para difficultar o natural advento das opiniões legitimas que precedem á regeneração dos costumes; que as doutrinas destinadas a prevalecer não precisam do apoio temporal, como a historia o demonstra; que nas reformas politicas deve ser respeitada a situação material dos funcionarios; que só as transformações dos costumes devem produzir espontaneamente a extincção das instituições legadas pelo passado, limitando-se apenas a autoridade civil a abolir os privilegios de que gozarem as referidas instituições; que a patria deve garantir o culto dos mortos respeitando a completa liberdade religiosa; que os soccorros publicos dados aos cidadãos necessitados não devem ficar ao arbitrio de corporações religiosas, por ser isso contrario á liberdade de consciencia. . .

“Decreta:

“Art. 1º. E’ livre o exercicio de qualquer culto, ficando abolida a união entre o Estado e a Igreja Catholica.

Art. 2º. Os actuaes funcionarios ecclesiasticos, subvencionados pelos cofres geraes, continuarão a perceber os seus respectivos subsidios.

“Art. 3º. Os templos pertencentes ao Estado continuarão entregues ao sacerdocio catholico, enquanto este se responsabilizar pela conservação delles. Em caso de serem

abandonados pelo sacerdocio catholico, o Estado poderá entregá-los a qualquer outro sacerdocio, mediante a mesma condição de conservá-los; ficando entendido que é licito ao Governo permittir que o mesmo templo se destine ao exercicio de varios cultos, sem privilegio de nenhum.

"Art. 4º E' garantida ás associações e corporações de mão-morta existentes no territorio da Republica, a posse dos bens em cujo gozo se acham e que vierem a adquirir por qualquer titulo juridico; regulado tudo pela legislação commum, relativa á propriedade, de-rogadas todas as disposições especiaes em contrario.

"Art. 5º Ficam declarados extinctos todos os privilegios, concessões e contratos das corporações de mão-morta para o serviço dos hospitaes e enterramentos, que passará a ser feita na Capital Federal, pela Intendencia Municipal, e, nas differentes localidades dos Estados, conforme determinar a legislação respectiva, de accordo com as disposições do presente decreto. Fica entendido que em qualquer caso será respeitada em toda a sua plenitude a liberdade individual e de consciencia.

"Art. 6º O nascimento e o obito serão passados por declarações de familia feitas perante as autoridades competentes que serão, no Districto Federal, as que o Governo determinar e nos Estados as que forem designadas pelos respectivos governadores.

"Art. 7º O Governo tomará as providencias que julgar convenientes e expedirá os regulamentos que entender necessarios para a execução do presente decreto.

Esse projecto seria o decreto do Governo Provisorio de 7 de janeiro de 1890, porque, na manhã desse dia, ao proprio Demetrio Ribeiro assim o affirmara o Chefe do Governo, o Marechal Deodoro da Fonseca. Entretanto, na reunião do Ministerio, que se realizou de tarde, Ruy Barbosa sujeitou á approvação do Governo o projecto escripto pelo seu proprio punho e que se tornou a Lei da Separação. E' o decreto do Governo Provisorio n. 119-A, de 7 de janeiro de 1890, assignado por Deodoro, Campos Salles, Aristides Lobo, Quintino Bocayuva, Wandenkolk, Ruy Barbosa, Benjamin Constant, Demetrio Ribeiro, e redigido deste modo:

Art. 1º E' prohibido á autoridade fe-

deral, assim como á dos Estados federados, expedir leis, regulamentos ou actos administrativos estabelecendo alguma religião, ou vedando-a, e crear differenças entre os habitantes do pais, ou nos serviços sustentados á custa do orçamento, por motivo de crenças ou opiniões philosophicas ou religiosas.

"Art. 2º A todas as confissões religiosas pertence por igual a faculdade de exercer o seu culto, reger-se segundo a sua fé e não serem contrariadas nos actos particulares ou publicos que interessem o exercicio deste decreto.

"Art. 3º A liberdade aqui instituida abrange não só os individuos nos actos individuais senão tambem as igrejas, as associações e institutos em que se acharem agremiados; cabendo a todos o pleno direito de se constituirem e viverem collectivamente segundo o seu credo e a sua disciplina, sem intervenção do poder publico.

"Art. 4º Fica extinto o padroado com todas as suas instituições, recursos e prerogativas.

"Art. 5º A todas as igrejas e confissões religiosas, se reconhece a personalidade juridica para se adquirirem bens e os administrarem sob os limites postos pelas leis concernentes á propriedade de mão-morta, mantendo-se a cada una o dominio de seus haveres actuaes, bem como dos seus edificios de culto.

Art. 6º O Governo Federal continúa a prover á congrua, sustentação dos actuaes serventuarios do culto catholico e subvencionará por um anno as cadeiras dos seminarios, ficando livre a cada Estado o arbitrio de manter os futuros ministros desse e de outro culto, sem contravenção do disposto nos artigos antecedentes.

"Art. 7º Revogam-se as disposições em contrario.

Quando se compara, sem idéas preconcebidas, o projecto-Demetrio com o projecto-Ruy, o que seria com o que foi a Lei da Separação, vê-se logo a identidade fundamental de ambos: a abolição da theologia official. Mas, enquanto o republicano sociocrata, Demetrio Ribeiro, nos considerandos do decreto proposto caracterizava o verdadeiro alcance da liberdade religiosa, estendendo-a da theologia á metaphysica e á sci-

encia, encarando-a como plena liberdade espiritual sob todos os seus aspectos, e no proprio texto abolia implicitamente o privilegio academico, quando outorgava á familia a faculdade de declarar o obito sem attestado doutoral, o republicano democrata, Ruy Barbosa, restringia a soluçao do problema ao caso especial do que vulgarmente se chamam as religiões, isto é, as doutrinas theologicas; enquanto o republicano sociocrata, formulando a separação da unica communhão theologica que estava unida ao Estado, a Igreja Catholica, sujeitava-lhe os bens ao direito commum, abolindo o instituto regalista da mão-morta, o republicano democrata considerava a propriedade ecclesiastica sujeita ao regimen de subordinação da Igreja ao Estado; finalmente, enquanto, Demetrio Ribeiro propunha, como consequencia do regimen separatista, a secularização dos cemiterios, nos moldes liberrimos da mais completa liberdade espiritual, Ruy Barbosa omittia e adiava a medida republicana.

Revela o cotejo que o projecto-Ruy era retrogrado e omisso em relação ao projecto-Demetrio, mas ambos tinham em commum a ruptura do laço que unia a Igreja Catholica no Estado do Brasil. E como o retrocesso e a omissão eram apoiados pela corrente democratica dominante no Governo Provisorio e appareciam em segundo plano com relação á idéa principal de acabar com a religião official, Demetrio Ribeiro subscreveu o projecto-Ruy Barbosa. De sorte que se pôde dizer, quase sem errar, que Demetrio Ribeiro *dictou* e Ruy Barbosa *escreveu, alterando*, a Lei da Separação.

Não quer isso dizer neguemos o concurso do glorioso patricio na obra de 7 de janeiro, mas simplesmente que o seu logar é o de fiel e não o de apostolo; de dirigido e não dirigente. Quem levantou a idéa, quem formulou projectos, inspirado no liberalismo mais progressista, foi o nobre Ministro da Agricultura do Governo Provisorio, foi Demetrio Ribeiro, não foi o Ministro da Fazenda desse Governo, não foi Ruy Barbosa. Felizmente para a nossa patria, a victoria definitiva coube a Demetrio Ribeiro. A Constituição da Republica acabou a mão-morta,

estabeleceu a plena secularização dos cemiterios — que o proprio Governo Provisorio tinha incompletamente decretado em setembro de 1890 — e eliminou os privilegios escolasticos e academicos, assegurando a liberdade profissional em toda a sua plenitude.

Da Lei da Separação, o que pertence exclusivamente a Ruy Barbosa, além do retrocesso e da omissão, é a linguagem e a redacção. Ninguem poderá negá-lo, e ninguem o negou, pois até já foi publicado o autographo. Isso, porém, nada prova além da diversidade de estylo dos dous redactores: o de Demetrio, correcto, conciso, talvez, laconico, estylo de homem affeito simultaneamente ás questões mathematicas e aos problemas sociaes, de estadista que discute sociologia, mas sabe arithemtica; o de Ruy Barbosa, correctissimo, abundante, amplificado, talvez prolixo, estylo de legista servido por extraordinario talento verbal, lido e relido nos mestres classicos da lingua, mestre elle mesmo do lidimo idioma.

Como quer que seja, porem, lembrando neste momento a verdade historica, demonstrada á saciedade pelo nosso eminente patricio Raymundo Teixeira Mendes no opusculo n. 343 da Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, nem por isso deixamos de congregar numa só glorificação todos os membros do Governo Provisorio que subscreveram a lei republicana por excellencia, o decreto de 7 de janeiro de 1890.

Hoje, 40° anniversario do acto memoravel, os nossos corações e os nossos pensamentos devem bendizer indistinctamente os cidadãos benemeritos que conceberam e decretaram a separação da Igreja e do Estado no Brasil.

Entretanto, seria offender a Justiça historica se entre elles não destacassemos o nome de Demetrio Ribeiro, o orgão insigne dos republicanos sociocratas, que desde a sua entrada no Governo Provisorio em 7 de dezembro de 1889 até 7 de janeiro de 1890, concebeu, projectou e afinal conseguiu ver decretada a lei aurea da Republica.

REIS CARVALHO.

Cicero, homem de negocios

Nada mais indiscreto que a curiosidade bisbilhoteira dos historiadores que tudo querem ver e investigar. Cicero, o *monstro da palavra*, como lhe chamou um exadverso da tribuna, teve em sua vida a preocupação de apresentar á posteridade um aspecto de si mesmo que estava bem longe de ser o verdadeiro. A majestade de suas attitudes é agora, diminuida por essa bisbilhotice historica que faz de Cicero um "parvenu". O sr. Roll, num artigo publicado no "New Yorkbucher" nos mostra uma feição inesperada do grande orador latino: Cicero, homem de negocios.

Effectivamente, o poderoso adversario de Catilina era um ambicioso, e não querendo ficar em situação inferior aos seus collegas, foi uma victima dessa mania de fausto que dominou Roma no fim da Republica e principio do Imperio. Cicero não possuia menos de 8 villas fóra de Roma, e na cidade havia comprado de Crasus uma casa por cerca de duzentos e trinta contos de réis. Mas, como

tantos homens de letras, elle não podia dedicar-se aos negocios que eram entregues a um intendente, Eros, e como todo homem politico de seu tempo, vivia mais ou menos do credito, escondendo sob sua fachada brilhante uma situação embaraçosa. Elle lutou com difficuldade para constituir o dote de sua filha Tullia, casada com Dolabella, e, quando este se divorciou, não restituiu o dote. O seu divorcio de Terencia foi outro embaraço para restituição do dote, que o levou a contrair novas nupcias com a rica Publilia, casamento, aliás, que não durou muito tempo. Enfim, sua vida foi sempre perturbada por serios embaraços financeiros, e não foi sem razão que elle uma vez affirmou que, se houvesse uma nova conjuração elle faria parte della, ao menos para poder desembaraçar-se de suas dividas, motivo justamente pelo qual foi accusado Catilina e levado por elle ao exilio, á morte e á execração talvez injusta da prosperidade.

O Medico Escolar

O medico escolar é um elemento de que não se pode prescindir, em nossos dias, si se quiser emprestar ao ensino actual uma orientação racional em plena harmonia com as sciencias naturaes e a pedagogia moderna. Encarregado da saude dos escolares, elle dictará as medidas convincentes para salvaguardar sua salubridade, illustrará a autoridade escolar sobre as medidas prophylacticas que tendem a evitar a diffusão das molestias contagiosas; afastará temporariamente da escola os professores e alumnos enfermos que constituirem um perigo para os demais; visitará a escola regularmente, inspeccionando as condições hygienicas em que se acham as classes, fiscalizando o material de ensino, as condições de luz, ventilação etc., etc.

Elle está encarregado de um papel muito importante que é o da observação psychologica da criança, para, de commun accordo com o professor, indicar o rumo que deverá seguir o educando.

A actividade do medico escolar é pois, mui variada, assás importante, e requer sobretudo uma preparação prévia para bom desempenho de sua missão.

Entre as sciencias auxiliares da pedagogia moderna, occupam logares de destaque a physiologia e a psychologia experimental. O medico escolar, com seus conhecimentos technicos de anatomia, histologia e physiologia, está collocado em condições privilegiadas para o estudo da psychologia geral e infantil e solucionará, por certo, todas as difficuldades que não estiverem no alcance do pedagogo.

Attribue-se tambem ao medico outra tarefa mais superior, isto é, de não ser tão somente guardião da saude, senão tambem a de sentinella avançada afim de espreitar as potencias intellectuaes do educando.

Os constantes progressos que notamos na sciencia da educação nos convencem que as creanças debeis de intelligencia ou anormaes devem ser separadas da escola com-

num, já porque ellas prejudicam o progresso dos demais alumnos da mesma classe ou porque nada poderão aproveitar do plano de estudo, que não se acha á altura de suas faculdades. E' tarefa medica reconhecer taes crianças, estudando a causa do seu atraso, para aconselhar um regime mais conveniente. Dahi a importancia do seu papel, na selecção dos alumnos normaes e anormaes para que estes recebam promptamente os reclamados auxilios em escolas especiaes, classes differenciaes ou institutos orthophrenicos.

Todos os pedagogos e hygienistas estão de pleno accordo, em não se descuidar do physico da criança por meio da pratica constante da gymnastica pedagogica, jogos ao ar livre, esportes etc.

Na educação physica, amplo campo de trabalho se lhe offerce em suas relações com o professor de gymnastica; cuidará das medidas do corpo do alumno afim de

melhor saber em cada momento sua respectiva capacidade vital e em particular da deformação do esqueleto, prescrevendo exercicios especiaes ou aparelhos orthopedicos e eventualmente massagens. Como hygienista, attenderá ás condições do gymnasium, duração do exercicios nas differentes estações do anno.

Em summa: a responsabilidade pedagogica do medico escolar é capital e o seu concurso em todos os estabelecimentos de ensino do Estado e mui principalmente nas grandes cidades do interior, constitue uma necessidade imprescindivel, nos dias que correm, pois é elle o encarregado de volar pela saude, base do bem estar e da felicidade e consequentemente um dos primeiros factores para o normal desenvolvimento intellectual e physico do educando.

Prof. N. SOUZA PINTO.

Da Folha Academica — Rio, n. 5|6 de 8|15 . 2 . 30



VIDA ESCOLAR

Movimento da Instrução Publica do Estado

MES DE NOVEMBRO

— Dia 1 —

O Exmo. Sr. Governador do Estado, nos termos da lei n. 1.150, de 3 de junho do corrente anno, resolve decretar a perda da cadeira em que incorreu a professora publica de instrucção primaria da cadeira do Rio Largo, municipio de Santa Luzia do Norte, removida, por acto de 23 de maio ultimo, para o povoado Barra de Santo Antonio, municipio de São Luis do Quitunde, D. Adelai-de Loureiro Casado Lima.

— O Exmo. Sr. Governador do Estado, nos termos da Lei n. 1.150, de 3 de junho do corrente anno, resolve decretar a perda da cadeira em que incorreu a professora publica de instrucção primaria, D. Alice Zanotti Calheiros, removida, com decesso, por acto de 28 de maio ultimo, do Grupo Escolar "Rocha Cavalcanti", da cidade de União, municipio do mesmo nome, para a cadeira do sexo feminino da cidade de Agua Branca, municipio do mesmo nome.

— Foram justificadas 15 faltas dadas pela professora publica de instrucção primaria, ora servindo, em commissão, no Grupo Escolar "Oliveira e Silva", da cidade de Pilar, Consuelo de Lima Avila.

— Foi mandada pagar a D. Eulalia de Oliveira Graça, professora publica de instrucção primaria da cadeira mixta do povoado Santo Aleixo, municipio de Muricy, a ajuda de custo a que tem direito, na forma do atual Regulamento da Instrucção Publica.

— Foi aposentada, com os vencimentos proporcionaes, o professor publico de instrucção primaria da cadeira do sexo masculino da cidade de Viçosa, cidadão Ulysses Baptista, conforme requereu, visto achar-

se impossibilitado de continuar a exercer as suas funcções, segundo os laudos medicos de inspecção de saude a que se submetteu, na forma do artigo 3º do alludido Regulamento, e contar 18 annos, 9 meses e 13 dias de exercicio no magisterio publico do Estado.

— Foi exonerado o cidadão Silvino de Araujo Lima do cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Paulo Jacintho, municipio de Quebrangulo.

— Dia 9 —

Foram justificadas pelo Exmo. Sr. Dr. Secretario do Interior 15 faltas dadas pela professora publica de instrucção primaria da 4ª cadeira isolada do Jacutinga, arrabalde desta Capital, D. Genoveva Wanderley Lima.

— Dia 12 —

Foi designada a professora de Dactylographia do Grupo Escolar "Fernandes Lima", desta cidade, ora servindo como professora adjunta do Grupo Escolar Modelo "D. Pedro II", tambem desta capital, D. Flora Alcantara de Barros Corrêa para exercer, em commissão, o cargo de Visitadora de Hygiene Escolar.

— Dia 17 —

Foram justificadas 15 faltas dadas pela professora do Grupo Escolar Modelo "D. Pedro II", desta capital, D. Maria Rosalia de Ambrozio.

— Dia 21 —

Foram justificadas 15 faltas dadas pela professora publica subvencionada da cadeira mixta do povoado Barra de Santo Antonio, municipio

de S. Luis do Quitunde, D. Odette Maria de Jesus.

— Dia 26 —

Foram justificadas pelo Exmo. Sr. Dr. Secretario de Estado dos Negocios do Interior 14 faltas dadas pelo sr. José Rodrigues de Lima, porteiro do Grupo Escolar Modelo "D. Pedro II", desta Capital.

MÊS DE DEZEMBRO

— Dia 3 —

Foram justificadas pelo Exmo. Sr. Dr. Secretario do Interior 27 faltas dadas pela professora que ora serve em comissão no Grupo Escolar "Diégues Junior", D. Iréne Braga de Miguez Garrido.

— Dia 7 —

Foi jubilada, com os vencimentos proporcionaes, a professora publica de instrução primaria da cadeira mixta de Gurganema, na cidade de Viçosa, D. Anna Ferreira Torres, visto achar-se impossibilitada de continuar a exercer as suas funcões, contando vinte e tres (23) annos, onze (11) meses e treze (13) dias de serviço publico no magisterio primario do Estado.

— Dia 17 —

O Exmo. Sr. Governador do Estado, á vista da representação do Departamento Geral da Instrução Publica, em officio de 16 de corrente mês, sob n. 1.985, resolve transferir a cadeira subvencionada mixta do Flechal, em Bebedouro, arrabalde da Capital, para a Chã de Bebedouro e a de 3ª categoria da Chã para o Flechal, devendo acompanhá-las as respectivas professoras, d. d. Anna Marques de Franca Ramiro e Deolinda Alves de Carvalho.

— O Exmo. Sr. Governador do Estado á vista da representação do

Departamento Geral da Instrução Publica em officios de 12 do corrente mês, sob ns. 1.979 e 1980, resolve converter em cadeiras de categoria a 1ª cadeira subvencionada do sexo feminino do povoado Pedra, municipio de Agua Branca, e a cadeira subvencionada mixta do povoado Morros, municipio de Camaragibe, na forma do art. 535, § unico do Regulamento expedido com o Decreto n. 1.140, de 19 de setembro de 1925.

— Foi removida, por conveniencia do ensino, a professora publica de instrução primaria D. Maria Christina Vieira Cavalcante, da cadeira mixta do povoado Barra Grande, municipio de Maragogy, para a cadeira mixta do povoado Barra de Santo Antonio, municipio de São Luis do Quitunde.

— Foram removidas, por conveniencia do ensino, as professoras publicas de instrução primaria D. Elvira Olympia da Silva, da cadeira mixta do povoado Mar Vermelho, municipio de Anadia, para a cadeira mixta do povoado Lagoa da Canoa, municipio do Traipó; D. Anna Sampaio de Campos Machado da cadeira de Igreja Nova, para a de Oiteiro, na cidade de Penedo; D. Maria José Esteves dos Santos, da cadeira mixta do povoado Mundahú-Mirim, municipio de União, para a do povoado Mar Vermelho, no de Anadia; D. Maria Lucia Gouvêa, da cadeira mixta do povoado Massagueira, municipio de Alagoas, para a de Mangabeiras, suburbio da Capital.

— Foi determinado que a professora publica subvencionada do Flechal, em Bebedouro, arrabalde da Capital, D. Anna Marques de Franca Ramiro, tivesse exercicio effectivo na Chã de Bebedouro, deste municipio, para onde foi transferida aquella cadeira por decreto de 17 de dezembro.

— Foi removida, a pedido, a professora publica de instrução primaria da cadeira de 1ª categoria do sexo feminino da Villa de Bello Monte, D. Dalva Porto Neves, para a de 1ª

categoria do sexo feminino da cidade de Viçosa.

— Foi removida com acesso da respectiva entrancia, a professora publica de instrucção primaria de 1ª entrancia da cadeira de 1ª categoria do sexo feminino do povoado Santa Ephigenia, municipio de Capella, D. Alfredina Soares de Albuquerque Rios, para a cadeira mixta vaga de 2ª categoria do povoado Barra do Canhoto, municipio de União.

— Foi removida a pedido a professora publica de instrucção primaria de 2ª categoria da Villa de Santa Luzia do Norte, D. Hosanna Galvão de Lima, para a cadeira do sexo feminino do povoado Santa Ephigenia, municipio de Capella.

— Conforme pediu, foi removida a professora publica de instrucção primaria da 1ª cadeira de 1ª categoria do sexo feminino da cidade de Viçosa, D. Euthalia Lopes Barbosa para a 1ª cadeira de 2ª categoria do sexo masculino da cidade de S. Miguel de Campos.

— Foi removido, a pedido, o professor publico de instrucção primaria da cadeira do sexo masculino do povoado Palmeira de Fóra, municipio de Palmeira dos Indios, cidadão Orlando da Costa Duarte, para a cadeira de 2ª categoria do povoado Lourenço, Municipio de Quebrangulo.

— Dia 19 —

O Exmo. Sr. Governador do Estado, á vista da representação do Departamento Geral da Instrucção Publica, em officio desta data, sob n. 2.001, resolve transferir a cadeira de primeira categoria do sexo feminino, vaga, do povoado Palmeira de Fóra, municipio de Palmeira dos Indios, para o povoado Triumpho, municipio de Atalaia.

— Foi exonerado o cidadão Torquato Wanderley, do cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Poço das Trincheiras, municipio de Sant'Anna do Ipanema.

— Foi nomeada D. Eudocia Costa

Callado, para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta do povoado Pindoba Grande, na cidade de Viçosa, D. Ignês Thomasia dos Santos, para a cadeira do sexo feminino da cidade de Porto Calvo.

— Foi nomeada D. Maria José Luna Dias para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira do sexo feminino da cidade de Agua Branca.

— Foi removido, a pedido, o professor publico de Instrucção Primaria da cadeira de 1ª categoria do sexo masculino da cidade de Igreja Nova, cidadão Antonio Malta de Souza, para igual cadeira da cidade de Matta Grande.

— Foi removida, a pedido, a professora publica de instrucção primaria da cadeira de 2ª categoria do sexo feminino da cidade de Porto Calvo, D. Aristhêa Nunes Accioly, para a cadeira de 1ª categoria, mixta, do povoado de Alagoinhas, municipio de Igreja Nova, D. Enoy de Campos Machado, para igual cadeira da séde daquelle municipio.

— Dia 20 —

O Exmo. Sr. Governador do Estado, á vista da representação do Departamento Geral da Instrucção Publica em officio desta data, sob n. 2.006, resolve transferir a cadeira mixta, vaga, do povoado Tibiry, municipio de São Braz, para a séde daquelle municipio.

MES DE JANEIRO

— Dia 10 —

O Exmo. Sr. Governador do Estado tendo em vista a representação do Departamento Geral da Instrucção Publica, em officio de hoje, sob n. 12, resolve transferir a cadeira do sexo feminino do povoado Coqueiro Secco, no de Santa Luzia do Norte,

devendo acompanhá-la a respectiva professora, D. Maria Antonia dos Reis.

— Conforme pediram, foram exoneradas DD. Maria da Conceição Maciel, Stella Barroso Pinheiro e Maria Nobre e Silva dos cargos de professoras adjuntas dos Grupos Escolares "Thomás Espindola", desta Capital, "Rocha Cavalcante", da cidade de União e "Oliveira e Silva", da cidade do Pilar, e foram nomeadas para exercerem, respectivamente, os cargos de professoras effectivas de 1ª entrancia das cadeiras mixtas de 1ª categoria dos povoados Currealinho, municipio de Muricy, Caçamba, no de União e Santo Antonio dos Milagres, no de Atalaia.

— Foi exonerada, a pedido, D. Francisca Petrina de Macedo do cargo de professora subvencionada da cadeira mixta do povoado Cacimbas, municipio de Arapiraca.

— Foi nomeada D. Laudicéa Corrêa Lima para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta do povoado Barra Grande, municipio de Maragogy.

— Dia 11 —

Foi exonerado o cidadão Carlos Gomes de Mendonça Rossiter do cargo de Porteiro do Grupo Escolar "Ambrozio Lyra", da cidade de Camaragibe, conforme pediu, e foi nomeado, para substituí-lo, o cidadão Francisco de Gusmão Lyra.

— Foi exonerada D. Maria da Gloria Azevedo do cargo de professora extranumeraria por tempo indeterminado, da cadeira mixta do povoado Entre Montes, municipio de Piranhas.

— Foi removida, a pedido, a professora publica da cadeira mixta de 1ª categoria do povoado Batalha, municipio de Bello Monte, D. Guiomar Sampalo Beserra, para a cadeira do sexo feminino de igual categoria da sede daquelle municipio.

— Foram removidas, a pedido as

professoras publicas de instrucção primaria das cadeiras mixtas de 1ª categoria dos povoados Sapucaia, municipio de Atalaia e Capivara, no de Traipú. DD. Aurea Silva Sucupira e Augusta Maria Costa para iguaes cadeiras dos povoados Matta do Rolo, municipio de Santa Luzia do Norte e Roteio, no de S. Miguel dos Campos.

— Foi jubilada, com todos os vencimentos, a professora publica da 14ª cadeira isolada da Capital, D. Augusta Laudelina Tavares, por se achar impossibilitada de continuar no exercicio de suas funcções, de accordo com os laudos medicos de inspecção de saude a que se submetteu e contar mais de trinta (30) annos de serviço publico.

— Foi nomeada D. Maria da Gloria Azevedo para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta da Villa de S. Braz.

— Foram nomeados os cidadãos Arlindo Rodrigues de Oliveira e João Henrique de Carvalho para exercerem, respectivamente, os cargos de Inspector Rural de Ensino dos povoados Riacho Velho e Barra Nova, municipio de Alagoas.

— Dia 14 —

Foi exonerada D. Amara Pereira Cunha do cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira do sexo masculino do povoado Urucú, municipio de Camaragibe e foi nomeado, para substituí-la o cidadão Pedro Seixas de Gusmão.

— Foi exonerada, a pedido, D. Laudicéa Corrêa Lima do cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira do sexo masculino do povoado Campo Alegre, municipio de S. Miguel de Campos, e nomeou, para substituí-la, D. Maria Stella Menezes de Oliveira.

— Foi exonerada D. Maria Stella Menezes de Oliveira do cargo de professora extranumeraria da primeira

cadeira do sexo masculino da cidade de Leopoldina, conforme pediu, e foi nomeada D. Francisca Petrina de Macedo para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta do povoado Cacimbas, municipio de Arapiraca.

— Dia 17 —

Foram designadas as professoras publicas de instrucção primaria das cadeiras mixtas de primeira categoria dos povoados Currealinho, municipio de Muricy e Santo Antonio dos Milagres, municipio de Atalaia, DD. Maria da Conceição Maciel e Maria Nobre e Silva para servirem, em commissão, respectivamente, nos Grupos Escolares "D. Pedro II" desta capital e "Oliveira e Silva", da cidade de Pilar.

— Removeu, por conveniencia de ensino, a professora publica de instrucção primaria, que ora serve, em commissão, no Grupo Escolar "D. Pedro II", desta Capital, D. Laura Cavalcante Lins, para servir, em commissão, no Grupo Escolar "Thomás Espindola", desta cidade.

— Foi nomeada D. Etelvina Cardoso de Farias para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta do povoado Palmeira de Fóra, municipio de Palmeira dos Indios.

— Foi nomeado o cidadão Herculano de Carvalho Silva para exercer o cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Igrejinha do Capiá, municipio de Matta Grande.

— Foi exonerado o cidadão João Gomes de Mendonça do cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Morada, municipio de Matta Grande, por não mais residir na mesma localidade, e foi nomeado, para substitui-lo, o cidadão Joaquim Bezerra de Lima.

— Dia 18 —

Foi nomeada a alumna-mestra D. Flora Jambreiro Gomes para exercer

o cargo de professora adjunta do Grupo Escolar "Thomás Espindola", desta cidade.

— Foi removida, a pedido, a professora publica de instrucção primaria da cadeira do sexo feminino do povoado Branquinha, municipio de Muricy, D. Joanna Coelho da Silva, para a cadeira mixta de 1ª categoria do povoado Currealinho, do referido municipio.

— Dia 24 —

Foi exonerado o cidadão Manoel Antonio do Rego Castello Branco, do cargo de Inspector Rural de Ensino da villa de Matriz, municipio de Camaragibe, por não residir mais na mesma localidade e foi nomeado, para substitui-lo, o cidadão Lauro Lins Braga.

— Dia 25 —

O Exmo. Sr. Governador do Estado resolve approvar o termo de renovação de contracto celebrado, nesta data entre o Secretario de Estado dos Negocios do Interior e D. Djaniara Marroquim Souza, afim de ministrar, por mais um anno, o ensino de Educação Physica, aos alumnos do Grupo Escolar "Diegues Junior", desta Capital.

— Dia 28 —

Foi exonerado, a pedido, D. Noemia do Rego Lima do cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta do povoado do Barra do Canhoto, municipio de União.

— Foi nomeado o cidadão José Sabino de Oliveira Filho para exercer o cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Triumpho, municipio de Atalaia.

— Dia 30 —

Foi nomeada D. Maria José de Aguiar para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta do povoado Santo Antonio dos Milagres, municipio de Atalaia.

— Foi nomeada a alumna-mestra D. Dulcina de Aguiar Farias para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da 3ª cadeira isolada do Poço, arrabalde desta Capital.

— Dia 31 —

Foi exonerado o cidadão Gustavo de Oliveira Fortes do cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Inhapy, municipio de Matta Grande, por não residir mais na referida localidade e foi nomeado para substitui-lo o cidadão Joaquim Ferreira da Silva.

MES DE FEVEREIRO

— Dia 6 —

Foi exonerada, a pedido, D. Anna Marques de Francisca Ramiro, do cargo de professora subvencionada da cadeira mixta da Chã de Bebedouro, arrabalde desta Capital.

— Foi exonerado o cidadão Manoel Rodrigues Soares do cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Morros, municipio de Camaragibe, por não residir mais na referida localidade, e foi nomeado, para substitui-lo, o Engenheiro Francisco Luis de Oliveira Chaves.

— Foi exonerado o Bacharel Manoel Candido Carneiro da Silva do cargo de Presidente, em comissão, da Junta Escolar do municipio de Sant'Anna do Ipanema, por não residir mais no referido municipio, e foi nomeado para substitui-lo, o Bacharel João Lyra Flores.

— Foi exonerado o Bacharel João Lyra Flores dos cargos de Presidente, em comissão, e membro da Junta Escolar do municipio de Limoeiro, por não residir mais no referido municipio e foi nomeado, para substitui-lo, o cidadão Domingos Canuto da Silva.

— Dia 11 —

O Exmo. Sr. Governador do Esta-

do, a vista da representação do Departamento Geral da Instrução Publica, em officio de 6 do corrente mês, sob n. 117, resolve converter em cadeira de categoria a cadeira subvencionada da Chã de Bebedouro, arrabalde desta Capital, na forma do art. 535, § unico, do Regulamento baixado com o Decreto n. 1.140, de 19 de setembro de 1925.

— Foi mandada pagar a D. Maria da Conceição Maciel, professora publica, em comissão, do Grupo Escolar Modelo "D. Pedro II", desta Capital, a ajuda de custo a que tem direito em virtude de sua anterior nomeação, posse e exercicio da cadeira de Curralinho, municipio de Muricy.

— Foram concedidos 60 dias de licença, para tratamento de saúde a D. Odette Lins de Albuquerque, professora publica subvencionada da Barra de Santo Antonio, municipio de São Luis do Quitunde.

— Dia 14 —

Foi exonerada D. Maria Eulalia Mello do cargo de professora extranumeraria da cadeira mixta do povoado Poço das Trincheiras, municipio de Sant'Anna do Ipanema.

— Foi nomeada D. Luisa Rodrigues da Silva para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta do povoado Barra de Santo Antonio, municipio de S. Luis do Quitunde.

— Foi removida, por conveniencia do ensino, a professora publica de instrução primaria da cadeira mixta do povoado Barra de Santo Antonio, municipio de São Luis do Quitunde, D. Maria Christina Vieira Cavalcante para igual cadeira da cidade de Maragogy.

— Foi nomeado o cidadão Torquato Medeiros Wanderley para exercer o cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Poço das Trincheiras, municipio de Sant'Anna do Ipanema.

— Dia 18 —

Foram nomeadas DD. Maria Eulalia de Mello e Alzira da Costa Guimarães para exercerem, respectivamente, os cargos de professoras extranumerarias, por tempo indeterminado, das cadeiras mixtas dos povoados Mundahú-Mirim e Peroba, municípios de União e Maragogy.

— Dia 16 —

O Exmo. Sr. Governador do Estado, a vista da representação do Departamento Geral da Instrução Pública, em officio de 11 do corrente mês, sob n. 204, e de conformidade com o artigo 70 do Regulamento expedido com o Decreto n. 1.140, de 19 de setembro de 1925, resolve transferir a cadeira do sexo feminino do povoado Fernão-Velho, para o povoado Ipioca, ambos neste município.

— Foi jubilada, com os vencimentos proporcionaes ao tempo de serviço, a professora publica de instrução primaria da 3ª cadeira isolada de Jaraguá, desta cidade, D. Francisca Goulart Turner por se achar impossibilitada de continuar a exercer as suas funções, conforme os laudos medicos de inspecção de saude a que se submetteu, e contar 26 annos e 7 meses de serviço publico.

— Foi removida, a pedido, e com accesso da respectiva entrancia, a professora publica de instrução primaria de 1ª entrancia da cadeira mixta de 1ª categoria do povoado Canastra, municipio de S. José da Lage, D. Ignacia Olympia de Carvalho Veras, para a cadeira de 2ª categoria do sexo feminino do povoado Branquinha, no de Muricy.

— Foi designada a profesora publica de instrução primaria que ora serve no Grupo Escolar "Messias de Gusmão", da cidade de S. Luis do Quitunde, D. Amphrizia Paes de Souza, para servir em commissão no Grupo Escolar "Cincinato Pinto", desta Capital.

— Foi nomeada D. Amara Pereira da Cunha para exercer o cargo de professora extranumeraria por tempo indeterminado da cadeira mixta do povoado Morros, municipio de Camaragibe.

— Foi removida, por conveniência do ensino, a professora publica de instrução primaria da cadeira do sexo feminino do povoado Fernão-Velho, municipio da Capital, D. Julia Guimarães Góes, para a cadeira mixta da Chã de Bebedouro, arrabalde desta cidade.

—:X:—

FLORIANOPOLITANAS E NACIONAIS

1º de janeiro — FRATERNIDADE DOS POVOS — Federal.

24 de fevereiro — PROMULGAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO — Federal.

15 de março — PRIMEIRA ASSEMBLEIA PROVINCIAL — Estadual.

21 de abril — TIRADENTES — Federal.

3 de maio — DESCOBRIMENTO DO BRASIL (Commemoração de 21 de abril de 1500) — Federal.

13 de maio — ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA — Federal.

11 de junho — CONSTITUIÇÃO ESTADUAL — Estadual.

29 de junho — MORTE DO MARECHAL FLORIANO — Estadual.

14 de julho — LIBERDADE DOS POVOS (Revolução Francesa) — Federal.

23 de agosto — MORTE DO MARECHAL DIODORO — Estadual.

7 de setembro — INDEPENDENCIA DO BRASIL — Federal.

16 de setembro — AUTONOMIA DE ALAGOAS — Estadual.

12 de outubro — DESCOBRIMENTO DA AMERICA — Federal.

2 de novembro — COMMEMORAÇÃO DOS MORTOS — Federal.

19 de novembro — FESTA DA BANDEIRA — Federal.

15 de novembro — PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA — Federal.

NOTICIARIO



Dr. Antonio de Sampaio Doria

Nasceu a 25 de março de 1883, em Bello Monte, Estado de Alagoas. Em sua terra iniciou apenas os estudos, pois foi para S. Paulo em 1889, ali completando o curso primario e fazendo os estudos secundarios. Em 1904, matriculou-se na Faculdade de Direito, diplomando-se bacharel em sciencias juridicas e sociaes, em 1908.

Durante o curso juridico, dedicou-se ao ensino, no antigo "Gymnasio Macedo Soares", onde regeu a cadeira de Psychologia e Logica, e na "Escola de Commercio Alvares Penteadó". Uma vez diplomado, por pouco tempo exerceu a advocacia, para dedicar-se ao jornalismo, occupando o lugar de redactor-chefe do "O Imparcial", do Rio de Janeiro. Voltando a S. Paulo, concorreu, em 1914, á cadeira de pedagogia da Escola Normal da Praça da Republica, que obteve após brilhantes provas.

Em 1920, sendo ainda professor da Escola Normal, foi chamado á direcção geral da Instrucção Publica do Estado, tendo tido oportunidade de realizar uma profunda reforma no

apparelhamento escolar paulista. Sua administração foi assignalada com medidas de grande alcance pratico, como o recenseamento escolar, pela primeira vez realizado no Brasil, a criação das delegacias regionaes do ensino, a escola alphabetizante, a unificação das escolas normaes, a systematização da pratica pedagogica, a organização da assistencia escolar, além de outras.

Deixando a direcção do ensino, foi algum tempo depois convidado para superintender o Banco de São Paulo. Vagando-se em 1925, a cadeira de Direito Constitucional da Faculdade de Direito de São Paulo, o dr. Sampaio Doria a ella concorreu, obtendo o primeiro lugar e sendo nomeado cathedratico, cargo que hoje exerce. Sempre ligado aos ideaes de ensino e á sua propagação, fez parte do primeiro conselho director do Lyceu Franco Brasileiro e preside actualmente ao Lyceu Nacional Rio Branco, de que é um dos fundadores.

Da lista de suas obras, já bastante extensa, cumpre destacar: "Principios de Pedagogia", (1914); "Ensaaios", (1915); "O que o cidadão deve saber", (1917); "Problemas de Direito Publico", (1919); "A questão social", (1920); "Questões do ensino", (1923); "Como se aprende a lingua", (1922); "Como se ensina", (1922); "Psychologia", 2ª edição (1928, 3ª 1930); "Principios constitucionaes", (1926); "O espirito das democracias", (1925).

E' desse notavel alagoano o trabalho que sobre a "Formação da linguaagem" tomamos ao volume III (abril e maio de 1929) da "Educação", a conhecida e excellente revista paulista de pedagogia.

As notas biographicas que inserimos são tiradas do seu livro "Educação Moral e Educação Economica", que é o volume terceiro da Bibliotheca de Educação, dirigida pelo dr. Bergstrom Lourenço Filho, cathe-

drático da Escola Normal de S. Paulo, e editada pela prestigiosa e benemerita Companhia Melhoramentos (Weiszflog Irmãos Incorporada).

Rendemos assim, com a divulgação entre nós do seu magistral trabalho, uma homenagem ao conterrâneo illustre e pedagogo admirável, que faz honra aos pioneiros da educação nova, entre os quaes o prof. Lourenço Filho é também figura primacial.

—:X:—

Bibliographia Temos recebido regularmente e a todas igualmente retribuido a visita das seguintes publicações:

— REVISTA DE EDUCAÇÃO (Orgão da Directoria Geral de Instrucção e da Associação Bahiana de Educação). — Anno, II, n. 2, fev. de 1930. — Summario: *O dia da Patria* — Dr. Aristides Novis; *Porque "Escola Nova?"* — Dr. Anisio Spinola Teixeira; *A Lição de S. Paulo*; *A Caliphasia ou Declamação* — Professora Noemia Nascimento Gama; *Psychologia e Educação e Testes Mentaes e Pedagogicos* — Dr. Isaias Alves; *Historia Contemporanea* — Dr. Archimedes Pereira Guimarães; *A Educação infantil e o Methodo Montessori* — Professor Alipio Franca; *O Espirito Tradicional e a Educação do Povo* — Dr. Pedro Calmon; *Como desenvolver o Ensino Profissional na Bahia* — Dr. Americo Simas; *Para o melhor ajustamento do alumno á sua classe* — João José do Nascimento Junqueira.

— EDUCAÇÃO (Orgão da Directoria Geral da Instrucção Publica e da Sociedade de Educação de S. Paulo) — Anno III, vol. X, ns. 1 e 2, jan. e fev. de 1930 — Summario (Fasciculo 28): *A Escola de Estudos Brasileiros* — Dr. Miguel Arrojado Lisboa; *Noções sobre a pedagogia de Decroly* — Professor Luis Gonzaga Fleury; *Como a arvore* — Dr. Albino de Camargo; *Um novo processo de ensinar a leitura* — Dr. Renato Jardim; *Sobre um aspecto da hygiene mental* — Dr. Durval Marcondes; *Sete de Setem-*

bro — Professor Severino Villela; *O ensino de linguagem* — Professor Juvenal Paiva Pereira; *Um trecho do livro "Vida Escolar"* — Professor Dagoberto F. de Gascon; *Ensino Primario* — Professor Antonio Firmino Proença. (Fasciculo n. 29): *Assistencia dentaria escolar* — Dr. Antonio Campos de Oliveira; *Methodo de projectos* — Professor Luis Gonzaga Fleury; *Os programas de ensino e a genetica* — Professor Octavio Domingues; *Escotismo (o "Fogo do Conselho")* — Professor Augusto Ribeiro de Carvalho; *Cooperação* — Professor Theodoro J. R. de Moraes; *Educação Sanitaria* — Professor Francisco Alves Mourão.

— O PROBLEMA BRASILEIRO DA EDUCAÇÃO SECUNDARIA — Alba Cañizares Nascimento.

Para a nossa Bibliotheca entrou esse interessante trabalho, de autoria da illustre Inspectora Escolar do Districto Federal e Professora de Psychologia e Pedagogia da Escola Normal de Artes e Officios "Wenceslau Braz", Alba Cañizares Nascimento.

Versando o assumpto principal do seu trabalho, a distincta educadora faz considerações em torno da finalidade do ensino secundario no nosso pais, como resposta ao inquerito promovido pela Associação Brasileira de Educação e destinado á 3ª Conferencia Nacional de Educação.

Nas 21 paginas da sua brochura, D. Alba Cañizares Nascimento revela-se conhecedora integral das idéas centraes de educação entre os povos de erudição consagrada, e deixou-nos uma impressão segura do seu espirito bem orientado e da sua brilhante cooperação no magisterio official da capital da Republica.

São as suas palavras finaes:

"Por todas as nações americanas devem ser os mesmos os supremos ideaes da jovem America.

Irmãs pela tradição, fraternizadas pela evolução politica, sempre em perfeita homologia mental, devem os

países do continente concorrer quanto aos supremos ideaes do espirito humano no seu anseio de perfeição.

Deverá ser sempre paralela e collaboradora a evolução educacional nas republicas americanas.

O Congresso Inter-Americano de Educação Moral, coordenando e aproximando as tendencias educativas, definindo os objectivos educacionais da America, pondo em contacto e conformidade as consciencias do Novo Mundo, fixando a consciencia americana, não representaria só grande acontecimento na historia da pedagogia, mas facto de importancia philosophica e sociologica mundial, constituindo, pela definição da espiritualidade americana, segurança indefectivel de fraternidade, certeza de paz, garantia de felicidade, inestimavel serviço á defesa da consciencia moral da humanidade, constantemente atacada pelo commodismo materialista.

E seja o Brasil o conductor dessa lucida cruzada de almas que levará, na America, os destinos humanos a uma phase de maior serenidade, de fundas convicções, de maior gloria e de maior belleza."

— CONFERENCIAS DE EDUCAÇÃO —
Editado pela "Associação de Professores" de Natal, registramos a recepção do volume em que a elite do magisterio potyguar enfeixou os trabalhos na 2ª semana Brasileira de Educação, realizada entre 7 e 13 de outubro do anno p. p.

A "Associação de Professores" do Rio Grande do Norte está feita um excellente órgão de orientação pedagogica, por isso que os seus elementos pessoas são os nomes mais representativos das boas letras do Estado.

Entre elles está uma das mais curiosas figuras de intellectual, ao mesmo tempo historiador, folclorista, ethnologista, geographo, advogado, estheta e pedagogista da mais segura erudição, o Dr. Luis da Camara Cascudo, director do Atheneu Norte-Riograndense (Gynasio).

Esse interessantismo certame educacional se deveu ao Dr. Amphiloquio Camara, inspector federal junto ao Atheneu e um entusiasta do actual movimento de renovação pedagogica que estende a todo o pais, a sua necessaria realidade. A esse movimento verdadeiramente patriótico, a familia potengy não podia ser estranha, graças aos brilhantes expoentes da sua mentalidade, e a quem a "Sociedade Brasileira de Educação" do Rio teve a fortuna de poder alliciar como collaboradores providenciaes do seu admiravel programma de concorrer para a educação do Brasil.

Tem esse volume o seguinte sumario: *Educação intellectual* — Dr. Aducto Camara; *Educação domestica* — Dr. Varella Santos Junior; *Educação professional* — Dr. Oscar Wanderley; *Educação physica* — Dr. Elyseu Vianna; *Educação civica* — Dr. Luis Antonio; *Educação artistica* — Dr. Luis da Camara Cascudo; *Educação moral* — Padre Luis Monte.

—: X:—

BOLETIM DE EDUCAÇÃO PÚBLICA —
Entre as publicações ultimamente recebidas por nós, figura o *Boletim de Educação Publica*, órgão da Directoria Geral da Instrução Publica do Districto Federal.

Revista trimensal, correspondente aos meses de janeiro a março deste anno, traz no seu primeiro numero a perspectiva de um triumpho completo, quer pelo que diz respeito á feição material — de uma elegancia irrepreensivel em arte graphica, — quer pela variada e prestigiosa collaboração que insere.

O *Boletim* é uma das instituições auxiliares criadas pela ultima reforma da instrução publica da capital federal, e é destinado á divulgação de trabalhos technicos originaes, de pesquisa, orientação pedagogica e de cultura geral, com uma resenha do que ha de mais util e novo em materia didactica no pais e no estrangeiro.

Não se circunscrevendo ao âmbito de mero boletim informativo de actos officiaes, ou registo estatístico, ou ainda simples repositório de temas e exercicios para docentes e discentes, (segundo as suas palavras de apresentação), o *Boletim* se propõe estudar os grandes problemas da educação e do ensino da actualidade brasileira, de modo que concorra segura e efficientemente para uma solução benemerita.

A' frente da Instrução Publica do Districto Federal está o Dr. Fernando de Azevedo, eminente humanista paulistano, com uma bagagem litteraria de indiscutível valor, e a quem o Dr. Prado Junior, intrepido chefe do Executivo Municipal do Rio de Janeiro, deve a renovação forte e intelligente do seu aparelho pedologico.

Esse primeiro *Boletim* traz o retrato do Dr. Prado Junior e numerosos *clichés* de projectos de predios escolares, entre os quaes o da Escola Normal do Districto Federal, em estylo colonial, exotico, mas de perfeito acabamento architectonico; nos outros varios projectos se reflecte nitidamente a preocupação da reforma do ensino carioca, de dotar as suas escolas de sedes construidas a capricho e de accordo com as ultimas exigencias da moderna pedagogia, sob a mentalidade nova que preside á sua integral execução.

Intellectualmente, o *Boletim* honra a nossa litteratura, pois, entre os seus collaboradores estão os nomes mais illustres do nosso actual momento litterario:

Dr. Fernando de Azevedo — *A Escola Nova e a Reforma e A nova politica de edificações escolares.*

Dr. Jonathas Serrano — *O cinema educativo.*

Dr. Everardo Backkeuser — *Museus escolares.*

Dr. Carlos Werneck — *O cinema e as sciencias.*

Dr. Frota Pessoa — *As criações da Reforma.*

A secção bibliographica, *Através*

das *Revistas*, foi confiada, esse numero, ao Dr. Ev. Backkeuser e ao Prof. Venancio Filho, trazendo informações criticas curiosissimas e de inestimavel valor.

Registramos com especial agrado o exemplar que nos foi remettido, e desejamos que a visita do *Boletim* nos chegue sempre com a indefectivel regularidade.

—:X:—

Na Escola Remington No dia 26 de janeiro, a Escola Remington Official realizou a entrega dos diplomas dos alumnos que concluíram o anno passado o curso de *Dactylographia*.

Foi diplomada uma turma de 15 *Dactylographos*, entre rapazes e senhoritas do nosso meio, da qual foi paronympho o Sr. Dr. Jorge de Lima, professor de Historia Natural da nossa Escola Normal, nome de excepcional relevo nas letras do pais e nosso collaborador.

A banca examinadora foi constituída do Prof. Auryno Maciel, Dr. Vergilio Guedes e Sr. Franklin de Vasconcellos, fiscal por parte da Casa Pratt, á qual está subordinada a organização technica da Escola.

Perante numerosa assistencia de pessoas da nossa alta sociedade foram distribuidos os premios — uma medalha de ouro e outra de prata, que couberam respectivamente á Sta. Salvia Machado e Sta. Sylvia de Lemos Nolasco, que alcançaram a "1.^a posição" ou "1.^o logar".

Conquistaram a "2.^a posição": Alecia Albuquerque, Gamaliel Costa, Zelia Menezes, Maria de Lourdes Costa, Adalgisa Sampaio e Judith Portella.

A "3.^a posição": Helena Guimarães, Eloy de Lemos França, José Ferreira da Guia, Maria Celina de Andrade e Aloysio Leite.

A "4.^a posição": Noemia Quintella e Nelson Albuquerque.

Após a entrega dos diplomas, o Prof. Auryno Maciel, representando o paronympho, saudou a turma de

diplomados, estendendo os seus parabens á distincta e infatigavel directora da Escola, Sta. Maria de São José Lessa, a cujo espirito de ordem se deve o novo brilho daquelle importante estabelecimento de ensino profissional.

Em seguida teve a palavra a Sta. Sylvia de Lemos Gonzaga, oradora official dos diplomados, que pronunciou o seguinte discurso:

“Meus senhores.
Minhas collegas.

Eu desejava dizer muitas cousas bonitas neste momento; infelizmente, porém, a má escolha que fizestes e que aqui me trouxe, é simplesmente a causa do meu querer e não poder.

Mas seja lá como fôr, eu acceitei o mandato: é necessario que o cumpra. Bem sabemos que o dever tem exigencias crueis. Do desastre, a culpa é vossa, porque movidas pela vossa bondade e gentileza, improvisastes-me oradora, sem que jamais eu vos houvesse dado a prova mais insignificante de tão altos dotes.

Bem sabeis que para tanto se faz mister muito saber, para melhor dizer...

Minhas prezadas collegas, e meus senhores, é motivo de justas alegrias o exito feliz que se alcança em qualquer empreendimento.

Nós estamos scientes de que a vida é áspera, tem difficuldades que devem ser vencidas, trincheiras que devem ser galhardamente transpostas.

Na grande luta que se trava nos planos da existencia, vence sempre o mais forte. Mas esta fortaleza não é exclusivamente muscular, não é uma luta de selvagem. É a luta de intelligencias.

Precisamos de aptidão e é esta a grande força, no *entrevêro* das competições.

Com ella é que se alcançam triumphos. A mulher, não está excluida desses combates formidaveis para a conquista de nobres posições.

Precisa ella permanecer sempre e

sempre na vertical da decencia. Conservar a integridade da virtude, pelo amor ao trabalho que ennobrece.

As mulheres vão libertando-se honestamente de velhos preconceitos derivantes da velha e defeituosa educação que lhe atrophava a intelligencia, diminuindo-lhes as possibilidades. Mas, não obstante tudo isto, mulheres eminentes se evidenciaram pelo seu alto saber, como Sophia Germano que foi a maior geometra do seu tempo, e, nos nossos dias, vemos-as brilhando em todos os departamentos da actividade humana.

A efficiencia do seu trabalho não se contesta. Seus feitos, sua cooperação nas artes, nas letras, nas industrias e nas sciencias, falam eloquentemente...

Disse Augusto Conte *que o homem tem a obrigação de sustentar a mulher...*

Isto é muito bonito, não resta a menor duvida; mas, a mulher como o homem, deve ser a artifice de sua dignidade, a guardiã cuidadosa de suas virtudes.

Precisa, nas grandes batalhas que se travam nos campos da luta que é a civilização, vencer honestamente, e só pelo trabalho perseverante, intelligente e probo poderá triumphar.

Conscientes dessas verdades, nós estamos satisfeitos neste dia. Conquistamos mais uma arma, para nos entregarmos decididas na nobre conquista do Pão!

Minhas collegas e meus collegas, sempre para frente...

Os que melhor se aparelham para a luta têm mais probalidades de vencer...

Agora, em meu nome e no nome de meus collegas agradeço a distincta directora desta Escola, bem como aos demais professores, o zelo e a solici-tude com que nos guiaram em nossos estudos.

E a vós, meus senhores, e minhas senhoras, muito gratos somos pela honra que nos destes, trazendo a esta modesta festa o brilho de vossa presença.”

Concurso de Calligraphia ambidextra

O Director do Departamento Geral da Instrucção Publica no intuito de desenvolver o gosto do estudo de Calligraphia e com o interesse de avaliar o desenvolvimento que tem tido essa disciplina nas diversas escolas publicas deste Estado, organizou um Concurso de Calligraphia ambidextra, entre os alumnos do 3º anno das Escolas Isoladas e os do 3º e do 4º anno dos Grupos Escolares, nas seguintes bases:

I — O Concurso será aberto no proximo dia 19 de março e encerrar-se-á no dia 19 de abril, do corrente anno.

II — O thema "modelo" será o seguinte:

Domingos Fernandes Calabar nasceu em territorio alagoano, em Porto Calvo, e sua mãe se chamou Angela Alvares.

Estudou no Collegio dos Jesuitas, conseguindo uma instrucção acima do nivel da commum nos homens melhores do tempo.

Antes da invasão hollandesa, era agricultor abastado, senhor de três engenhos de assucar.

III — As provas serão feitas numa folha de papel almasso, assignadas pelo candidato, com a sua idade, matricula primitiva e actual, o nome da Escola e a assignatura do professor.

IV — Cada candidato fará duas provas separadas, uma escripta pela mão direita, com o typo vertical, e a outra pela esquerda, com o typo de letra á vontade do candidato.

V — Os alumnos do 3º anno das Escolas Isoladas e dos Grupos, e os do 4º anno dos Grupos, classificados nos 1º, 2º e 3º logares, terão premios.

As provas de cada candidato serão enviadas á Directoria da Instrucção pelo seu respectivo professor.

A Directoria recommenda aos senhores professores o maior empenho para o melhor exito desse certame que não somente revelará o provei-

tamento da criança, como tambem o esforço do professor, além de mostrar o excepcional rendimento desse methodo na nossa organização pedagogica.

—:X:—

Conselho de Ensino

No dia 18 de dezembro pp. reuniu-se em sessão ordinaria o Conselho de Ensino do Estado, a quem estão affectos os trabalhos de orientação geral da nossa Instrucção Publica primaria e secundaria.

Sob a presidencia do Sr. Dr. Sidronio Augusto de Santa Maria, Director do Departamento Geral da Instrucção Publica e da Escola Normal, séde do Departamento e da Escola e tambem do Conselho, os trabalhos correram na boa ordem habitual.

Compareceram o Dr. Santos Ferraz, Vice-Director da Escola; prof. Hygino Bello, lente de Pedagogia e Psychologia; os drs. Cerquinho Nunes, Director do Grupo Escolar "Fernandes Lima"; Eduardo Magalhães da Silveira, Director do Grupo "Diégues Junior"; José Jeronymo de Albuquerque, Director do Grupo "D. Pedro II"; Professora D. Celina Batinga, Directora do Grupo "Thomás Espindola", Prof. João Bernardino da Costa, Director do Grupo "Cincinato Pinto".

O Exmo. Sr. Dr. Adalberto Marroquim, Secretario do Interior e Presidente natural do Conselho, excusou-se de comparecer por motivo justificado.

Foram nomeadas três Comissões: a primeira, composta dos prof. Hygino Bello, João Bernardino e D. Celina Batinga, para rever a relação dos livros adoptados nos Grupos e Escolas Isoladas; a segunda, composta dos Drs. Cerquinho Nunes, José Jeronymo de Albuquerque e Eduardo Silveira, para elaborar os Programmas do Ensino Primario, nos Grupos e Escolas Isoladas; a terceira, composta dos profs. Hygino Bello, D. Celina Batinga e Joao Ber-

nardino, para dar parecer sobre os livros didacticos apresentados á consideração do Conselho, afim de serem regularmente adoptados nos estabelecimentos officiaes de educação e ensino.

No dia 27 do mesmo mês realizou-se outra sessão do Conselho, á qual compareceram os mesmos membros.

As Comissões desincumbiram-se dos seus encargos, apresentando ao plenario os programmas de ensino, a relação dos livros adoptados nos Grupos e Escolas Isoladas, e os pareceres sobre as obras didacticas dadas ao exame do Conselho.

O prof. Hygino Bello foi o relator da terceira Commissão, pela qual layrou os seguintes pareceres:

I — Tendo de apreciar o valor didactico e pedagogico das seguintes obras para o ensino primario, "Pequeno Atlas do Brasil", "Nossa Patria", "Lições de Historia Geral", "Primeiro", "Segundo" e "Terceiro Livro" de Leitura", "Geographia Primaria" e "Pequena Historia do Brasil" do Dr. Mario da Veiga Cabral; depois de considerá-las em todos os seus aspectos, o valor pedagogico, e a didactica seguidos nas citadas obras: somos de parecer que sejam approvadas e recommendadas nas Escolas Primarias e Grupos deste Estado, como obras que satisfazem perfeitamente a educação moderna da infancia. — (a) *Hygino Bello, Celina B. Batinga, João Bernardino da Costa.*"

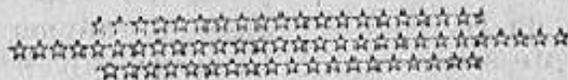
II — "Apreciando devidamente as obras didacticas, "Grammatica da Lingua Nacional" para o ensino secundario, e "Grammatica Nacional" (2ª edição) para o ensino primario, ambas de autoria do Dr. C. Porto

Carreiro: concluimos que ellas são dignas de ser adoptadas neste Estado, como obras de grande valor no ensino da lingua portuguesa, pela clareza, methodo, justeza de conhecimentos revelados pelo seu illustrado autor. — (a) *Hygino Bello, Celina B. Batinga, João Bernardino da Costa.*"

III — "Entrando em apreciação sobre as obras didacticas, "Alma" do consagrado escriptor Coelho Netto, "Memorias de Joãozinho" de Fabio Luz, "Paginas Brasileiras" e "Paginas Cariocas", de Nelson Costa: achamos que são dignas de ser adoptadas pela Instrucção Publica do nosso Estado.— (a) *Hygino Bello, Celina B. Batinga, João Bernardino da Costa.*"

IV — "Fazendo um estudo demorado das obras "Analyse logica no Curso primario pelo processo de diagrammas", "O nosso governo" e "Lições de Historia do Brasil" para o 1º anno do curso primario pelo sr. José Scaramelli: somos de parecer que as referidas obras devem ser adoptadas nos nossos estabelecimentos de educação e ensino. — (a) *Hygino Bello, Celina B. Batinga, João Bernardino da Costa.*"

V — "Apreciando devidamente, em todos os seus aspectos pedagogicos, as seguintes obras, "Compendio de Historia do Brasil", "A Europa Actual" e "Compendio de Chorographia do Brasil" para a instrucção secundaria e normal do dr. Mario da Veiga Cabral: somos de parecer que ellas devem ser adoptadas e recommendadas entre nós, pela clareza, proficiencia e valor que representam. — (a) *Hygino Bello, Celina B. Batinga, João Bernardino da Costa.*"



Departamento Geral da Instrução Publica de Alagoas

Estatística dos Grupos Escolares da Capital e do Interior

2º. SEMESTRE DE 1929

Números	MUNICÍPIOS	Denominações	N. de alumnos matriculados		TOTAL	Frequencia Média		TOTAL	Obs.
			Masc	Fem.		Masc	Fem.		
1	Maceió	G. E. "D. Pedro II"	107	171	278	82	146	230	
2	"	" " "Fernandes Lima"	143	149	292	118	127	245	
3	"	" " "Cincinato Pinto"	56	87	143	32	59	91	
4	"	" " "Diegues Junior"	109	203	317	87	160	255	
5	"	" " "T. Espindola"	79	158	237	51	129	180	
			494	773	1.267	370	631	1.001	
	Interior								
1	Capella	G. E. "T. Cabral"	139	136	275	112	116	230	
2	Camaragibe	" " "Ambrozio Lyra"	71	91	162	35	72	107	
3	Pilar	" " "Oliveira e Silva"	120	57	177	33	95	133	
4	S. L. do Quit.	" " "M. de Gusmão"	118	142	260	96	112	208	
5	União	" " "R. Cavalcante"	114	137	251	77	103	180	
			562	563	1.125	358	500	858	

Total Geral

2.392

1.859



Departamento Geral da Instrucção Publica de Alagôas

Mapa comparativo da matricula e frequencia media das Escolas Isoladas e Grupos Escolares em 1928 e 1929

1928

CLASSIFICAÇÃO	Numeros de Escolas			Numero de alunos matriculados	Frequencia Média	Observações
	RURAES	URBANAS	TOTAL			
Escolas Isoladas.	225	107	332	25.593	18.685	
Grupos Escolares.		10	10	2.419	1.849	
Total Geral.	225	117	342	28.012	20.534	

1929

CLASSIFICAÇÃO	Numero de Escolas			Numero de alunos matriculados	Frequencia Média	Observações
	RURAES	URBANAS	TOTAL			
Escolas Isoladas.	185	152	337	24.759	18.647	
Grupos Escolares.		9	9	1.960	1.491	
Total Geral.	185	161	346	26.719	20.138	

Annuario Commercial Illustrado de Alagoas

EDIÇÃO DE 1929

Completas informações commerciaes
e industriaes sobre o Estado, com
uma ampla synopse da vida municipal,
especialmente sobre o commercio
e a industria da capital

Preço 20\$

Pelo correio mais 2\$

PEDIDOS A

GAMA & Cia.

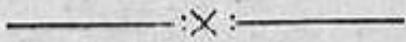
Rua 15 de novembro 418 -- SALA 2

— Telegr. ARGOS — Maceió —

ESTADO DE ALAGOAS

INDICE

<p>Dr. Antonio de Sampaio Doria</p> <p>J. L. Ferreira Pinto</p> <p>J. Travassos Vieira</p> <p>Rosalia Sandoval</p> <p>Auryno Maciel</p> <p>Evaristo Leitão</p> <p>Belisario Moura</p> <p>Austro-Costa</p> <p>Moreno Brandão</p> <p>Povina Cavalcanti</p> <p>Ignesia Diégues Serva</p> <p>Consuelo de Lima Avila</p> <p>Frederico Ayer</p> <p>Mucio Seévola</p> <p>Telcidia de Araujo Lima</p> <p>Marco Polo</p> <p style="text-align: center;">VADEMECUM DO PROFESSORADO:</p> <p style="text-align: center;">REVISTA DAS REVISTAS:</p> <p>Durval Calheiros</p> <p>Reis Carvalho</p> <p>N. Souza Pinto</p> <p style="text-align: center;">VIDA ESCOLAR:</p> <p style="text-align: center;">NOTICIARIO:</p> <p style="text-align: center;">ANNEXOS:</p>	<p><i>Formação da Linguagem</i> 3</p> <p><i>Palesera sobre o Sol</i> 11</p> <p><i>Estados phisicos dos corpos</i> 27</p> <p><i>O primeiro dia de aula</i> 29</p> <p><i>Historia de Alagoas</i> 30</p> <p><i>Cultura da Canna de assucar em Alagoas</i> 33</p> <p><i>Variacões sobre os seres vivos</i> 36</p> <p><i>Nocturno</i> 42</p> <p><i>Galicismos</i> 44</p> <p><i>Reconciliação</i> 53</p> <p><i>O dia da Constituição federal</i> 55</p> <p style="padding-left: 2em;">" " " " " " 55</p> <p><i>A Onca e o Coelho</i> 58</p> <p><i>O valor economico da mastigação</i> 60</p> <p><i>Contra as bebidas alcoolicas</i> 63</p> <p><i>Ensine seu filho a ser pobre</i> 65</p> <p><i>Excerpto do Regulamento da Instrucção Publica do Estado de Alagoas</i> 67</p> <p><i>Diodoro, não Deodoro</i> 70</p> <p><i>A lingua mais falada do mundo</i> 71</p> <p><i>A Lei da Separação</i> 77</p> <p><i>Cicero, homem de negocio</i> 77</p> <p><i>O medico escolar</i> 78</p> <p><i>Movimento da Instrucção Publica do Estado de Alagoas</i> 79</p> <p><i>Ferriados Estaduais e Federaes</i> 85</p> <p><i>Dr. Antonio de Sampaio Doria</i> 86</p> <p><i>Bibliographia</i> 87</p> <p><i>Na Escola Remington</i> 89</p> <p><i>Concurso de Calligraphia ambidextra</i> 92</p> <p><i>Estatistica das Escolas Publicas Primarias no 2º semestre de 1929</i> 93</p> <p><i>Idem idem dos Grupos Escolares</i> 94</p> <p><i>Mappa comparativo da matricula e frequencia media das Escolas e Grupos em 1928 e 1929</i> 95</p>
--	--



Cerquinho Nunes

ADVOGADO

Acceita causas civeis e criminaes na capital e no interior

Encarrega-se de recebimentos de professores e funcionarios publicos do interior do Estado

ESCRITORIO :

Rua do Livramento n. 153

MACEIÓ